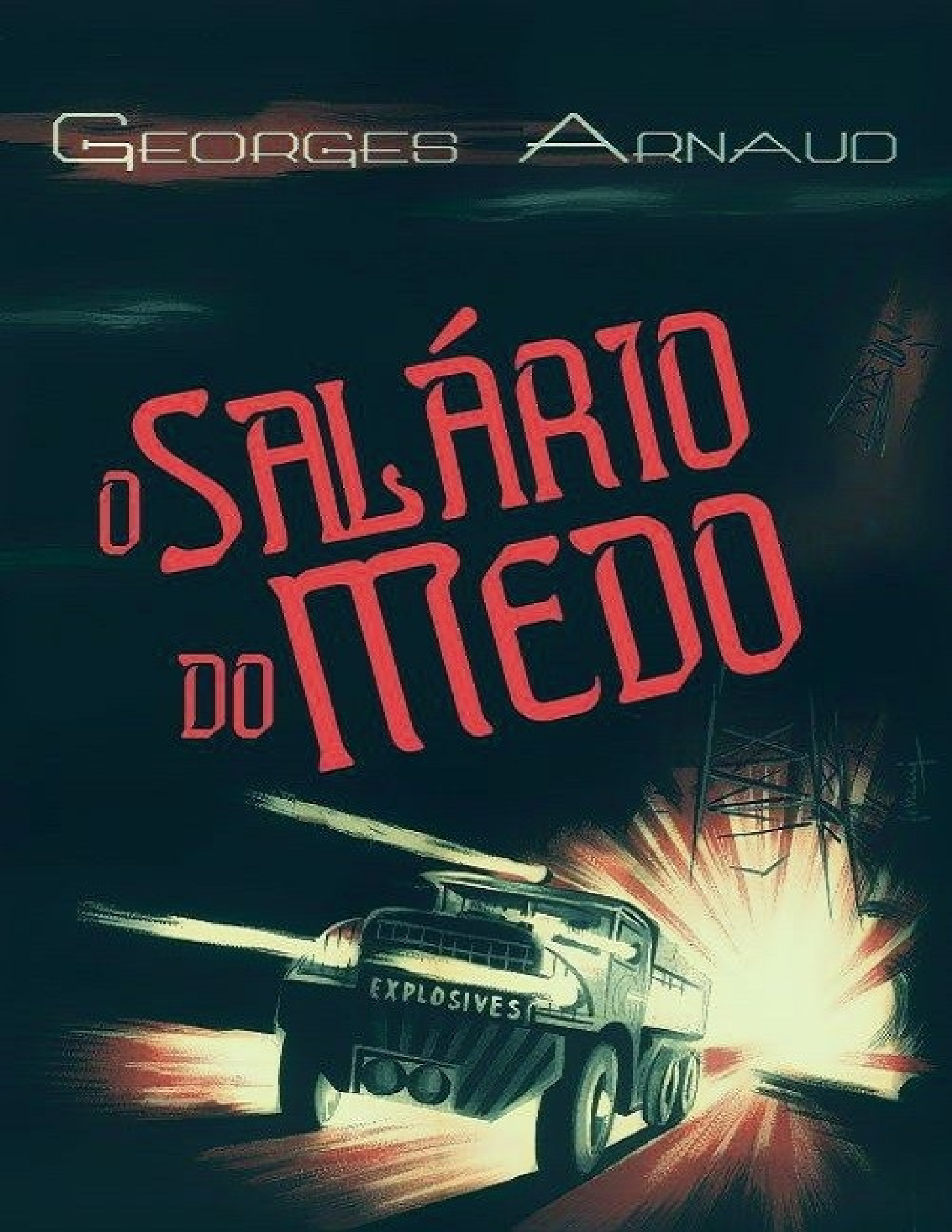
GEORGES ARNAUD

O SALÁRIO DO MEDO



GEORGES ARNAUD

1917-1987

O Salário do Medo

Le Salaire de la Peur

1950

GEORGES ARNAUD
O salário do medo
Tradução de Manuel Mendes
Cultural
Título original: Le Salaire de la Peur, 1950
Copyright by René Julliard, Paris.
1ª edição — maio 1975 (c)
Copyright desta edição, 1975
Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo.
Tradução publicada com licença da
Editora Difusão Europeia do Livro, São Paulo.

Sinopse

GEORGES ARNAUD é o pseudônimo literário de Henri Girard, filho do historiador Georges Girard. Nasceu em Montpellier, em 1918. Estudou direito. Viajou muito, sobretudo pela América do Sul. O patrimônio de experiências acumulado nessas viagens em muito enriqueceu sua obra literária.

Estreou como romancista em 1950, justamente com *O Salário do Medo*, a que se seguiram três romances (*Le Voyage du Mauvais Larron*, 1951, *Lumière de Soufre*, *Les Oreilles dans le Dos*, 1953), uma coletânea de contos, duas peças de teatro, além de reportagens e depoimentos. Personagem aventureira, irrequieta, explosiva, imprime essas características ao seu estilo, mais provocante do que comedido, tumultuoso, às vezes áspero, mas também cheio de ação, suspense.

O Salário do Medo é bem uma ilustração de tais características. Num país da América Central, o acaso junta um bando de aventureiros dispostos a tudo por uma boa soma de dinheiro que lhes permita gozar a vida. Essa oportunidade se apresenta a quatro eleitos, todos europeus, que terão de transportar uma carga de explosivos destinada a extinguir incêndio num dos poços da companhia petroleira Crude. Nessa longa e louca viagem os quatro homens vivem o medo sob as mais variadas formas. E o único sobrevivente acaba vítima da alegria de viver.

Le Salaire de la peur (O Salário do Medo) rendeu filme franco-italiano lançado em 1953, dirigido por Henri-Georges Clouzot, com Yves Montand.

A meu velho Georges.
Morto en 1941.

Advertência

Os apaches fora de moda mandam tatuar na testa a palavra "Fatalitas". Mas o fatum latino nada tem a ver com esta hedionda e cega má sorte, com que gostam de explicar as suas mortificações. O destino sabe o que faz. É até meticuloso.

Um tropical tramp, *mais dia menos dia, deixa uma perna nas goelas de um tubarão; pega lepra; metido num escafandro, pesquisa diamantes nas areias de um rio de seis metros de profundidade, com um equipamento duvidoso nos postos de segurança. Não é por acaso que se aceitam estas profissões. Quantas pessoas a quem tal coisa nunca podia acontecer...*

No berço é que o destino toma conta dos homens.

A cada um destes homens está por vezes reservado um encontro com a própria morte. Ela apresenta-se nas mais diferentes fisionomias. Insidiosa, melancólica e baça, nos dias de doença e miséria; muda, fluida, também; ou então aos uivos e ostensiva. É, na noite, um triângulo no céu onde se não vê nem uma estrela. É, nas margens de uma ribeira clara como as da Europa, o parasita mortal que lhe roerá as carnes. Pode ser outra coisa. O assunto deste livro, por exemplo.

Nem sempre é a morte que vence. Desde que ela se apresente, porém, a palavra "lá" ganha o seu significado. Esquecidas, desmaiadas, as gentes e as coisas de lá: de antes. Sobre elas, as portas fecharam.

Então, sem laços exteriores, sem adornos — pelo menos se existem não tem importância — a tragédia enreda-se entre o homem e o medo que, fugindo da sua prisão, arrasta consigo, volens, nolens; em boa linguagem: Invitus invitam... Para exprimi-lo, os desgraçados rejeitaram as verdadeiras palavras; empregam a blasfêmia e a injúria.

Da mesma maneira, recusam-se a pensar; a alma não lhes interessa.

Entre eles, o homem inteligente é aquele que acerta com o bom momento. A sensibilidade não deixa de ter lugar ao volante de um caminhão. Há também lirismo na enxada e no tabuleiro onde se lavam as areias auríferas.

À flor da terra, vivem sob o sol dos trópicos, como sombras chinesas, uma existência viril e trivial. Esfolaram até a secura o falso pitoresco do prestígio de que se revestiam.

Tal é a poesia do risco assalariado.

G. A.

Não queiram encontrar neste livro aquela exatidão geográfica que não passa de um logro: a Guatemala, por exemplo, não existe.

Eu sei, vivi lá.

G. A.

1

Cinco, dez toques da campainha do telefone no escritório do patrão, nas barracas de madeira do campo de Las Piedras. Empregados enervados, aos encontrões, circulavam a toda a pressa de um compartimento para o outro, e as portas móveis de molas agitavam.

— Sim... Sim... Esta noite... Não, não fui ainda lá pessoalmente. Preveniram-me muito tarde. Rynner está em estado assustador, sofreu uma forte comoção nervosa.

Naturalmente, a sua responsabilidade pessoal está coberta. A comissão de inquérito? Com certeza, na quarta-feira. O depoimento dos índios? Só ficou um, o outro morreu quando a ambulância chegou. O outro... O seu depoimento será conforme ao de Rynner, naturalmente: o que deve ser e nada mais. O que, a fatalidade não existe? Com toda certeza. Sim, para a imprensa. Vão já serrazinar-nos os ouvidos. De resto, é mais fácil a vocês do que a nós fazer o que é preciso... Treze índios mortos, imagine... Não param de nos cha... Com o diabo dos encargos de segurança. As pensões? O menos possível, naturalmente. Eu volto a telefonar esta tarde.

Raio de complicação. Por um lado, teria sido melhor que Rynner fosse atingido e ficasse meio idiota.

Completamente indemne, teria sido terrível para ele e para a companhia, em contrapartida.

— Uma chamada de Toronto, para o senhor Rynner, patrão. O que é que respondo?

— Quem é?

— A mãe.

— Um relato sucinto do acidente o o boletim do hospital. Que maçada! Isto aqui não é instituto para consolação de velhotes, é a Crude and Oil Limited. Que dê o número do telefone. Se morrer nós a avisaremos.

O secretário do patrão não gostava de tomar iniciativas. Um relato sucinto, era fácil de dizer. As coisas estavam ainda muito frescas: eram da véspera.

Naquela noite, como em todas as noites, havia três meses.

Naquela noite, no meio da planície do petróleo de Zulaco, a escuridão estava balizada de silhuetas elegantes: os poços, as torres das brocas, iluminadas com grinaldas de lâmpadas elétricas.

A equipe do Dezesseis está a trabalhar. Um motor Diesel alimenta a instalação de luz, de energia elétrica e de ar comprimido. Ao longo das pequenas vigas, a uma altura de quinze metros, veem-se pontos luminosos e alguns projetores. Quando o regime do motor Diesel diminui, a luz baixa. Ao centro, vertical, rodando como um parafuso, um tubo de sondagem enfia-se pouco a pouco na lama gorda do poço, que dois caminhões-pipa alimentam de água. A cem voltas por minuto, quinze metros de brocagem realizam-se em vinte minutos.

Com capacetes de alumínio, os mestiços, tronco nu brilhando de suor, vão e vêm em torno do monstro que eles alimentam de água e de mazute. Sempre que um pedaço de tubo enfiou inteiramente na terra, o mecânico desembraia. As instalações da Crude, do guindaste Dezesseis, são vetustas. É puxando a braço as cordas das roldanas que os quinze homens do poço levantam na vertical um novo elemento da canalização. Um longo mastro, a toda a altura do poço, eleva-se oscilante e pouco firme. Um acrobata, armado de um pedaço de corda e de uma chave especial, de grande abertura, agarra-o no ar, inclina-se, preso pelos pés, e leva o tubo até a boca de uma ponta que apenas emerge do solo. O seu ajudante mantém o tubo nessa posição, enquanto o homem com a chave trepa pela estrutura e desprende com a

tenaz de aço as presas da roldana. Prudentemente, os que debaixo puxam pelas cordas, afastam. Lá em cima, o índio está só, em luta com o metal escorregadio do tubo. Apertando-o com toda a força contra o peito, desloca-o com um esforço de todo o corpo. A corda, com a qual se amarrou à ossatura da torre, aperta-lhe as costelas, o diafragma, a cintura. Se falhar a manobra, ficará esmagado entre as traves e a vara de ferro da sonda. Um esforço mais. O tubo ficou no seu lugar. O mecânico puxa a alavanca que comanda o dispositivo da máquina. Depois ouve-se um pequeno estalido. Preso na engrenagem de que está munido o volante, o tubo da sonda começa a rodar solidário com os que se encontram já colocados. A sessenta, oitenta, cem voltas por minuto, ele entra por sua vez no solo, enquanto o índio que o colocou no seu lugar se desprende e desce. Não há tempo a perder com tudo isto: há um prêmio de rapidez, calculado pelo número de tubos que a equipe conseguiu colocar durante as dez horas de trabalho.

O suor, por vezes o sangue desses homens, são necessários para o bom andamento da máquina. Toda a noite a sofrer calor e sono para esperar um novo dia.

De vinte em vinte minutos, entre a colocação de cada tubo, o engenheiro-chefe examina uma amostra da lama. Faz essa análise à luz do projetor, examinando consistência e densidade. Se é necessário, usa os instrumentos dispostos na bancada do mecânico. O menor erro é perigoso. Se a perfuração está em terreno muito seco, o tubo perfurador pode aquecer e quebrar com a temível têmpera do aço. Os pedaços lançados através do espaço, pela tensão do metal e pela rotação do motor, vão matar os homens e podem até derrubar a estrutura. Se a lama é líquida demais e a sonda atravessa uma bolsa antes de atingir o mineral, uma bolha de gás incendiário subirá com um gorgolejo gigantesco, derrubando a torre e se inflamando à menor faísca nas velas do compressor, numa partícula de metal incandescente que o atrito arranque, seja do que for. Então...

Rynner, o chefe da seção, está inquieto. Naquela noite há qualquer coisa que não anda bem. Duas vezes já, ligeiras bolhas se formaram na bacia de perfuração. Não se atreveu a aproximar-lhes uma chama viva. Pareceu-lhe que cheiravam a petróleo. Mas o vento que varre a planície traz consigo o cheiro adocicado do petróleo. É, portanto, difícil estabelecer a diferença.

Não muito longe, o poço de gás de Anaco, o mais potente do mundo, ilumina a planície com um facho que dá uma cor acobreada a todas as sombras. Rynner bem que queria ver de volta o segundo caminhão-pipa que partiu já há muito tempo, para se reabastecer no riachinho. O que alimenta a obra está quase vazio. Rynner não se atreve a interromper o trabalho. Nos percentuais de lucro, é ele que tem a parte de leão. Sobe para a camionete e vai à procura do caminhão que espera.

Em virtude do horizonte, que em toda a volta a rodeia de uma altura uniforme, a planície parece perfeitamente lisa. Mas na verdade é constantemente cortada por vales.

Uma vez fora das luzes superiores do guindaste, é difícil de encontrar o caminho. O fogo de Anaco, demasiado intenso e ao mesmo tempo difuso, cujos reflexos só se veem no céu, constitui um mau ponto de referência. Não se veem senão os rastros. Justamente no encontro de duas pistas, os traços das rodas divergem bruscamente.

Rynner Para o carro, desce e com a luz dos faróis tenta encontrar o caminho. Difícil: os dois caminhões que fazem o serviço da água são do mesmo modelo e têm o mesmo tipo de pneus. As duas séries de traços parecem recentes.

— O que é que este imbecil fez? A estrada boa é a da esquerda.

O engenheiro mete por essa estrada e segue-a durante um tempo que lhe parece imensamente lento: é de noite e ele sente-se inquieto. Chega ao posto da água. O caminhão-pipa devia estar aí. De pé, junto da camionete, corta a noite com o feixe do farol móvel. Não vê nada, nem mesmo a bomba, apesar de ouvir o motor. Pragueja baixinho.

O calor aumentou mais, mas a camisa encharcada de suor gela-lhe as costas, por causa do vento que sopra. São os alísios, os ventos mornos... Acende um cigarro e vê as horas. Dentro de vinte minutos a água deve chegar ao local de trabalho.

Depois de subir para a camionete, Rynner põe-na em andamento e recomeça a procura, parando por vezes para escutar. O ruído da bomba não deixa de se ouvir. O caminho segue agora o curso do ribeiro. O terreno é mau e as rodas patinam. A certa altura tem que parar. Uma elevação de areia dura raspa no fundo do radiador, mesmo em frente da camionete. O motor diminuiu a rotação. As rodas de trás enterraram-se até o meio. Felizmente traz consigo a pá, uma pá grande e forte, e que as correias mantêm no seu lugar, junto à porta da esquerda. Primeiro o homem ataca o obstáculo que tem em frente. Depois cava debaixo de cada uma das quatro rodas uma espécie de plano inclinado. Enche o fundo com ervas secas, arrancadas a mão, em volta de si. Pouco habituado a este gênero de trabalho, fá-lo com excessiva precipitação, mal e transpirando cada vez mais. Não adianta. Ao voltar, passaram dez minutos, e cem metros mais longe, o caminhão vem direito a ele e Para. Rynner pula no estribo e mete a cabeça na cabine.

— Depressa, depressa, quase que não há água lá embaixo.

O motorista ergue a cabeça e parte sem responder. Também nele o suor lhe corre pela testa.

— Mas o que há esta noite, para estar tão quente? — pensa o engenheiro.

Retomou o volante. Diante de si, o pesado caminhão, o que o impede de patinar, roda tao depressa que é impossível segui-lo. De resto, uma nuvem de poeira, arrancada do solo, cega Rynner e seca sua garganta.

Para e deixa que o outro se afaste. Agora mais calmo, tira do bolso outro Camel, acende e dá longas baforadas tranquilas. Com o contato cortado, maquinalmente tateia ao longo do painel e encontra o botão, dá uma volta da esquerda para a direita. O rádio soa por instantes. É o posto de Las Piedras, que emite num raio de trezentas milhas a partir da falésia que se eleva sobre o porto.

Ah! Ah! Ah! — clama o cantor negro que foi a atração do clube da Crude, três semanas antes.

Ah! Ah! Ah! Não posso conter,
O riso
Quando me ponho a ver
De que é feita a minha negra vida.
Ah! Ah! Ah!...

A rádio calou-se subitamente. O silêncio pesado e diabólico da planície tomou conta da noite. Rynner aperta o botão de arranque, uma, duas vezes. Nada. Não tem corrente. A agulha do amperímetro, iluminada com a ponta do cigarro, não reage. O ianque sente-se um estranho, sem lugar neste deserto. A hostilidade das coisas lhe dá medo.

Sai, levanta o capo do mau lado, e encontra por fim a bateria. Alumia-a com a lâmpada elétrica para verificar os fios e as ligações. Tudo parece, no entanto, normal.

Põe em contato diretamente as pontas com o dínamo do starter, raspa o metal. Nada. Nem uma faísca.

Começa a enervar-se de uma maneira singular, esquecendo de todo que é um engenheiro diplomado e experimentado, para quem os motores Ford e o seu equipamento elétrico não são mais do que brinquedos de crianças: "Fucking job".

Ah! voltar para casa, estar ainda na idade escolar e na quinta-feira de manhã amuar! Aborrecido, com gestos de uma violência absurda e mal contida, procura a ruptura do contato. Mais de vinte minutos passam. Era no entanto simples: o fio estava partido no interior do invólucro de borracha. E, naturalmente, não trazia na caixa fio para o substituir.

Empurra a porta com o pé, fica um instante imóvel, depois, inclinando-se sobre o enquadramento do vidro descido, tira de cima do banco, ao lado do seu lugar, os cigarros e os fósforos. O feixe de luz da lâmpada que amarrou à cintura balança-se diante de si. Mergulha na noite.

Sete quilômetros a percorrer. Bem, o segundo caminhão não deve tardar por sua vez a voltar a encher. O que é enervante é ter de olhar sempre para os pés, para ver se se não perde do caminho. Sem isso, o seu passeio noturno não seria tão desagradável. Respira a plenos pulmões, de rosto voltado para o vento. A cada instante estrelas cadentes riscam o céu. Se fosse preciso fazer uma promessa por cada estrela, isso seria de todo impossível. Avança, avança, consultando de vez em quando o relógio para avaliar o caminho já percorrido, e espanta-se de não ver as luzes do poço nem os faróis do segundo caminhão. Inquietações e escrúpulos mortificam seu espírito. No trabalho, apenas ficaram indígenas. O contramestre recebeu instruções precisas, mas Deus queira que não faça asneira com a medição... É verdade que é um homem treinado na rotina das sondagens. Em todo caso é imprudente.

Os reflexos da chama de Anaco iluminam o terreno, mas é uma luz que não dá segurança. Quanto ao furo, está numa cova e só o vê quando já está com o nariz em cima.

O americano para. De repente não vê o rastro das rodas dos caminhões diante de si. Para trás também não: o peso de um homem não é suficiente para deixar marcas nesta crosta de areia endurecida. Por ter estado a olhar para o ar, ei-lo estupidamente perdido. Senta-se um instante e reflete. Um clarão monstruoso revela-lhe bruscamente que não se encontra assim tão longe do seu destino: o poço acaba de explodir.

O clarão diminui, mas não se extingue. No rastro da explosão, pedaços de ferro passam-lhe por cima da cabeça, assobiando, e lembram-lhe a guerra. Horrorizado com o que acaba de acontecer — parece-lhe que foi por sua culpa — Rynner começa a correr. Só o acaso quer que seja para a frente, porque o medo é na verdade mais forte que o desejo, a angústia de ver. Corre; o que quer que seja bate em seu peito; estrebucha na areia, levanta-se duas vezes, dá dois passos, mas cai. Torna a se levantar, as pernas pesadas, cospe lama, continua a andar. O fôlego falta. Obrigado a descansar, estende-se no chão de barriga para baixo, e, com a força de todos os músculos, como num bombardeio, tenta inconscientemente se incorporar à terra.

Os velhos símbolos são sempre verdadeiros. Torna a partir. Três quilômetros o separam do local onde isso aconteceu. Leva quase uma hora a percorrê-los. Quando chega, já não é o belo rapaz sorridente e um pouco ingênuo, que todos os companheiros da Crude conhecem, e olha com espanto um jato de chama a torcer a carcaça do poço. Tem a face ensanguentada e cheia de lama, torceu os pés e perdeu o fôlego a correr na noite, cospe sangue, e não sabe se aquilo lhe vem da boca ou de algum estilhaço...

O fogo parece arder com alegria. O vento leva para centenas de metros, na direção do oeste, um penacho de chamas que secam a terra e a fazem estalar. O vento sopra com força nesse momento, mas o rugido da coluna de fogo, que se eleva no céu, arrastando restos de ferragens, ruge ainda mais forte. O guindaste ficou partido em dois pelo meio, e deitou-se completamente, esmagando com a sua massa incandescente o compressor e as bancadas onde os operários deixam os tachos e as roupas, quando chegam para o trabalho. Em seguida as chamas torceram o esqueleto da torre, que agora levantam na vertical. O poço tem o ar de querer retomar o seu lugar e o seu trabalho. Um pouco mais adiante, o fogo atingiu os caminhões, cujas pipas explodiram. Cinco toneladas de água espalhadas no incêndio de petróleo e gasolina não fizeram senão avivá-lo. Dois ramos de fogo, que em comparação com as grandes chamas parecem irrisórios, completam o espetáculo do desastre.

Ao abrigo do cataclismo, de pé contra o vento, dois índios agarrados um ao outro, como que colados pelos ombros, olham o fogo e uivam palavras irreconhecíveis, palavras do dialeto guaharibo que significam morte e medo. O americano não tem necessidade de compreender a língua para saber. Quatorze camaradas seus ficaram no fogo. Sentem que enlouquecem. Ele também.

Nem sequer pensa em se aproximar da cratera de onde sai essa coluna de chamas, cilíndrica, de contornos perfeitamente nítidos. Rynner pensa com pavor que os dois homens que estão ali denunciarão sua ausência na Comissão de Inquérito. Quatorze já morreram. Esta noite lembra cada vez mais a guerra. Seria tão fácil matar esses dois, e ficar sozinho: poder explicar as coisas a sua maneira. Por escrúpulo,

por falta de caráter, Rynner não se decide. De resto, tudo começa a escurecer em sua cabeça.

Aproxima-se e olha seus rostos. Ambos têm profundas queimaduras e parecem não se dar conta disso. As sobrancelhas e os cabelos arderam completamente. Não choram, provavelmente porque não sabem chorar. Rynner tenta falar com eles.

— Que fué? Que aconteceu?

O seu silêncio diz que não o ouvem. Não querem pensar em nada, a meio caminho da morte dos companheiros e da própria vida.

Seis horas mais tarde, ouve, não muito longe, à esquerda, do lado do horizonte, uma sereia apressada, obstinada. O chefe do poço Dezenove ouviu o ruído da explosão, viu o fogo e telefonou para o campo de Las Piedras. A ambulância da Crude chega. Os enfermeiros descem acompanhados de uma equipe de socorro, sete homens de capacete e vestidos de amianto. Encontram o engenheiro Rynner, da Crude, chefe do setor Dezesseis, acocorado na areia entre o cadáver de um índio e de outro moribundo. "My goodness, my goodness" — repetia o americano.

— Deve ter desligado — disse ele à datilografa sentada na sua frente. — Faça-me o favor...

Naturalmente, era um relato muito incompleto de tudo, o que o secretário de O'Brien transmitia à velha Sra. Rynner. Tinha levado cerca de dez minutos. A quantos dólares o minuto? Chegara enfim às notícias puramente médicas. O mais delicado, sem dúvida.

— Alô! Sra. Rynner? Ah... Ah! Sim. Eis o boletim do hospital... Um instante, por favor.

Pousou o aparelho e folheou um maço de folhas impressas em papel rosa, lendo a meia voz: — Desaparecido, desaparecido, desaparecido... são os guatemaltecos... queimaduras generalizadas de terceiro grau, dupla fratura do crânio... não, o outro índio...

Do outro lado ressoava a voz da velha senhora de Toronto. Mas, àquela distância, o que ela dizia era perfeitamente ininteligível. Não ligou e continuou a procurar.

— Alô, Sra. Rynner? Aqui está o que diz o boletim, Sra. Rynner: congestão cerebral em consequência de ferida profunda no torso. Choque nervoso. Estado grave. Prognóstico reservado. Repito: Estado grave. Prognóstico reservado. Alô. Está ouvindo? Quer ter a bondade de me dizer o número do seu telefone? Em caso de morte, naturalmente... Alô? Está ouvindo? Alô? Sra. Rynner?

Pousou o aparelho. Parecia ressentido.

Num jipe ou em outro carro semelhante, seria necessário contar com dez horas de percurso para chegar ao talado onde na véspera se dera o acidente. O diretor e seus gerentes tinham as nádegas doloridas dos solavancos. Seus pensamentos não se mantinham à altura do acontecimento: a próstata, as hemorroidas davam-lhe cuidado. Algumas dezenas de quilômetros mais longe, o incêndio continuava a devorar o que restava da estrutura de aço.

Quando os dois carros chegaram ao local, o vento soprando na mesma direção, O espetáculo cortou sua respiração. Uma hora depois da partida, tinham começado já a se guiar por uma nuvem de fumaça pesada, que cobria todo o setor do horizonte. "Não há fumaça sem fogo", resmungou O'B — O'Brien, o patrão —, saltando do carro com um gesto jovem que imediatamente lamentou: tinha os rins quebrados e uma perna completamente dormente que cedeu ao seu peso. Quase ia caindo.

O incêndio estava enraivecido, haviam dito os índios. Destruíra tudo. Da carcaça do talado, nada restava. Os sete homens contemplavam-no a cem metros de distância. Alguns punham a mão em pala sobre os olhos para se defenderem do clarão. O chefe do contencioso, um homem forte, de trinta e cinco a quarenta anos, rosto congestionado, tirava um livrinho do bolso e tomava notas. O'Brien, mais homem que os outros, mais dotado para os cataclismos e para a sua desconformidade, achava aquilo

absolutamente cômico. Não se impediu de dizer: — A chatice é que para anotar direito é preciso se aproximar. Para mim já chega. Isso me dá vertigem.

O sotaque irlandês, do qual nunca conseguira se livrar completamente, era nesse dia mais evidente, soando como um insulto suplementar aos ouvidos dos companheiros. O chefe do contencioso ficou ainda mais vermelho. Mas não respondeu, e enquanto o patrão voltava a se sentar no banco da frente do carro e desdobrava despretensiosamente um exemplar ilustrado a cores das aventuras do Super-Homem, ele voltou às avaliações de distância, que ia de vez em quando assentando no pequeno caderno de bolso.

A tromba das chamas parecia arrancar do chão uma matéria dura, espessa, estranha, de que o fogo era feito. Uma coluna de lava em fusão subia muito alto e não se dispersava, enfiando-se pelo teto negro das nuvens. As raras chaminhas que caíam ao alcance da vista tinham jeito mais de estilhaços do que de pingos de fogo. O incêndio existia por si mesmo, vivo, verdadeiro. Por muito curta ou longa que fosse sua vida, tinha uma tarefa assinalada, que era a de se elevar ao céu, correr para o céu. Ele acelerava.

O'Brien voltou para perto do grupo. As verificações que diziam respeito ao passado não o interessavam. Não teria tido nenhum futuro na administração pública, onde a regra do jogo é explicar as coisas, e não agir e lutar. Ora, o irlandês era sobretudo dotado para a luta. Estava furioso. Encolerizado com o incêndio. Não que esse incêndio o lesasse no que quer que fosse. Extinto ou não, nada o impedia de receber seus vencimentos, duplicados com a indenização de região tropical, que no dia primeiro de cada mês caíam em seu bolso de Diretor-Geral na Guatemala. A questão não era essa. O'Brien estava furioso com o fogo, porque era assim e não de outra maneira. Há homens que não podem proceder de outro modo, senão se enraivecendo com obstáculos e dificuldades, com a hostilidade das coisas e do universo; sem eles, estaríamos ainda na idade da pedra lascada.

— Não há nenhum outro processo que segure a trincheira de acesso — disse O'Brien. — Não há outra maneira senão cavar na direção do vento, com dois ziguezagues de segurança no final.

— É preciso trabalhar depressa — disse o secretário. — Dentro de três semanas o vento muda.

O'Brien não estava numa boa com ele. Não gostou da maneira como desempenhou a missão com a mãe de Rynner. Mas ao ouvi-lo falar assim, deu-lhe um olhar de reconciliação: enfim, uma palavra inteligente.

— Vamos, vamos embora!

Voltaram para os carros. Durante todo o trajeto de volta, o chefe do contencioso foi compondo um dos seus relatoriozinhos... em que arranjava sempre as coisas para pôr em causa o ruivo irlandês. O'Brien, por sua vez, pensava num plano de extinção. Fazia combinações, procurava encontrar uma solução. Via já os gigantes vestidos de amianto avançarem até a coluna de fogo, para sapar pela base e abatê-la como uma árvore. Antegozava o silêncio que depois do imenso estrondo do trabalho pesaria sobre a planície, mal tivessem feito calar o rugido da tromba e a sufocassem como se jogassem em cima dela um cobertor. Era assim que antigamente tratavam a raiva.

2

É bobo como se apaga um poço em chamas. Basta soprar como se sopra um fósforo. É preciso, no entanto, ter força. Que venham os explosivos. Não importa quais: basta que destruam, que botem abaixo, por muitas centenas de metros, casas, trabalho dos homens, pois não basta abater o inimigo, o fogo.

Deixando o planalto, a terra lisa com um centro de torres de guindastes, os carros seguiram pela descida que os levaria a Las Piedras. Nos últimos vinte quilômetros, encontrariam a estrada de asfalto sobre um empedrado forte e bem construído. Era um verdadeiro trenó que deslizava na direção do porto. O trajeto sinuoso tornava o caminho acrobático. Uma borda de vinte centímetros em cimento marcava o limite do precipício. Mais embaixo, a estrada se estreitava e chegava ao mar, depois de passar uma espécie de ponte que pulava os sete braços do rio Guayas. Mas não se via nem o mar nem o rio: todo o litoral do vale não era mais do que um imenso pântano, de onde se levantava uma cortina de neblina branca. Ao fim da descida, a região era cortada em duas pela diferença de nível: em cima, para trás, ficava o deserto sul-americano, um areal pedregoso, vegetação rasa, cinzenta, queimada. O sol mantinha-se ali doze horas por dia no zênite. Cem metros abaixo, sob as rodas, apenas uma massa que se movia como num banho de espuma. Nenhum motorista, mesmo habituado, mesmo nascido naquela terra, deixava de experimentar certa angústia quando sentia que mergulhava nela.

O desnível total era de quatro mil pés, uns dois quilômetros. Quinze por cento era uma nuvem que se estendia por cerca de trezentos metros, medidos verticalmente, quer dizer, um percurso de uns dois quilômetros. Quinze por cento era uma bonita inclinação. Contava já algumas mortes de motoristas desde que a Crude and Oil construíra o grande pipeline, o que servia ainda para drenar o petróleo dos poços mais afastados até Las Piedras. Tratores geralmente já velhos e fora de uso arrastavam reboques duplos com tubos de quinze polegadas de diâmetro por treze metros de comprimento. Cada pedaço pesava aproximadamente quinhentos quilos; prendiam de cinquenta a sessenta, numa pilha piramidal em forma de túmulo, postos sobre as duas rodas de trás do trator e o duplo reboque... e em frente. Então, por vezes, no mais trecho inclinado do declive, o motor começava a falhar, a soluçar. Dois sobressaltos da máquina e depois nada além que o doce deslizar dos rolamentos, que o motor já não arrastava. Trinta toneladas de ferragem começavam a recuar na direção do abismo. Foge, motorista, salta!... O esforço dos braços na tranca da porta da esquerda, a que se abria do lado do volante, e que o seu próprio peso bloqueava, fechava-se no seu enquadramento de ferro... Se em dois segundos o homem não conseguia abri-la, não valia a pena insistir: no dia seguinte, oito dias mais tarde, agarradas ao gancho do caminhão-guindaste, as equipes de recuperação tirariam a custo, para o asfalto da estrada, duas carcaças: uma de osso, outra de aço, que em seguida levariam cada uma para seu cemitério.

Durante a construção do pipeline este trabalho era muito bem pago.

Ninguém dizia palavra, nem no jipe, nem no outro carro. Os dois veículos, com as suas silhuetas militares, seguiam-se de perto. Atravessaram as pontes em grande velocidade, diminuíram a marcha para abordar o pavimento abatido da barreira da polícia e retomaram a mesma velocidade na entrada da

alameda de San Matresco, nome muito grande para suas proporções: não media mais de vinte metros.

A luz difundida pela nuvem branca feria mais os olhos que o sol ardente do planalto. Cabanas sórdidas rasavam o solo, esmagadas, envoltas na névoa pálida e quente: a cidade suava o seu nevoeiro, um vapor debilitante, caldo de cultura em estado gasoso.

Os carros passaram diante da Polícia, uma construção comprida e baixa como uma caixa de sapatos feita de cimento-amianto. Ali estavam aquartelados os representantes da autoridade, e encarcerados aqueles que haviam escolhido implicar com ela. As janelas eram gradeadas com uma espécie de rede de capoeira. De todo o edifício, as portas constituíam certamente o elemento mais sólido.

Sentado na entrada, numa cadeira Henrique II, um soldado com um capacete de ferro do exército inglês, no qual o número do seu batalhão, o Dezenove, estava pintado em verniz vermelho, fazia a guarda que o regulamento definia como vigilante. Tinha a espingarda entre as pernas, baioneta calada, e sonhava com libertinagens. O ruído dos motores acordou-o, inclinou-se para trás, gritou para o interior da cabana, ao imediato superior hierárquico.

— Ei, General! Aí vêm os estrangeiros.

— Quero lá saber — respondeu o oficial.

A três minutos do centro da cidade, começava o bairro das casas abandonadas. Cinco anos antes, Las Piedras era o ponto mais florescente deste pedaço de costa. Agora era uma cidade morta. A Crude tinha pago adiantadamente ao Governo, na capital, trinta anos de regalias, e não dava nem mais um pataco. Tais são as vicissitudes da vida econômica desses pequenos países.

Cabanas a desabar, buracos, charcos lamacentos, terrenos vagos semeados de cubos de cimento esparsos, lodo, pântanos estagnados em plena rua. À passagem dos carros, jatos viscosos de lama saltavam com grande ruído e iam macular as paredes.

Um pouco afastado, os ianques haviam feito saltar a dinamite um arrabalde abandonado. E para a frente as escavadoras. Haviam cimentado o terrapleno e colocado em volta um gradeamento. Ao meio desta espécie de cidade bombardeada, apenas as suas casinhas de madeira estavam pintadas de fresco, vivas, pimponas. No entanto, eram todas semelhantes.

Os dois carros enfiaram pelo campo e pararam diante da barraca central. O médico-chefe saía justamente nesse momento. Avançou para O'Brien: O segundo índio acaba de morrer.

— E Rynner?

— Ferrado.

O'Brien deu um suspiro que não era de alívio.

— Palito — disse ele ao secretário — telefone para a velhota quando acontecer; se ela tornar a desmaiar com o som da sua voz eu te arrebento.

Palito fez um gesto contrariado.

— Anda, Manolete, anda!

— Anda toro! Qué bravo!

As vozes ressoavam alto na sala do Corsário Negro, o lugar suspeito de Las Piedras, e no entanto pareciam retransmitidas por alto-falante. Ao ouvi-las, não se pensava no espetáculo de aficionados de pé sobre as bancadas, procurava-se com os olhos o posto de rádio fanhoso que captava o relato da corrida. A culpa era talvez do nevoeiro úmido que penetrava na casa como na cidade. Os habitantes de Las Piedras chamavam a isso o hálito do jacaré, por causa dos inúmeros crocodilos que infestavam o delta. No entanto, eram na verdade vozes de carne e osso, e não discursos de caixa elétrica. Ao ouvi-las de novo, não podia haver engano:

— Matalo, toro!

— Respecto a Manolete, que ya es muerto!

— Que va, muerto? Maricón Dios!

Eram três, sentados a um canto, em volta de uma mesa.

A sala era grande. As paredes brancas estavam ornadas de litografias publicitárias. À entrada, à direita, o balcão. Por cima, um autêntico retrato de Corsário Negro, que nunca existira. Tinha uma pistola em cada mão, um sabre de abordagem entre os dentes, uma moça nos braços, e para dar os olhos, o pintor empregara uma tinta fosforescente. A moça era meio impudica e muito bela; a orgulhosa atitude do raptor parecia animá-la violentamente. O seio que lhe saía do corpete era de carnação mais que perfeita. Mas os vândalos tinham desenhado por toda a figura emblemas sexuais extremamente ingênuos.

Ao fundo, cinco compartimentos cujos reposteiros de cor viva escondiam as entradas: era aí que a cena se passava. As mulheres estavam sentadas atrás de uma longa mesa de madeira sombria. Uma única era bela: Linda, que pertencia a Gérard, o antigo contrabandista. Fina, morena, rija de corpo, representava o tipo perfeito da raça mestiça, a chola, com os cabelos negros lisos e a pele fina e doce. As outras quatro eram feias, um pouco pesadonas, e a idiotia dava às suas formas de animal uma sensualidade insistente e forte.

Não havia por assim dizer ninguém no Corsário, àquela hora. Fora, pesava o duro calor da manhã já tardia. Num instante, cerca das onze horas, ouvir-se-ia o tiro para a saída das docas. Os trabalhadores do porto viriam tomar um pouco de coragem com um copo de aguardente e respirar o odor das mulheres. Alguns deixar-se-iam apanhar na ratoeira de duas coxas morenas, entrevistas na fenda de uma saia, de uma língua que passa sobre lábios carregados de vermelho. Dirigindo-se aos compartimentos dos fundos, as mulheres caminhavam meneando os quadris a cada passo. Fechariam os reposteiros, e seria pior que se tivessem de amar diante de toda a gente. Mas, de momento, tudo estava calmo. Havia apenas os fumadores de marijuana.

Porque os cigarros de cartão, dos quais os três homens faziam sair pesadas fumaças cinzentas, estavam cheios de marijuana, a droga dos delírios dirigidos. Basta quatro gramas de erva, fecham-se os olhos, abre-se o grande bazar dos sonhos e é só escolher. Num quarto de hora podereis ser Hitler, dançando a giga no terrapleno de Chaillot, correr ao volante da Maserati que sempre haveis desejado — e nunca conseguido — comprar, ser o amante de Rita Hayworth com todos os pormenores, ser professor de filologia das Línguas Orientais e pai de cinco gêmeos. E isto não acabará pelo suicídio num abrigo blindado, por um desastre contra o tronco de uma árvore, o carro em chamas, nem por uma doença secreta. Fareis amor sete vezes e acabareis com desejo de recomeçar; não haverá para vós etimologias desconhecidas nem mesmo duvidosas, e, se der vontade apertam a mão do rei da Inglaterra. Evidentemente, quando se acorda, terá de começar tudo de novo.

Mas assim é a marijuana que se vende em cigarros já feitos, a preços insignificantes, em todos os portos da América Latina.

Hoje, os fumadores do Corsário decidiram assistir a uma tourada.

A droga tornava suas vozes estranhas, aquele fôlego e os gritos inesperados. Sobre a mesa redonda, cujo tampo não era de mármore mas de cimento, marijuana tinha posto a toalha para os servir. Espalhara para eles, às carroçadas, areia dourada, a bela areia das arenas.

Para eles, para seu encantamento, ela obrigara os objetos familiares a mudarem de forma, transformando-os nessa multidão suntuosa e variegada que por algumas horas vive, nas praças de touros, os grandes dias de festa. Cinzeiros, pires, garrafas vazias de coca-cola, um litro de rum meio bebido haviam-se tornado ágeis bandarilheiros, suntuosos picadores, austeros guardas civis: figuração indispensável aos preliminares da faina de morte. Ainda mais. Manolete intervinha em pessoa. Manolete que, no entanto, tinha morrido dois anos antes, nos chifres do seu centésimo oitavo touro.

Manolete, o ídolo dos aficionados. A corrida se dava de fato aos olhos dos fumadores — mesmo

quando, por vezes, um deles, ao derrubar um copo com um gesto furtivo, dava à ação um imprevisto e necessário movimento — mas, para o espectador que mantinha o sangue-frio, ela mostrava de uma maneira irritante a etiqueta de "Ficção" escrita em gordos caracteres. Também zangado e quase furioso, o patrão, um europeu esbranquiçado e gordo chamado Hernández, contemplava-os com um ar de paciência afetada. Com o pano dos copos limpava o suor que deixava sua face luzidia. Resmungava:

— Estão bêbados!

De fato... Dois deles eram índios mestiços, mirrados, nervosos, magros. Os cabelos lisos brilhavam de um negro retinto, mas o mais velho já os tinha ralos. Para quem olhasse de perto, pareceria uma espécie de pelada que o tivesse atacado até o couro. Os dois usavam bigodes mongólicos, encerados, cruéis.

O terceiro, um branco que parecia ter sessenta anos., era esquelético. As rugas do rosto formavam grossas pregas profundas; tinha os cabelos brancos, as mãos agitadas; por momentos, arrepios espasmódicos como ondular. Os olhos descoloridos, como os daqueles que muito viajaram no mar, estavam fundos nas arcadas supraciliares: mas tinha as faces tão cavadas que sobre as maçãs do rosto eles brilhavam à flor da pele. Era presa de uma atividade em quatro tempos, precipitada, que podia fazer supor uma impaciência fundada em motivos graves; tossia, ria, dizia cinco ou seis palavras, e calava-se com os traços distendidos, a fisionomia morta. Depois recomeçava. E tudo isto durava apenas um minuto. Os três homens inclinaram-se de repente um pouco mais por cima da mesa. Jacques, o europeu, resmungou: — Eso no es corrida sino carniceria.

— Anda, toro! Que bravo, que ruda la bestia!

Para os três, sem dúvida, Manolete toureava em cima daquela mesa; sem dúvida, dez mil espectadores apaixonados encontravam-se também nas duas cadeiras vazias ao lado deles. Mas o patrão achava-os cada vez mais impertinentes. Apenas a indulgência quase profissional das mulheres se mantinha benevolente.

Por trás do balcão estava também a mulher do patrão, sentada, muito direita, atrás da caixa registradora, uma máquina nova, de níquel e mostradores. De cerca de trinta anos, murcha, intumescida, contemplava com fervor o aparelho, sinal da sua prosperidade.

Entre ela e o marido, uma índia mais nova, debruçada sobre o lavadouro de zinco, lavava os copos sujos da noite passada.

Um cliente chegou, vestido com uniforme de cotim cinzento e bandas verdes. Lembrava um engraxador que não tivesse tido tempo de limpar as próprias botas. Um coldre de pistola preso ao talabarte de couro, um número importante de estrelas e de galões nas mangas, o peito e o chapéu com indicações da sua graduação e função: amanuense de segunda classe na administração das alfândegas.

— Viva, patrão! — exclamou ele dirigindo-se a Roberto. — Minha senhora, os seus olhos me fazem sonhar. Mulher, que lindo traseiro esse seu.

— Viva, coronel! — responderam em coro a direção e o pessoal doméstico do Corsário. Mas as mulheres não se moveram. Se o sul-americano é geralmente polivalente, este era um puro homossexual. Encomendou um ponche de creme e bebericou-o, olhando para o grupo dos fumadores de droga.

— Se ele continuar atrás de Gérard eu furo a barriga dele — disse Linda à vizinha. Esta encolheu os ombros e não respondeu.

A marijuana agia. Jacques, depois de um quarto de hora, acreditava que era Franco. Decidira igualmente que o índio da pelada não era outra pessoa senão Evita Peron, a capitosa esposa do ditador argentino. Deste modo começou a fazer-lhe a corte, chamando-a de "Senora". O índio passara já da idade das mudanças de sexo. Lançando mão da ridícula fraseologia espanhola para se exprimir, pôs-se a injuriar Jacques; falou das doenças da mãe, dos testículos do pai e acabou por concluir a propósito: Tu és tão ignorante como um porco incestuoso nascido no chiqueiro de uma quinta. Teu pai estava cheio de venéreo e o teu avô era um chulo.

— Evita, meu anjo, não escute as besteiras que expele pelo canal da boca esse analfabeto sem vergonha! — respondeu Jacques.

O índio levantou-se verdadeiramente furioso. Jacques, por sua vez, também se ergueu como pôde.

Mediram-se um instante com o olhar, a ponto de quase chegarem às vias de fato. Mas o terceiro impôs silêncio de maneira incisiva: — Vejam, vejam este passe de capote. Este touro bebeu sangue de homem, é valente e soberbo. Mas Manolete vencerá.

Por trás do balcão, o patrão inclinou-se para a empregada.

— Não me importa que me arrebentem os ouvidos e me pisem nos calos, mas ao menos que isso dê dinheiro. Rosa, vai servir àqueles fregueses.

Não muito segura de si, a moça contornou a pia de zinco, aproximou-se dos três homens, pegou um copo vazio e perguntou: — O que deseja agora, senhor Jacques? E para seus companheiros? Jacques virou-se todo para ela. Tinha um ar terrivelmente mau.

— Quer deixar isso aí, ô lixo?!

A moça já recuava, com o copo na mão.

— Quer largar isso aí!? — repetiu Jacques.

E acrescentou num tom doloroso: — A idiota tirou o touro.

Quase imediatamente os índios se deram conta do grande desastre. Olharam-se, como pessoas que acabam de ser vítimas de uma horrível malvadeza. A empregada bateu prudentemente em retirada para trás do balcão.

O índio da pelada abanou a cabeça e notou por sua vez: — É verdade, levou o touro! — E o que vamos fazer agora? — perguntou Jacques, com um ar de lamúria. — Uma história tão bonita! Eu era Franco e ia dar indulto aos antifascistas. Você era Evita e ia envenenar Perón, botando arsênico no caviar, e seria dona da Argentina. E vem a porcaria dessa mulata, filha de uma burra que andava no mato em quatro patas, e nós deixamos que ela leve o nosso touro, destrua tudo e ainda por cima desonre Manolete? Não pode ser — concluiu o terceiro índio. — Não pode ser de maneira nenhuma!

O branco era de longe o mais excitado. Levantou-se da cadeira; nas órbitas, os olhos rolavam com uma velocidade incrível sob as sobrancelhas descoloridas; o lábio inferior tremia-lhe. Babava-se um pouco. Os índios resistem melhor à droga. Fizeram um esforço para tornar a sentar na cadeira o companheiro europeu. Mas o louco aguentava-se em pé com uma firmeza que eles não podiam acreditar. Não insistiram mais e deixaram que desse vazão à raiva.

Jacques agarrou o primeiro copo que viu, jogou no chão e esmagou com os pés. Os cigarros e os fósforos voaram em seguida pelo ar. A sua fúria crescia. Atirou à cabeça do Corsário um pesado cinzeiro, que rasgou a tela. O patrão encolheu os ombros e avançou na intenção de chamar de uma vez para sempre o energúmeno à razão. Jacques pegou num copo que lhe arremessou à cabeça, uivando com a voz de uma criança que faz uma birra.

— O meu touro! Ou me dão o touro ou eu quebro tudo!

Hernández se abaixou a tempo e o copo foi se espatifar na parede. Um caco feriu a orelha do funcionário da alfândega. De pé, em seus lugares, as mulheres olhavam. O patrão, enérgico, mas de maneira nenhuma encolerizado, deu em Jacques duas bofetadas. O velho se desmantelou chorando. Hernández voltou para trás do balcão.

Um minuto passou sem que o funcionário percebesse que estava ferido, o que lhe deu certo direito de zurrar como um burro. O sangue pingava nas lapelas e corria entre as medalhas. Calculando o montante da indenização que podia reclamar — perda de prestígio, ferimento, conta da tinturaria etc. —, o funcionário da alfândega tomou atitude para uma arenga indignada: — Não estamos nos antípodas, seu estrangeiro de merda — exclamava ele com ênfase —, mas numa cidade civilizada e até educada. Eu, guatemalteco de puro sangue, herdeiro dos heróis do 24 de Junho, do 6 de Julho e do 24 de Agosto, não

tenho medo de lhe dizer.

Esta alusão às gloriosas jornadas históricas guatemaltecas, que os europeus nunca levavam a sério, e outras ainda havia, não impressionaram Hernández.

— Você, beba isso e desapareça — disse ele ao ferido, dando-lhe um copo de uísque cheio até acima.

Rosa, causa inocente do tumulto, apressava-se a limpar o sangue do rosto com o pano da louça. As mulheres tinham tornado a sentar. Caído na cadeira, Jacques continuava a chorar com grandes soluços, ao mesmo tempo em que suplicava que lhe dessem o touro. Logo voltaria à razão, mas no momento tudo aquilo lhe parecia muito injusto. Nesse instante, entrou Gérard, o homem de Linda. Parecia atarefado.

— Aquele ainda está bêbado — disse, apontando para Jacques. — Mas não é disso que quero tratar, tenho novidade. A Crude está oferecendo trabalho.

— Agora você procura trabalho? É cada uma...! — espantou-se Hernández.

— Esse me interessa. Anunciaram: perigoso e muito bem pago.

O patrão do Corsário ficou um momento de boca aberta. Depois conseguiu ganhar fôlego para perguntar:

— E o que é?

— Não sei — respondeu Gérard. — Mas de qualquer maneira já não é sem tempo. Pego minha trouxa e adeus a Las Piedras. Estou farto de tudo até três palmos acima da cabeça. Ver isso todos os dias...

Com o olhar apontava Jacques, que agora chorava baixo, depois para a sala, para o oficial das alfândegas, para o grupo de mulheres.

— Ouça, Linda... Há seis meses que não sonho com outra coisa senão tirar você daqui, e não posso por causa da trincadeira. E esta cidade esfrangalhada. E este nevoeiro, este rio imundo, estes tipos fardados. Estou farto, estou cheio, essa é que é a verdade.

3

Um ano antes, Gérard chegara de Honduras no avião das onze horas. Chegara como se tivesse vindo da taberna em frente, com um passo apressado e desenvolto. Nesse dia, também, Jacques, bêbado de marijuana, chorava em seu canto. Era verdade que isso lhe acontecia em média três vezes por semana. Hernández olhava para o recém-chegado sem parecer reconhecê-lo, mas este tirara os óculos escuros e apenas dissera:

— Olá, cupincha! Paga aí o táxi, sim?

O gerente do Corsário Negro não respondeu diretamente, mas procurando na gaveta do caixa, tirou um dólar de prata que entregou à empregada, dizendo: — Dá ao chofer.

E a sua avareza era, no entanto, notória. Os assistentes deduziram do gesto que o viajante devia saber muitas coisas a respeito de Hernández. Tinham adivinhado.

A doze dólares por dia, Gérard fizera do Corsário seu quartel-general. Hernández não gostou desta solução, mas não ousou dizer. Pior ainda, Sturmer nunca lhe pagou um vintém. A conta já chegava a dois mil *packs** quando Linda começou a trabalhar para ele. A paixão devota que a mestiça lançara a seus pés aborrecia Gérard, não o tocava. Não pensava que um grande amor fosse indispensável a um idiota. Começou então a pagar a Hernández de vez em quando. Mas os atrasados pareciam definitivamente que seriam lançados na conta de perdas e ganhos.

Gérard Sturmer tinha rapidamente encarado as possibilidades que ofereciam a um rapaz como ele a cidade e o porto de Las Piedras. Tentara primeiro trabalho regular. As perspectivas eram más. A população indígena de Las Piedras vegeta num estado de extrema miséria. Minada pelas febres, as taras hereditárias, as epidemias, é muito numerosa para o escasso trabalho que fornece o porto.

O desemprego e a fome tinham-se instalado com permanência nessa esterqueira do litoral do Pacífico.

Completavam o quadro alguns aventureiros famélicos; mercenários corridos dos países vizinhos por derrota e dispersão do partido ao qual haviam vendido os seus serviços; marinheiros escandinavos que haviam desertado, atraídos por uma garrafa de rum ou por uma mulher dos bairros suspeitos, pensando partir no barco seguinte. Mas, de um dia para o outro deixara de haver barco seguinte. Só os petroleiros americanos tocavam ainda, por escalas de seis horas, o porto onde desembocava o pipeline da Zulaco. E com eles nada a fazer: as suas tripulações eram de ianques membros da Golden Star, sindicato fechado, severamente reservado aos marítimos anglo-saxões. Todos os anos, um cargueiro panamenho ancorava ali durante uma semana. Mas todos os que desejavam embarcar nunca tinham o dinheiro suficiente para comover o coração do capitão. Os barcos eram demasiadamente pequenos e nunca havia lugar onde se pudessem esconder.

Todos os que tinham vindo dar a Las Piedras encontravam-se numa situação idêntica à de Gérard: corridos de todos os países vizinhos, inibidos pelo passado, enterrados num buraco sórdido e pestilento, onde lhes era impossível viver e que não podiam deixar senão para ir muito longe: o México, o Chile.

Dinheiro não havia. Pouco a pouco, a anemia perniciosa os roía, comia seus glóbulos vermelhos; a disenteria, as tripas; as febres e a melancolia, com seu cortejo de drogas e cópulas, o cérebro.

Sem trabalho, sem dinheiro, esperavam, procurando uma improvável porta de saída. A escolha era para eles bem simples: partir ou explodir. Não podiam partir e se recusavam terminantemente a explodir.

As mãos crispadas, os dentes cerrados, mediam com raiva o tamanho da ratoeira de homens em que haviam caído: "Não se pega avião sem dinheiro. Não há dinheiro sem trabalho. Não há trabalho. Não se pega avião sem dinheiro... Apenas um homem se aguenta de pé, esgotado, sem coragem nem sangue. Não se assaltam os cofres de uma companhia americana, quando os guardam uma patrulha de homens valentes, criados expressamente para serem capazes de matar um homem com um soco... Não se parte sem dinheiro..." Graças ao coração e a outras partes do corpo de Linda, Gérard tinha ao menos escapado a esse paroxismo da miséria. Mas os começos haviam sido difíceis. Dois dias depois da sua chegada, como toda a gente, fora procurar trabalho na seção de recrutamento da Crude. Numa sala, com o sobrado cinzento coberto de poeira, mobiliado com quatro longos bancos dispostos em quadrado, uma vintena de miseráveis esperavam a sua vez, permutando considerações chorosas sobre a própria miséria. Eram magros e os olhos brilhavam-lhes; o seu odor era o das pessoas que têm fome. Gérard atravessou o compartimento e bateu na porta do patrão.

— What's the matter? (O que há?) — perguntou do interior uma voz arrogante e roufenha.

Sturmer entrou e deu de cara com o monstro. O homem a quem se vai pedir trabalho é sempre terrível de ver; mas no caso presente passava as marcas. Uma coisa longa, filiforme e macilenta, ornada de óculos de ouro e de dentes do mesmo metal, uma caneta na orelha esquerda, outra na mão direita, transpirava pesadamente sobre um formulário impresso. De vez em quando, pegava no ventilador que tinha em cima da secretária e levava-o até junto da outra orelha, da que não tinha a caneta. Parecia querer limpar o cérebro com ar comprimido. Olhou Gérard por baixo e suspirou: No job for you, guy. I'll see you... (Não tenho trabalho para você, cara. Até a vista...) Dois dias mais tarde, Gérard envergonhado do que ia fazer, apresentou-se nos setor de Imigração e Mão de Obra, num imenso edifício de cimento. A porta era de bronze. A umidade abrira círculos verdes e semeara pústulas bolorentas. No pátio, um grande quadro, também em letras de bronze, fixava direitos e deveres do imigrante; a peroração era sobretudo notável: "Aquele que chega ao território da Guatemala animado de coragem e do desejo de servir, dotado de boa saúde, de perseverança e de entusiasmo, esse tem o direito de comer todos os dias".

Quantas vezes por dia e o que, o texto não dizia. — No vestíbulo, atrás de uma mesa americana, um empregado de uniforme, quer dizer, calça de gabardine caqui, camisa branca, gravata preta frouxa, pala verde, fez com a mão um gesto de recusa, antes mesmo que Sturmer tivesse aberto a boca. O europeu não se espantou.

— Olá! Amigo! — gritou ele no tom de quem acaba de encontrar um colega de infância, após dez anos de separação. O escriba espantado levantou a cabeça e alguma coisa que, nesta latitude, pode ser considerada um sorriso desenhou-se no seu rosto pardacento.

Graças ao seus talentos de falastrão — uma narrativa adocicada, mentirosa até, da sua existência passada — Gérard viu-se munido de um formulário onde figurava sua identidade: Gérard Sturmer, trinta e seis anos, nascido em Paris, sem condenação nenhuma, profissão: diretor. Só na rua compreendeu que era um emprego nas docas.

Gérard transigia com a dignidade. É preciso fazer certas concessões ao céu, pensou; pode-se muito bem trabalhar nas docas sem nunca tocar um saco nem num fardo, e passar do mesmo jeito todos os sábados pelo caixa... Dirigiu-se ao porto. Sacos de cimento estavam afastados uns vinte metros do cais e colocados perpendicularmente ao mar. Havia muitos: cem metros de comprido, por trinta de largo e cinco de alto. Sob a direção de um capataz, que trazia na mão um pau e um apito, vinte homens agarravam nos sacos, punham-nos à cabeça e iam colocá-los na outra extremidade do molhe, paralelamente ao rio, numa outra pilha imponente, que também tinha cem metros de comprimento, por trinta de largura e cinco de alto. Tudo levava a crer que, quando esta transferência estivesse acabada, se recomeçaria no sentido inverso. Gérard aproximou-se dos homens que trabalhavam. O suor escorria-lhes pelo corpo, e misturado com o cimento desenhava-lhes na pele uma trama de sulcos duros que acabavam por sangrar. Os rostos

eram cavados e os olhos fixos. Quando a respiração lhes erguia com dificuldade as magras costelas, tinha-se a impressão que havia qualquer coisa no interior que se rasgava. Às vezes, um parava e tossia escarrando em seguida mucosidades cinzentas e cimento. Quando se demorava mais, o capataz apitava duas vezes a seguir, com um curto intervalo. Ao terceiro aviso, uma paulada.

Sturmer foi até ele, entregou o papel que o homem da Imigração lhe dera e perguntou:

— Para que emprego é?

O homem, um índio gordo com ar de carrasco chinês, entregou-lhe os utensílios com um sorriso fraterno:

— É para me substituir, camarada.

Gérard olhou para ele. Mostrava-se francamente amigável, aquele sujeito vil.

— Prefiro acabar no Cárcere Modelo por te assassinar a ter um emprego desses. Vai passear, lixo!

O outro teve um gesto perplexo. Sturmer encolheu os ombros e foi almoçar no Corsário, renunciando a um trabalho honesto. Por ali é que ele devia ter começado.

Depois houve o caso do contrabando. Durante quase um mês, dois ricos comerciantes do porto, um farmacêutico negro de óculos de aro de ouro e o proprietário do único bazar que existia, um índio chamado Alvarez Gordo, aproveitaram-se de Sturmer por causa das suas esperanças e das suas propostas. Desde o princípio, Gérard compreendera que se tivesse à sua disposição uns patacos, para meter numa primeira expedição, os dois guatemaltecos ter-lhe-iam dado uma boa ajuda. Talvez mesmo, se ele tivesse um barco, eles fariam as primeiras despesas. Com esta condição, quase que lhe haviam prometido dez mil packs.

Por outro lado, o proprietário de uma taberna do litoral tinha uma escuna que podia pôr no mar, mediante dois mil dólares de reparações. Sem dúvida, consentiria vender o barco a crédito, a quem quer que fizesse essas reparações. Era um barco de vinte e dois metros, em madeira de teca, com o casco debruado de cobre. Merecia a pena: uma vez arranjado, valeria quinze mil dólares, sem grande dificuldade. Mas Gérard só tinha dois mil e era tão difícil conseguir o restante quanto arranjar dez vezes mais. Tal era o problema. Com dois mil dólares arranjaria dez mil, prontos a entrar em ação e a conseguir muito mais.

Havia onze meses que as coisas se passavam assim. Duas vezes por semana, o francês fazia a ronda dos seus comanditários eventuais, para lhes manter a boa disposição. O resto do tempo deixava-se viver. Às vezes ia deitar ao barquinho um olhar de proprietário. E depois havia a Linda.

Só Sturmer se deixara apanhar por esta cidade morta. Hans Smerloff — que já fora russo, polonês, lituano e alemão, conforme o interlocutor e as últimas notícias da política internacional — anteriormente tinha sido chefe de polícia em Honduras e depois um dia vira-se obrigado a abandonar o cargo, fugindo. Os amigos faziam-no irritar, perguntando-lhe sem delicadeza: — Então, Hans, escolheste um general e parece que não prestava.

— Bando de porcos — respondia Smerloff, encolhendo os ombros. — Porcos!

Quando lhe perguntavam quais eram os seus projetos, o rosto tornava-se-lhe frio e severo: — Agora, estou em vias de recrutar um famoso exército de assassinos famélicos, que não deixarão pedra sobre pedra em Tegucigalpa, a capital, no dia em que eu entrar lá à frente deles.

O jogo consistia em fazer com que confessasse que não tinha um vintém para comprar as armas indispensáveis. Sua cara triste fazia todo mundo rir. Também havia Bernardo Salvini, que tinha todo o ar de cantor da moda, e que não era bom da cabeça. Dizia que o seu passaporte tinha um visto para os Estados Unidos. Pode muito bem ser que falasse verdade e pode ser que não. Quando alguém chegava de novo e se instalava no Corsário, um rapaz amarelento, mal penteado e mal barbeado, vinha sentar-se na mesa e começava a conversa: — O senhor é a primeira vez que vem aqui à cidade? Gostaria de ir aos Estados Unidos?

— Não — respondia o outro, depois de ter olhado para aquele rosto ansioso, jovem demais para a personagem que representava.

— Já morou lá? — perguntava Bernardo.

Sem esperar pela resposta, o pobre continuava: — É horrível, senhor! Tenho um visto de entrada para lá, mas não tenho dinheiro, e o meu passaporte expira em três meses. É possível que não possa ganhar tanto dinheiro em tão pouco tempo. A passagem custa cem dólares. Desculpe-me, senhor, não faria o favor de me emprestar?

Claro que a resposta era sempre não.

E Johnny. Johnny não era seu nome verdadeiro. Era um romeno que se tinha refugiado aqui depois de matar a facadas o melhor amigo numa noitada de uísque. Como Hans, também vinha de Tegucigalpa. Foi uma história estúpida. As facadas entre amigos são sempre idiotas, mas agora que Johnny encontrara um outro melhor amigo na pessoa de Gérard, começava a lamentar menos o que matou. havia outros ainda. Lewis, um inglês homossexual que só queria negros como amantes, e cuja aparência evocava ideias de respeitabilidade forçada. Juan Bimba, antigo dinamiteiro da guerra da Espanha, expulso do México, onde foi considerado pouco conformista pelos compatriotas estalinistas. Cacahuete, Pedro o Americano, Deloffre, antigo ministro da França em Caracas, Steeves de Bogotá... Ao todo uns vinte, que bem gostariam de sair dali.

Na porta do campo da Crude estava afixado um cartaz oferecendo emprego: "Contratamos excelentes motoristas de caminhão. Trabalho perigoso. Salários elevados. Dirigir-se ao escritório".

De manhã tinha havido uma reunião na barraca do patrão, entre eles o especialista enviado pela Dallas (Texas) — que acabava de chegar em avião da companhia —, o chefe dos transportes e o de material.

— Ainda temos sorte em haver aqui esse estoque de nitroglicerina — resmungou O'B. E esmagou a ponta do cigarro no rebordo da janela onde estava encostado, cuspiu para fora e voltou para junto do grupo de engenheiros sentados em volta da mesa.

— É ainda uma sorte — continuou ele. — Mas quanto à questão do pessoal, se virem porque eu estou pouco me incomodando. O que sei é que não se pode deixar arder esse poço indefinidamente. Se esperamos mais, não poderemos tentar mais nada antes da mudança dos alísios.

— O que diz o meteorologista? — perguntou o sujeito da Dallas.

— Para quando?

O'Brien encolheu os ombros e disse um impropério. O meteorologista! Era sem dúvida uma questão de oito dias, no máximo, e ninguém neste maldito país nunca conseguiu fazer uma previsão a um mês de distância. Todos os anos, um ou dois barcos se perdiam precisamente por causa disso.

O chefe dos transportes bebeu um gole de uísque.

— De qualquer maneira temos que tomar uma decisão e não podemos esperar. O aviso pedindo mão de obra está fixado na porta desde esta manhã.

O tom de voz era muito áspero. Não se importava, diante do homem da Sede, de fazer notar a maneira como o irlandês tratava os subordinados.

— É justamente porque o anúncio foi posto, que tudo isto me parece tempo perdido — cortou O'B. — Resumindo: é absurdo mandar vir dos Estados Unidos uma equipe de motoristas especializados. Sobretudo com o tipo de caminhão que temos para lhes dar: máquinas perigosas. Não é verdade, Humphrey?

Assim interpelado pelo nome próprio, o chefe dos transportes teve um sobressalto: "A velha besta retribui os coices", pensaram o homem do material e o cara dos explosivos.

— Realmente, deixam a desejar no que se refere à segurança — balbuciou o que atendia pelo nome de Humphrey. — Mas se tivessem me ouvido...

— Mas vão me ouvir. Se mandarmos vir motoristas dos Estados Unidos, das duas uma: ou se

recusam a transportar a nitroglicerina em caminhões sem dispositivos de segurança ou aceitam. Se recusam, teremos que buscar caminhões especiais em Dallas. Isso custará caro e levará muito tempo. Se mandamos embora os rapazes que se recusarem e voltamos à minha solução da mão de obra local, teremos que ouvir o Sindicato.

Ouvir o Sindicato era o permanente pesadelo de todos os dirigentes de exploração ianques. O'B marcara um ponto.

— De qualquer maneira temos um desastre — tornou o irlandês. — Com as dificuldades do caminho, o terreno no estado em que se encontra, pelo menos cinquenta por cento dos veículos vão pelos ares. Não vão transportar renda para vestidos de noiva, é nitroglicerina.

Pronunciou a palavra destacando as sílabas e a coisa se tornou presente na sala. Todos se calaram. O silêncio fez-se atento.

— Então? — perguntou o técnico do fogo.

— Então, conta com um carregamento de quantas libras, em quantos caminhões?

— Cerca de tonelada e meia em cinco ou seis viagens. É preciso repartir o risco. São duas toneladas ao todo e para tudo. Se não levamos para o terreno o suficiente por termos perdido muito no caminho, então nada a fazer.

— Esses caminhões especiais, quanto custam? — perguntou O'B ao chefe dos transportes.

Este folheou na pasta de couro, procurando a informação. O engenheiro da Sede respondeu antes dele: — Sete mil e quinhentos dólares cada um.

— Mais mil packs para transporte. Mais as despesas de seguro, e que despesas! Mais...

Ficou sem fôlego, tomou fôlego e concluiu: — Caro demais.

Outra vez o silêncio se tornou presente. O'B voltou à carga, no tom paciente que empregava habitualmente para explicar as receitas à cozinheira.

Vejamos. Tentem compreender. Quem é que vai responder à chamada? Primeiro uma multidão desses filhos da mãe dos negros. Esses, não precisamos deles.

— Por quê? — perguntou ingenuamente o chefe do material, que até ali tinha palitado os dentes em silêncio. — Por quê? Parece-me...

— Parece-lhe que ainda não nos encheram suficientemente os ouvidos com os catorze mortos de anteontem? E quando dois ou três cidadãos guatemaltecos mais engolirem, sob os nossos auspícios, o boletim de nascimento, pensa que não teremos nenhum aborrecimento suplementar com o seu governo de negros, a sua imprensa de macacos e a sua clique de homens de pau? Vamos! O'Brien tinha os ombros largos. Quando os encolhia, removia os ares. O outro reconheceu o erro. — Não tinha pensado nisso.

— Fora os indígenas, quem é que vai responder ao anúncio? — continuou o patrão. — Os vagabundos, com toda certeza. Nesta cidade de morte, onde apenas o trabalho e a ajuda de custo nos prende, há homens que fariam não importa o que para dar o fora. É deles que precisamos. Esses aceitarão conduzir essa espécie de caminhões, Humphrey. Juro que para conseguirem o dinheiro, eles fariam todo o percurso mancando com a carga ao ombro. E os que morrerem deixarão herdeiros de direito? E que sindicato virá em seu nome nos arrancar a pele?

— E isso não custa muito dinheiro? — notou Humphrey.

De repente, O'Brien pulou. Seus modos eram geralmente brutais, mas nunca ninguém o tinha visto assim. Já há quinze minutos esse Humphrey se tornara sua sombra negra. Pegou o homem com a mão esquerda e suspendeu-o da cadeira. Uma veia espessa pulsava no meio da testa. Os olhos estavam injetados. Rosnou um pouco antes de poder falar.

— You rascal, you fucking rascal (Seu patife da porra) — acabou por articular entredentes. Largou o sujeito, que tornou a cair na cadeira.

— You fucking rascal.

O'Brien, o irlandês, queria gritar. Dizer a essas cabeças ocas que ele, O'B, o chefe regional mais

apreciado da Crude, ele também tinha, durante anos, arrastado o seu macacão de um porto para outro, à procura de uma saída. Também ele tinha sido vagabundo. Ele podia ser duro, ele sim, mas aquele nojento do Humphrey, nunca! Filho de rico, saído de Yale havia três anos... Da sua infância de criança pobre, O'B guardara ódio desta espécie de menino. Acalmou-se pouco a pouco. Quando se sentiu capaz de falar de maneira normal, contentou-se em acrescentar: — Ao menos que estes homens sejam generosamente pagos. Mas tudo isso ficará por minha conta. Eu os recebo, eu os contrato.

Todos se levantaram. O cara de Dallas aproximou-se do irlandês e apertou-lhe a mão.

— Muito bem, patrão — disse ele.

O'B não se enganou. Os estrangeiros vieram em grupo, uns vinte. Essa gente não gostava de fila. Empurraram os indígenas que esperavam desde as seis da manhã, desde o nascer do sol. Como já eram dez horas, não custou a dispersá-los. Apesar da intervenção da polícia de guarda, tudo se passou muito bem. Os *tramps* estavam à frente, quando a porta enfim se abriu. Estavam Gérard, Hans, Luigi, Juan Bimba, Johnny, Pedro, Deloffre, Steeves, Cacahuete, Lewis, até o inacreditável Bernardo. Um a um, penetraram na barraca onde estava instalado o serviço de recrutamento de mão de obra. Depois de uma espera variável, foram recebidos, sempre um de cada vez, pelo secretário de O'Brien.

Então, outro escriba tomava nota dos nomes, nacionalidade, endereço e uma série de outras informações. Johnny observou aos companheiros que tudo aquilo não podia figurar na pedra de um túmulo. Encheram um questionário de quatro páginas e receberam em troca uma convocação para a tarde.

Muitos entre eles haviam vivido longos anos em países de petróleo. De modo que tinham associado o pedido de trabalho com a notícia do incêndio que se dera na véspera, no poço Dezesseis. Suspeitaram todos qual seria a natureza do carregamento que lhes iriam confiar. A sombra da temível nitroglicerina planava sobre os seus castelos no ar, que todos, sem distinção, começavam a construir.

Na sala do Corsário forma-se o grupo dos que se associarão a Gérard para comprar o barco. Quase vagabundos. Todos o conheciam; um de cada vez, tinha-os levado a visitá-lo. Discutem já as condições de pagamento, carreiras, margens de lucro. Sentem-se já a bordo. São ricos.

Brigam. Então Jacques, que ninguém notou, a quem ninguém nunca dava atenção, Jacques, de súbito, de pé, começa a gritar:

— Loucos! São todos loucos! Quantos querem partir? Quantos querem partir, de fato? Você vai ser o comandante, Gérard? O segundo, Hans? O dispenseiro, Johnny? Marinheiros, Juan Bimba, Steeves, Deloffre, Bernardo?

Jacques, com o dedo, vai apontando um após outro. Eles levantam a cabeça confusos, furiosos. Diante de cada um deles, Jacques grita: — Morto! Morto! Mortos, todos mortos — conclui ele.

— Um autêntico lixo.

— Talvez seja, mas sei o que estou dizendo. Eu também já caí nessa, e antes de vocês. Há cinquenta por cento de explosões por transporte, sabiam? Um morto a cada dois. E vocês aí fazendo projetos para o futuro...

Está quase para chorar, torce as mãos, o lábio inferior cresce e cai para a frente, naquela boca de velho. Os outros mostram-se amuados: crianças a quem o pai rabugento se põe a prever que acabarão mal.

— Estão olhando para mim e dizendo que sou um velhote, que só digo besteira. Sabem que idade tenho? Trinta e oito anos. Vejam o que fez de mim o trabalho perigoso e bem pago que a Crude oferece. Vejam.

Chora, torcendo a manga. No braço descarnado treme, em lugar do bíceps, um musculinho ridículo.

— Em cada dois morre um. Dois mortos. E os outros tão miseráveis quanto antes. Os que não arranjarem trabalho e os que pegarem medo, como se pega doença venérea, ficarão assim até o fim dos seus dias, para toda a vida. E que venérea, o medo!

Os outros desviam o olhar. Estão chocados, confusos.

— A verdade é que parecemos crianças jogando palavras ao vento — disse Gérard. — Não faz sentido.

— Se ele não gosta disso, não há por que desiludir os outros — rosnou Hans.

— E que cor tem o medo? Com certeza nem sempre é azul... Branco? Cinza? Mescla de rosa e verde? O medo é um líquido incolor, inodoro e insípido.

À tarde, foram recebidos por O'Brien, que os viu entrar com certa inquietação. Quando se juntaram todos na sua presença, sentiu-se mais tranquilo: todos mais novos do que ele; nem um único da sua geração. Não reconheceu nenhum.

Estava em pé atrás da mesa de madeira clara. Fumava um charuto de tabaco negro da região. Perto tinha um vidro de laboratório, de forma estranha, onde um líquido oleoso chegava apenas a um terço da altura.

— Rapazes — disse o irlandês — acho que vocês todos compreendem inglês...

Os homens olharam uns para os outros. Não havia entre eles guatemaltecos.

— Felizmente é para nós que desta vez o bocado está guardado — murmurou Gérard para Johnny —. o que me alegra.

O irlandês tirou uma grande fumaça do charuto e tornou-: — Quis eu mesmo lhes falar para que não haja mal-entendidos. Preciso de quatro motoristas para dirigir até o poço Dezesseis dois caminhões carregados com mil e quinhentos quilos de nitroglicerina. Os caminhões são comuns, sem amortecedor compensado, sem dispositivo especial de segurança, em excelente estado, e nada mais.

Os homens ouviam sem grande atenção. Até aquele momento se aborreciam. Os ianques eram sempre os mesmos: cheios de discursos familiares para ajustar preços determinados, segundo o método de Dale Carnegie.

— A nitroglicerina — continuou o gordo O'Brien — é isso.

Pegou com a mão direita o vidro que estava em cima da mesa e levantou-o delicadamente até a altura do ombro.

— Com este ar inocente é uma coisa perigosa. Primeiro, à temperatura de oitenta graus, é absolutamente instável; quer dizer que explode por um nada. Ao menor solavanco, explode também. Olhem...

Vinte cabeças se inclinaram e se esticaram para a frente num mesmo gesto. O velho virou o recipiente. Algumas gotas afloraram na borda, transbordaram e quando caíram no chão de madeira ouviu-se um tiroteio seco. Levantaram-se nuvenzinhas de poeira.

"Caramba!" — disse um dos homens com admiração.

— Isso aqui não importa — continuou O'B — Mas se acontecer com duzentos ou trezentos quilos de explosivo debaixo do rabo, ao menos terão certeza de não sofrer.

Os homens riram. Por vezes esta hilaridade coletiva é sinal de servilismo. Na situação presente, era justamente um acesso de bom humor entre homens rudes, contentes de encontrarem outro tão duro quanto eles.

— E é isso — tornou o patrão. — A única precaução que pode ser tomada é a de encher completamente os recipientes, de modo que o líquido não se agite. Usando com prudência os pedais, como se levassem uma noiva, esquadrinhando cada polegada do terreno por onde vão passar as rodas, vigiando sempre a temperatura da carga, por fim, com sorte, podem chegar sem problema. Pelo menos, assim espero. Sei que para a maioria de vocês isso não tem importância. Se depois de minhas

explicações alguém não quiser correr o risco, não tem outra coisa a fazer senão ir embora.

Tinha acabado o charuto. Esperou um momento, acendeu outro lentamente, fazendo de conta que não olhava para os vagabundos. Muitos esperavam apenas a continuação do discurso. Mas, no fundo, formava-se o partido da derrota. Seis homens deixaram a sala. Entre eles, Steeves, que pouco antes, no Corsário, era o mais entusiasta dos candidatos ao barco.

— Não vai navegar sob minhas ordens, seu fanfarrão — gritou-lhe Gérard em tom brincalhão.

— É melhor do que nunca mais navegar na vida — respondeu o outro, encolhendo os ombros.

— Naturalmente, têm de fazer um exame. — O'B retomou o fio do discurso: — Só temos quatro vagas e só aceitamos pessoas nas melhores condições. Aquilo a que chamo motoristas. Confiamos à sorte de vocês cinco mil dólares em cada caminhão. Além disso, é também do seu interesse. Há outra coisa que quero dizer. Serão bem pagos, mil dólares por cada viagem de quinhentos quilômetros. Voltam vazios, doze horas depois. Basta esta tarifa para ficar claro que não é carregamento de açúcar.

Atravessou a fileira dos candidatos à morte súbita e saiu. Eles seguiram-no. Um caminhão esperava em frente da porta. Era um caminhão com grades, vulgar, mas do mesmo modelo do que serviria para o transporte de explosivos.

— Subam todos aí para trás e vamo-nos embora — disse o irlandês.

Pôs-se ao volante para levar aquela gente para fora do campo. Quando passaram em frente da polícia, o soldado de guarda, intrigado, atravessou-se na estrada de braços abertos. Tinha um ar de pássaro, entre corvo e abutre.

O'Brien diminuiu a marcha e parou diante dele. O soldado avançou e cumprimentou.

— Aonde vão estes senhores? — perguntou ao chefe do campo.

— Onde me der vontade — respondeu ele com afabilidade.

Retomou a marcha. O soldado tentou um tímido protesto, mas a sua voz foi abafada pelos gritos dos vagabundos que o injuriavam na sua própria língua:

— Quanto paga, maricón?

Na saída da cidade, o patrão dirigiu o caminhão até um terreno vazio e parou. Tirou uma lista do bolso, pôs um lápis atrás da orelha e chamou: — Pilot.

Um homem saltou do caminhão pelo lado esquerdo.

— Sou eu.

— Pega o volante, meu velho. Vai até aquela casinha lá em baixo, dá meia volta entre as barreiras e volta aqui.

Pilot pôs-se ao volante. Sentou-se bem fundo, moveu a alavanca de marcha da direita para a esquerda, para ter certeza que estava em ponto morto, desembreou apesar de tudo, e por desencargo de consciência pôs o pé no pedal. O'B tirou o charuto da boca e disse: — Pode dirigir como bem entender, mas lembre-se de que leva atrás, amarrada no seu rabo, uma coisinha que explode ao primeiro ao primeiro solavanco. Anda logo.

Ergueu o pé do pedal da esquerda.

O francês fez uma prudente manobra, não excessiva, só para não se enterrar. O caminhão começou a andar como se deslizasse em manteiga. Lá em cima, os homens esperavam uma falsa manobra, um tremor que eliminasse aquele concorrente. Cheio de impaciência e também de inspiração, de repente, Johnny bateu com a mão no teto da cabine. É o sinal com que, em toda a América Latina, os camponeses que que viajam na carroceria pedem ao motorista que pare. Deu certo. Uma freada rápida fez parar repentinamente duas toneladas de ferragens. Os passageiros de repente foram todos arremessados para a frente, contra a cabine. A voz do irlandês se ouviu: — Esplêndido, Pilot! Se levasse a carga verdadeira já estaria morto. Pode descer.

O outro bateu com a porta e em grandes passadas voltou para a cidade.

— Corja de malandros! Corja de malandros!

Virou-se para trás e tornou a gritar: — Corja de malandros!

— Vai passear — responderam os outros.

Até que todos fossem examinados, levou um pouco mais de duas horas.

Os que fizeram má prova vão embora um a um. Alguns esperam um companheiro: não querem percorrer a pé sozinhos o caminho da volta. Ninguém fica até o fim. Os que, pelo contrário, fizeram prova razoável estão aflitos, lá atrás, à espera do resultado. O que isso tem de terrível é que o homem da Crude não diz uma palavra. Há sete ainda com esperança: Gérard, Luigi, Lewis, Johnny, Juan Bimba, Hans e, por razões que só ele conhece, Bernardo. O mais triste é a manha dos outros. O truque de Johnny fez escola. Cacahuete também freou brutalmente, brutalmente até demais, porque um paletó branco fez voo rasante diante de seus olhos. Não esperava. Nesses casos O'Brien não intervém: todas as manobras facilitam sua tarefa, que é a de julgar os reflexos dos homens.

Johnny e Gérard fazem um grupo

Quando é a hora de um fazer a prova, o outro impede essas armadilhas. O único que teria coragem de afrontar os dois compadres é Hans. Mas não se mete na questão. De resto, Gérard, que deixa Johnny o mais à vontade possível, parece considerar sórdidos os pequenos truques. Pode ser também que esteja simplesmente seguro de si.

O'B não é burro. Sabe bem que quando anunciar o resultado haverá com toda certeza complicação. Por isso está decidido a só fazer isso quando voltar ao campo. A volta é triste e silenciosa. Todos estão sob grande tensão nervosa. Ainda bem que o soldado da polícia não os fez parar de novo. Desta vez podia se dar mal.

No fundo do campo, do lado das oficinas de reparo, os homens trabalhavam em volta de dois caminhões que nessa mesma manhã o próprio O'Brien escolhera.

Eram caminhões de um modelo standard. Caminhões-tanque teriam sido demais. No reservatório previsto para três toneladas, os quatrocentos litros dançariam. Tinham adotado uma solução extravagante, mas era provavelmente a melhor: em cima de uma espécie de maças, com um metro e meio de comprido por cinquenta centímetros de largura, haviam colocado barris com rolha, presas solidamente, de maneira a fazerem corpo com a armação que os suportava. Calços garantiam a estabilidade e uma camada de aparas completava a suspensão. Os dois tabuleiros haviam sido recobertos de várias camadas sobrepostas de algodão em bruto, cada vez menos apertadas. Os barris — dois por caminhão para a primeira viagem, um para a segunda, se, no entanto, se quisesse supor que nessa altura ainda haveria dois veículos em serviço — os barris seriam cheios no armazém, antes de serem içados para bordo.

Os mecânicos estavam regulando a pressão do líquido nos amortecedores hidráulicos. Tinham-nos montado às pressas para duplicar o sistema de molas. Esse era o ponto negro do trabalho: sobre as rodas teriam sido necessárias raquetes suíças, peças que por si só garantiriam um isolamento quase perfeito à caixa, mas ali não havia. Nos próprios Estados Unidos, as melhores casas especializadas nem sempre as tinham.

O'B foi dar uma volta até onde trabalhavam, antes de decidir no escritório a lista dos eleitos.

"Com uma garrafa de uísque em cima da mesa, podem bem esperar cinco minutos", pensou ele. — E quanto ao peso? — perguntou ao mecânico-chefe.

Este estava trabalhando debaixo de um caminhão. Com um movimento de elevação, veio até a luz do dia. Suava em bicas. Limpou a testa para impedir que o suor escorresse nos olhos e mostrou a cara toda suja de óleo. Terra seca tinha caído da caixa, enquanto que de nariz para o ar ele trabalhava com a chave inglesa. Tinha os olhos e a boca cheios. Cuspiu e respondeu: — É isso que mais me preocupa,

patrão. A carga ideal são as duas toneladas. Com mais, é difícil. Com menos, também sacoleja a cada buraco.

— Ponha lastro.

— Isso vai demorar muito. O algodão que vai como estofo já está no lugar.

— Não faz mal. Chamem mais gente. As horas a mais não vão pesar nada quando os caminhões partirem. O que é preciso é que a carga esteja a caminho às sete e meia, e estes homens têm todo o direito a que se faça tudo por eles. De resto, há muito tempo até lá.

Na barraca do diretor, os homens achavam que o tempo era lento de passar. Com exceção de Hans, de Gérard e de Luigi, iam e vinham de um lado para o outro. Entre os sete, a garrafa de uísque não durara muito, e O'B., raposa matreira, dera instruções para que, depois, não lhes servissem senão sumo de frutas. Em seguida, seria obrigado a desiludir profundamente dois ou três. Era preferível que estivessem em jejum.

— Por que demora tanto esse cara? — suspirou Hans.

— Vocês não me dizem que tal foi minha prova? — suplicou Bernardo. — Eu nem sei o que fiz...

— Fique tranquilo, tão ruim quanto possível.

Era Lewis, que estava de mau humor. Com inveja de seu físico afeminado, não mostrava simpatia por Bernardo. Sendo velhaco como ele dava sua pequena demonstração de maldade. "Sem dúvida imagina que haja esperança de ser contratado, de receber dinheiro e se instalar, dizendo adeus aos camaradas, deixando-os tranquilamente em banho-maria para que não estraguem. Filho, não conte com isso. Os outros sem dúvida têm pena de você, eu não. Ser bonito é para mulher, não para homem. Oh, eu sei! Sei bem o que faço. Mas aqui há um que tem que explodir é você, não eu.

— Diabos, nos deixe em paz! — disse Gérard, com uma voz de cansaço. — Todos sabem que você é um cara sensacional, um cara formidável. Mesmo assim nos deixe em paz.

O'B observava um eletricista que instalava uma lâmpada vermelha no alto da cabine. Os regulamentos da Crude previam completo sistema de sinalização para os caminhões de carga perigosa. Ao lado do homem que se atrapalhava com os fios, o pintor com um lenço no nariz pintava à pistola a chapa de ferro com tinta vermelha.

— Acaba logo com isso — gritou o sujeito do projetor. — Não é a mim que tem que pintar de vermelho.

— Andem com isso — grunhiu O'Brien. — Martin, ei, Martin, verifique também a embreagem.

Quando entrou no escritório, todos os olhares se voltaram para ele. Recordou-se bruscamente da sua própria juventude. Foi com um passo quase apressado que passou para trás da mesa. Tirou um maço de papéis do bolso e folheou-os um instante, antes de encontrar o que queria.

Gérard cortou o silêncio:

— Isso não lembra nada, Johnny?

— O quê?

— Sua primeira condenação à morte, por exemplo...

O romeno encolheu os ombros. O'Brien tossiu.

— Juan Bimba, quem é?

O espanhol se sobressaltou, depois olhou para a mesa de madeira clara. Hesitou meio minuto antes de responder.

— Sou... Sou eu. Por quê?

Gritou com força como se estivesse com raiva. Como se tivesse medo. O velho manhoso

chamaria primeiro os que recusava ou os que tinham feito boa prova?

O'Brien continuou: — Está contratado. Luigi Stornatori?

Luigi avançou por sua vez, muito calmo. É verdade que ele sabia que se o ianque o chamava era porque estava contratado.

— Johnny Mihalescu!

Mais um que sabia o que fazia. Dos quatro que restavam, Gérard, Hans, Lewis e Bernardo, havia certamente três que perderiam. Olharam uns para os outros. O ódio, um ódio de chacal espreitava pelas máscaras dos seus rostos de assassinos.

— Gérard Sturmer! — chamou ainda O'Brien.

Acabou. Acabou. O rosto de Hans parecia talhado em madeira. Lewis praguejou com seu mais cômico sotaque de Oxford.

— E eu?! — gritou o rapaz com um soluço. — E eu? Esqueceu de mim, senhor. Fui admitido? Diga! Fui admitido? Eu sei dirigir bem, sabe? Há pouco não tive tempo... Eu tenho um visto para os Estados Unidos. Um visto...

— Shut up — (Cala a boca) — rosnou O'Brien. — Há um lugar vago de substituto para o caso... Para o caso... de um acidente sempre possível. Nesse caso, Hans Smerloff... É você?... Tomará conta do volante sem necessidade de novo exame. Quanto aos outros, podem ir embora. Os que eu chamei ficam. Vamos ver os caminhões. Vocês partem esta noite. Venha também, Smerloff.

Por cortesia, os eleitos esperaram que os preteridos saíssem para bater nas costas uns dos outros.

— So long, boys (Adeus, rapazes) — disse Lewis, o primeiro a sair.

Bernardo virou-se ainda uma vez para o irlandês.

— Senhor, não é possível. Não me aceita?

— Pobre rapazinho — respondeu o patrão — não posso fazer absolutamente nada por você.

Estava muito aflito. Teria preferido uma série de xingamento, uma saraivada de socos na cara, em vez desta doce e indiscreta súplica.

— Não sou uma irmã de caridade, sou o chefe desta companhia, num país de merda. Se você explodir, leva junto o companheiro, por um lado, seis mil dólares de material, por outro, sem contar você mesmo. Da maneira como usa o pedal da esquerda...

— O pedal da esquerda?

— A embreagem, se prefere... Seria volatilizado antes de sair da cidade. E agora seja bom, rapazinho: vá com seus camaradas e nos deixe aqui sozinhos, os homens.

O rapaz não arredou pé, como que embrutecido. O'Brien foi obrigado a empurrá-lo pelo ombro. Devia acreditar no papai Noel, o pobre Bernardo, como quinze anos atrás. As lágrimas corriam calmamente rosto abaixo, sem que ele pensasse sequer em limpá-las. Chorava demais. Depois de sua saída, todos se sentiram melhor.

Na oficina, viram os caminhões. O'Brien escoltava-os como se fossem seus próprios filhos que de manhã tivessem recebido todos os prêmios da escola.

— Como pensam em formar as equipes? — perguntou ele. — Em princípio, não quero me meter nisso. A questão é com vocês.

Johnny e Gérard trocaram um olhar de entendimento.

— Nós vamos juntos — disse Sturmer indicando o companheiro.

— O. K.

Luigi fez uma expressão aborrecida. Sem dúvida tinha mais confiança em Mihalescu do que em Bimba como parceiro. Enfim...

4

As disposições ficariam em breve tomadas. A rubra carga secava já sobre as chapas e começava a brilhar. Uma grinalda de lâmpadas enquadrava-as em toda a altura, pela frente e por trás. Os homens de Martin tinham posto o lastro até as duas toneladas, conforme as instruções de O'Brien. Os caminhões repousavam seguros sobre a base sólida dos seis grossos pneus. Inspiravam confiança. Um após outro, Gérard, Johnny, Juan e Luigi ficaram de quatro. Era o sistema de suspensão que mais os interessava, como é natural. Mas o resto não lhes escapava também.

— É preciso apertar as cavilhas da transmissão — disse Johnny. — Uma encostadinha numa árvore e isso salta que nem o diabo.

— E os freios das molas, não somente na frente, mas atrás também. Você nunca foi motorista de pesados — disse Luigi ao chefe dos mecânicos. — É uma coisa que logo se vê. Se os freios não estão bem, o caminhão arranca e faz assim...

Com a mão desenhava no ar um movimento de balanço.

— Vocês vão experimentar os veículos agora —, interveio O'Brien. — Antes é preciso tirar a sorte. É mais justo assim.

— E se antes de tudo a gente molhasse a palavra? — interrompeu Johnny com seu topete de romeno. — Isso também seria justo.

O irlandês desatou a rir. Gostava daquele sangue-frio. Deu com a mão uma palmada no ombro de Mihalescu, mão que teria feito inveja a um policial, e exclamou: — É justo, camarada, é justo. Vamos por aqui!

O clube estava instalado três barracas adiante. Entraram em grupo, levados pelo irlandês.

— Uísque para todos — gritou O'Brien. — Sou eu que pago.

Apenas Hans não os seguia.

Sem apresentar Smerloff como um tipo puramente asqueroso, é provavelmente impossível contar o que ele vai fazer agora, enquanto O'Brien está no bar com seus rapazes. Isso não seria certo. Simplesmente é um homem que nada deixa ao acaso e quer sair deste país de morte, onde se arrasta há tanto tempo. "Isso não pode durar mais, meu Deus, isto não pode durar mais!" Bernardo pode contentar-se em chorar. Quando se é Hans Smerloff, não foi em vão que acumulou um tal passado sobre os ombros. Não se fica preso ao visco deste país apodrecido, quando uma porta se abre e não há senão atravessá-la. O eslavo não tem ilusões sobre o verdadeiro valor da vida humana. E como se isso não chegasse, apela para a mais fácil, a mais covarde das justificações: a morte de outrem. Morreram tantas pessoas que não o mereciam, gente que ele amava... Quanto a isto, ele sabe, está seguro de si: ele pode chorar à vontade. Sonia, David, Aliosha... Morta, morto, morto... Pronto. Está decidido. Um pouco de habilidade e amanhã, quer dizer em breve, ele voltará a Honduras, poderoso, rico e considerado. E até, de passagem, admira sua própria delicadeza por fazer isso antes de se tirar a sorte... Lança um olhar em volta. Um olhar que bastaria para trai-lo, se alguém o observasse. Mas o mecânico está a uns trinta passos, falando com outro ianque. A conversa animada não parece acabar logo. De resto, onde ele se está, ao lado da roda da frente do segundo caminhão, Hans pode observar sem ser visto. Dá um passo na direção da bancada da ferramentas. Pega um alicate e uma lata vazia. Volta ao caminhão. O ianque continua discutindo com o colega. E ate se afastaram um pouco. Smerloff se abaixa, aperta um prego na boca do alicate, aperta com força, gira. Do tubo do amortecedor corre um líquido incolor com cheiro de inseticida. Um minuto se passa. Hans apara o líquido na lata, com todo o cuidado, continuando sempre a espiar os movimentos do

mecânico. É na verdade um rapaz cauteloso, este Hans. Quando não escorre mais, limpa tudo com cuidado, põe o tampão e fecha tão apertado como estava antes. Em seguida, com o alicate, arranca ainda uma cavilha. Justamente guando Hans acaba de pôr o alicate na bancada, o americano volta.

Com o amortecedor da mola descavilhado, em cem quilômetros o caminhão vai dar uma sacudida e isso garantirá um lugar vago para o substituto. É provável que O'Brien não tenha pensado nisso ao escolher Smerloff.

Hans vai encontrar os outros no clube. Entrou discretamente e ficou de maneira a poder sair à francesa, antes de os carros serem tirados na sorte.

Mariquinhas!...

Linda fez com que Jacques falasse durante toda a tarde. Assim sabe do que se trata e com todos os pormenores.

O rosto da mestiça está vincado de angústia. As feições desfeitas. É impossível ler seja o que for, senão, talvez, essa presença do medo que lhe pesa sobre as faces, as esmaga e arrefece.

Está sozinha, sentada à mesa. Um dos seus fregueses aproxima-se e fala-lhe sem obter palavra, nem mesmo um olhar. Hernández, por sua vez, vem também, e diz qualquer coisa em voz baixa. Ela apenas abana a cabeça e suspira.

— Enfim, Linda! Ele veio por tua causa... Silêncio.

— Vai ficar furioso. Não voltará mais...

A mulher levantou-se, sempre sem pronunciar palavra, e dirigiu-se ao quarto. O pretendente toma esta atitude como um tardio consentimento e vai ao encontro dela, atrás do reposteiro. O murmúrio do diálogo chega à sala. Mas Hernández inutilmente quis escutar, falam baixo e não se distinguem as palavras.

Subitamente, o homem sai e vai para a porta num passo apressado, vermelho, cabeça enterrada nos ombros até as orelhas, como se mergulhasse na própria cólera. O patrão corre.

— Espere um segundo, meu caro senhor. Não vá embora assim...

— Não, Hernández, não. Essa cadela desgraçada está me sacaneando.

— Espere apenas um instante — torna o patrão. — Faça-me o favor de aceitar um copo de uísque.

Mesmo para um ricaço, tal argumento é de peso. O outro se senta no bar.

Ruído de vozes se aproxima. É um grupo numeroso que discute com animação. Gérard, Bimba, Luigi, Johnny, Smerloff e Bernardo, que os esperou na saída da Crude, empurram os batentes da porta e entram na sala.

— Pronto. Fomos admitidos! — grita alegremente o romeno. — Paga alguma coisa, ô capitalista.

— Mil packs cada viagem! Mais do que ganha o Truman!

— Para Johnny e para mim só café — disse Gérard. — Nós vamos juntos. Já se bebeu o bastante hoje.

Linda saiu do quarto. O desgosto a fazia caminhar desamparadamente. Mas antes que tivesse chegado perto de Sturmer, Hernández inclinou-se ao ouvido do francês. Este lançou à mestiça um olhar frio.

— Linda!

Ela ficou imóvel, parada de repente ao som da voz metálica, pesada, cinzenta.

— Linda, vai com ele.

Não levantou a voz. Ela, coitada tinha muito dizer e até a gritar; mas ficou muda, paralisada,

impotente. Injusto, como é da sua função, o Senhor havia pronunciado a sentença. Não valia a pena. Era muito duro e sobretudo muito longe. Não poderá mesmo tentar retê-lo, salvá-lo; ele partirá esta noite, sem ter escutado uma única palavra das suas queixas, da sua angústia... do seu amor. A mulher avança um passo, na direção do guatemalteco que, de cima do alto banco do bar, seguiu a cena com uma indiferença que ele considera altiva. Tem os olhos desesperados de um macaco tuberculoso, e uma careta de soluços contidos faz-lhe pender o lábio inferior. O cliente olha-a em silêncio. Depois volta-se para Sturmer.

— Muy agradecido, caballero — murmura ele com uma cortês inclinação de cabeça.

Pega o cotovelo de Linda e empurra-a com um gesto para o quarto, cuja cortina afastada deixa ver a cama que espera.

Mais tarde, muito depois da saída do cliente, Gérard por sua vez vai ao encontro de Linda.

Afasta o reposteiro do quarto. Ela vira-se para ele. As lágrimas correm dos olhos, mas o rosto continua como coalhado. Nem um esgar, nem uma careta o deforma. Contra vontade, mas não pode calar.

— Não vai voltar, Gérard. É muito perigoso. Todos dizem. Muito perigoso.

— Não se meta na vida dos outros. Todos queriam estar no meu lugar. Não sou o único, Johnny vai também...

— Oh! esse...

— O que, esse?...

Ela o abraça, apoia o ventre contra o dele; olha-o de baixo para cima.

— Quanto mais perverso você é, mais eu gosto de você. Oh, Gerardo!

Pronuncia o nome à espanhola, com um suspiro rouco e gutural, uma espécie de H aspirado do fundo da garganta com que molha o G.

A vã necessidade de tudo fazer, de tudo tentar ainda a atormenta. Torna: — Gérard, suplico, não vá.

— Está doida. Já me meti em outras aventuras e bem mais perigosas. Não quer ser rica? Ir embora comigo deste sertão de morte? Viajar? Todas as mulheres me pediram para levá-las. Você seria a primeira.

E acrescenta uma mentira: — Não gostaria de ver a minha terra?

Linda encolhe lentamente os ombros. Seus seios sobem com o movimento.

— Mesmo se voltar, ficará como Jacques: de repente um velho. Se voltar e não estiver louco, e for rico, nem mesmo assim me levará. Então...

Desde que viu se mexendo os seios da mulher, Gérard perdeu o fio da conversa. Suas mãos já não estão nos ombros dela. Sob o vermelho do tecido, sua carne parece quase branca. Tira o vestido que cai. Gérard tem a garganta seca. Segura-a pelos quadris, dobra-a pela cintura, para trás, e debruça-se sobre ela.

— Meu amor branco e louro — geme Linda. Caem juntos na cama.

Linda não fez de propósito. Angústia? Antegosto da morte nos lábios do amante? Não conseguiu sentir prazer.

Gérard percebeu. Enquanto se vestia, uma espécie de ira sacode seus gestos. Não dizem palavra.

A sala estava barulhenta. De todos os lados da cidade, idiotas vinham ao Corsário pagar bebidas àqueles que em breve seriam sem dúvida cadáveres. Nem todos os dias há ocasião de viver um acontecimento assim. Os heróis do dia resistiam com valentia às ofertas de libações. Apenas Juan era suficientemente louco para se deixar levar. Mas o companheiro o vigiava.

Gérard embrenhou-se numa conversa com Smerloff.

— Bem ou mal, se fico com o barco, você vem comigo.

Hans sorriu e encolheu os ombros.

— Agradeço. Mas tenho horror a água e acima de tudo a enjoo. De toda maneira, terei trabalho durante estes dias.

Era a vez de Gérard encolher também os ombros — Evidentemente, o percurso é ruim.

— Cuide para que eu não vá substituir você — disse o eslavo com um belo sorriso.

No seu canto, sentado em frente de um copo que devia à generosidade do patrão, o pequeno Bernardo escrevia com aplicação, em letra de menino de escola, numa folha de papel com grandes quadrados vermelhos. A cada três palavras, a pena arrancava uma fibra, que precisava tirar. Era uma carta.

Querida Mama,

Acabo de arranjar trabalho numa exploração do Sul. O patrão confia em mim e me encarrega de dirigir operários. Devo ficar lá uns dois anos. Quando voltar serei rico.

Fui visitar o cônsul dos Estados Unidos e ele foi muito gentil comigo e disse que me renovaria o visto. Informou que em Boston gostam muito dos piemonteses e seríamos bem recebidos.

E é tudo, Mama. Escrevo isto porque para onde vou os correios quase não existem. Ficará talvez muito tempo sem notícias minhas. Assim que voltar do interior, mandarei dinheiro para você e os três manos.

Beijo-a e beijo a todos, Mama. Penso em todos. Tudo vai melhorar.

Seu filho e irmão, que muito os ama

Bernardo.

Com uma rubrica rabiscada de garoto, enfeitou a assinatura. Lambeu o envelope em dois tempos e escreveu: Signora Angelina Mattore-Salvini, Via della Speranza Domodossola (Itália). Depois levantou-se com certa indecisão. Caminhou através das mesas até aquela em que Gérard acabava uma conversa inútil com Smerloff, conversa de homens que esperam que chegue a sua hora...

Apoiado às costas da cadeira onde o francês se sentava, Bernardo inclinou-se e limpou os lábios com as costas da mão. Na pele, a saliva seca misturou-se à sujeira, e deixou um traço negro.

— Peço desculpas...

— Deixa a gente em paz!

— Deixe-o falar — disse Gérard. — O que quer?

— Oh, não há pressa... Quando acabar...

E voltou a se sentar.

— Toma — disse Hernández, o patrão, pondo diante dele um maço de Chesterfield e um copo de uísque — Da parte de Gérard.

O italiano nem sequer levantou os olhos.

— Tem fogo?

A fumaça saiu do peito num triplo jato retilíneo. Soprada com força, foi longe, evaporou-se sem fazer volutas.

Tabaco, álcool, era tudo muito forte para ele, que já não estava habituado. Um acesso violento de tosse abanou-o, um ataque de tosse convulsa. Cada vez mais tinha o ar de uma criança. Brincou de encher de fumo o copo vazio: mas não foram pensamentos infantis que lhe ensombreceram a fronte, a ponto de a deixar cair sobre a curva do braço pousado na mesa. Parecia dormir...

— Que tristeza, que tristeza, que tristeza. Alguns instantes depois, Gérard veio se sentar diante dele. O rapaz levantou os olhos e virou a cabeça. Tinha chorado.

A noite caíra sobre Las Piedras, sobre as praias e as margens do Guayas. No campo da Crude, as luzes dos escritórios tinham-se apagado, e, em conjunto se acendiam nas janelas dos bangalôs.

A cidade sente medo. No fim da tarde, espalhou-se a notícia do transporte marcado para a noite, e as casas que ficam na beira da estrada ficaram sem seus habitantes. Depois o pânico ganhou o resto da

população e começou um êxodo em direção aos locais mais altos. Apenas alguns velhos ficaram. — Se acontecer qualquer coisa, vai ser o fim do mundo. Não merece a pena fugir, será o mesmo em toda a parte.

Juntaram-se perto da igreja; o padre fez permanentemente rezas.

À porta do campo, um engenheiro da companhia impede quem que seja de entrar. Passados os portões, é proibido fumar.

— Fitas!... — resmungou Bimba, esmagando o cigarro contra a ombreira de ferro. — Disseram-nos que na estrada podíamos fumar à vontade! Mas os outros não são da mesma opinião; pensam que duas precauções valem mais do que uma.

Foi no portão que se encontraram, Gérard e o companheiro Johnny Mihalescu. Sturmer estava vestido com um macacão cinzento, espécie de pijama de nylon, que ele estreava para a circunstância. Largamente aberto no peito, o casaco de mangas curtas deixava o antebraço livre. No punho esquerdo brilhava uma pulseira de prata. Sandálias de couro com correias completavam a vestimenta.

Johnny esfregou os olhos. Parecia que sonhava.

Gérard se vestira exatamente, sem um pormenor a mais ou menos, exatamente da mesma maneira que o companheiro de Tegucigalpa no dia em que o apunhalara. Até o berloque agarrado à corrente — um reles deusinho asteca torcido e rindo — até o berloque era o mesmo.

O romeno sentiu insinuar-se, instalar-se na alma um medo para ele novo.

Os dois motoristas do primeiro caminhão haviam, durante muito tempo, agitado os braços pela janela antes de fazerem a curva. O silêncio atrás deles foi quebrado de comum acordo por todos os assistentes. O pequeno grupo que seguira a partida, pela rua principal, até a saída da cidade, voltou lentamente ao campo.

— Veem que não é assim tão terrível — disse O'Brien a Gérard.

Mas o francês não respondeu. Johnny ficou perto do caminhão em que iam trabalhar.

— Não gosto de ver isso. Me basta ter que fazer o meu daqui a pouco.

Uma cabine espaçosa. Na rede, por cima das cabeças, os dois homens haviam posto ao alcance da mão as provisões indispensáveis: cigarros, fósforos, quadradinhos de açúcar e alguns biscoitos. Entre os dois, numa espécie de saco, dois termos com café gelado muito forte, duas garrafas de bom álcool, uma muda de roupa e camisolas de lã. Um e outro, já habituados ao clima dos trópicos, temiam, como temem os indígenas, a relativa frescura da madrugada- Ho teto via-se fixado com quatro pingos de cola um papel cinzento, onde o engenheiro topógrafo da Crude traçara o itinerário: uma linha ziguezagueante, vermelho sombrio, que parecia a fotografia de um raio. Ao lado, uma espécie de painel sinóptico pretensioso, destinado a impor uma ordem de marcha, com um horário pormenorizado, que previa os momentos de repouso e aqueles em que se deviam render.

— É o regulamento da companhia — disse O'B em tom de desculpa, quando o entregou.

E rosnara uma frase mal articulada, em que se tratava de asneira rematada. Gérard, de resto, decidira arrancar o papel na primeira volta do caminho.

— Eu posso dirigir primeiro, Gérard?

— Combinado, Johnny. Vamos.

Faltavam doze minutos para a partida. O'B se aproximou: — Como vai isso?

— Vai bem — respondeu o francês.

Mihalescu ficou calado.

O romeno sentou-se em seu lugar, experimentou o volante, os pedais, procurou melhor posição no

assento, experimentou com as costas a resistência do encosto: — Era bom uma almofada. Fico muito para trás e vou me cansar.

Gérard desceu, deixando a porta aberta para evitar que batesse. Quando voltou, o outro tinha dobrado a calça até o meio das pernas e aberto largamente a camisa no peito. O suor caía pela testa. O que se via mais no rosto eram suas rugas luzidias. Terrível impressão: suava de medo.

— Olha, ponha isso atrás das costas. Serve?

— Está bem.

Três minutos, marcava o relógio do carro. De novo o silêncio pesava sobre eles. Parecia que todos o escutavam... Para os que iam partir começava já a ansiedade da espera. Havia muito tempo que o ruído do primeiro caminhão já se não ouvia. Não haveria senão...

Um minuto. Johnny estendeu a mão para o painel e segurou um botão de ebonite negra. O motor de arranque fez um ruído insidioso e raspado, mas a máquina não se pôs em movimento. Ao lado, Gérard, enfiado no assento, os pés em cima do painel, esperava que o caminhão andasse para fechar a porta. Fazia um calor insuportável na cabine. Com o vento da estrada seria terrível... Então, de súbito, Johnny fez pressão. A bateria era nova, o motor rodava bem, mas nada. Gérard deu uma volta na chave no painel: — Mete gás, que assim irá melhor.

Johnny não teve sequer um sorriso. Premiu com toda a força o pedal da esquerda, com toda a força mas inutilmente: tinha medo de um súbito arranque na caixa das velocidades. No entanto, o carro estava em ponto morto...

— Anda, vamos, meu velho. Assim rebentas com a gente.

Johnny levou um tempo louco a levantar o pé. Não conseguia encontrar o ponto sensível da embreagem, que, naquele modelo, era em cima. O motor rodava devagar, sem regra; com cinco velocidades, não havia risco de arrear; mas era preciso cuidado com os solavancos, no momento de arrancar. Com uma doçura surpreendente, como um trem de luxo, o caminhão começou a andar insensivelmente, exatamente no momento em que O'Brien abria a boca para dar o sinal de partida. O irlandês subiu ao estribo e pousou a mão no braço de Gérard: — Tenham muito cuidado, rapazes. E boa sorte.

Desapareceu na noite. Não havia diante do caminhão vermelho mais que dois estreitos canais de luz disparados pelos faróis num mar de obscuridade.

— Um cigarro?

— Acende pra mim.

À luz do fósforo, aceso com cuidado, Gérard viu por instantes o perfil do companheiro. Os maxilares contraídos, as sobrancelhas carregadas, tinha na verdade uma expressão medonha. O mais penoso era sem dúvida o ar de quem respira com dificuldade. Talvez que à força de se sentir preocupado nem sequer pensasse.

— Vamos, para a frente! A loucura já está feita! — disse o francês com um entusiasmo afetado.

Não obteve resposta.

Rodavam lentamente na rua principal. Johnny não tinha pressa de meter uma segunda, mas naquele terreno falso, com trilhas, os blocos de cimento quebrados, o asfalto estilhaçado, sem dúvida tinha razão. O pior eram as poças, negras, espelhadas, água estagnada de morte com petróleo na mistura: as regas da Saúde Pública cobriam-nas três vezes por semana. Ora, no fundo de uma poça nunca se sabe o que há. Nem a profundidade do buraco.

Diante da igreja, dois homens vestidos de branco e uma velha fizeram o sinal da cruz. O padre fez na sua direção um largo gesto confuso, como uma benção ou talvez um exorcismo. Johnny pela primeira vez saiu do silêncio em que se obstinava: — Bando de palermas! Apesar de tudo fez o sinal da cruz, à ortodoxa, ao contrário.

— Sempre fazendo seu jogo — observou Gérard.

— Nunca se sabe.

Em seguida passaram diante do Corsário. Todos os frequentadores estavam ali, pelo menos os que não tiveram medo de ficar. Havia seis ou sete na porta, outros nas janelas do térreo. Uma voz gritou: — Boa sorte, rapazes.

— Sim, sim, boa sorte — aprovaram os outros. O primeiro a gritar foi Smerloff.

Linda se destacou do grupo. Não se enganou, não hesitou, foi diretamente para a porta da direita, onde estava o amante, e começou a caminhar ao lado do caminhão.

— Gerardo, eu não queria, Gerardo...

Ele não respondeu e mal a olhou. Para falar a verdade, a mulher o aborrecia.

— Mas agora que vai, Gerardo, agora, suplico que vença. Que a Virgem te ajude, Gerardo. É meu amor e meu homem.

Aproximou-se mais do caminhão e olhou de baixo para cima o perfil sombrio. Esse rosto que ela amava e que tão mal via. De cada vez que chupava o cigarro, um pequeno clarão vermelho iluminava-o por baixo. Como parecia duro...

— E não tenha muita confiança em Johnny — murmurou ela. — Não é um homem como você.

O caminhão ganhava velocidade. A índia começou a correr.

— Vai embora agora, Linda. Volta para casa.

— Que Deus te abençoe, Gerardo.

— Até breve.

Johnny tinha ganho um pouco de segurança. Desembreou, puxou o acelerador... — Que Deus te abençoe — gritou ela mais uma vez.

E repetia muito baixo, de volta ao Corsário, onde os clientes excitados a esperavam com mais impaciência do que de costume.

O KB7 chegou sem demora aos primeiros contrafortes dos declives que levavam ao planalto de Zulaco. Não ia muito pesado e esta primeira parte do trajeto não apresentava ratoeiras de temer. Também Johnny, encontrando sob as rodas um terreno sólido, ganhou pouco a pouco certa segurança.

— Café!

Gérard destapou a garrafa térmica e encheu um copo de plástico, ao mesmo tempo duro e maleável. Na escuridão estendeu-o ao companheiro. Não deviam acender a lâmpada da cabine, que faria reflexos no vidro do para-brisa. Até as luzes do relógio e do painel haviam sido reguladas numa fraca intensidade.

Johnny demorava a segurar o copo. Com certeza não viu o gesto de Gérard.

— Toma.

Não obteve resposta. Como se se refletissem no muro compacto da noite, as lâmpadas vermelhas dispostas em grinalda faziam em torno do caminhão um halo de incêndio. Em negro, destacava-se o perfil Cerrado e firme de Johnny. O olhar de Gérard desceu sobre as mãos que seguravam o volante. Estavam Crispadas e era evidente que ele não conseguia arrancá-las daquela posição. À direita, por duas vezes, os dedos agitaram-se em sobressalto.

— Então, pega o copo de café ou quer que eu fique assim a noite toda?

— Daqui a pouco.

Gérard assobiou. Depois bebeu o café gelado, o que lhe pareceu absurdo. Excelente estar excitado se há qualquer coisa a fazer, mas para ver um cara ter medo e ter medo também como ele, provavelmente...

O medo. O medo está ali presente, maciço e estúpido, e não se esconde. Fogo no rabo e não se poder correr. Apenas alguma coisa se pode contra ele: recusá-lo; uma carta enviada pelo diabo e que se recusa. Continua no entanto a esperar à porta. Faz a cama por trás, no tanque da nitroglicerina, e daí espreita. Entende-se à maravilha com este caldo da morte súbita. Como um par de gatos, como um casal de tigres que fingem dormir para melhor escolherem o momento. Mas se é o explosivo que rebenta primeiro, o medo ficará ludibriado, e sem poder dizer palavra chegará demasiado tarde. No entanto, vai ali, escondido atrás das costas, levando no ventre de animal feroz, azul e apocalíptico, qualquer coisa de terrível, vai ali, prestes a saltar.

Saltar, saltar, a grande palavra. O capitão preferiu saltar com o seu barco, do que render-se; sim, mas era a pólvora... A pólvora, a questão não se trata de saltar, mas de cair sem se magoar. Enquanto que aquilo, é o choque que mata: não fica nada. Enquanto há esqueleto há esperança; ao menos fica uma forma humana. Um esqueleto é uma mercadoria negociável e até transformável: pode-se vender, comprar, vestir um esqueleto. Há negociantes de esqueletos, para os estudantes de Medicina e para as Faculdades. Enquanto que este lodo que se dispersará...

Preso numa ratoeira como qualquer herói, e quase não importa que herói: raros são os que antes o imaginam exatamente. A coragem está em continuar, quando se começa a ter consciência. Aí está a diferença entre os dois homens. Nem por ouro ou por prata Gérard se desdiria, não haveria de ser agora que ia desistir. Não é por nada e não tem nenhum mérito. É assim, ele é assim, Gérard, e morrer o chateava, tem medo, mas um medo nada raciocinado, um medo preciso que deixa no espírito todo o seu poder, toda a sua vivacidade para fugir das ratoeiras. Johnny, esse, tem simplesmente medo. É essa forma de pânico que nunca mais se esquece. Foi por ter experimentado esse medo, e talvez só uma vez, que o velho Jacques se transformou naquele frangalho desesperado.

O romeno continuava a não articular palavra. Guiava com aplicação, mas havia nervosismo nos Seus gestos. Enquanto o caminhão subia a ladeira, parecia temer que o puxassem para trás, de cada vez que mudava de velocidade. Com um motor de tal Poder e uma carga tão leve, era absurdo. De resto, só retardaria a marcha quando desse as três curvas apertadas a meia altura. Curvas terríveis, na Verdade: entalada entre o precipício e o talude, a estrada subia quase na vertical, e o raio de ação de um caminhão pesado, para fazer a manobra da curva, tinha que a executar de uma só vez.

— Quer que acenda o farol móvel? — perguntou Gérard no momento em que chegavam à primeira curva.

— Não.

Mas o que é que ele achava? Ia parar? De fato, encostou na direita, desligou o motor, puxou o freio de mão; um gesto desesperado, como se houvesse perigo. Não falhou; toda a massa daquela caixa, que apenas imobilizada começava a recuar imperceptivelmente, completamente bloqueada, oscilou de trás para diante sob a ação brutal de uma freada. De repente, o coração de Gérard saltou no peito com um tremor muito maior.

— Ei! O que é isso?

— Vou mijar.

Com certeza era mentira! Muito café, excesso de nervosismo: Gérard ficou na cabine e não teve vergonha de escutar.

E, com efeito Johnny não urinava. Teve medo da curva, quis ou acelerar ou simplesmente entregar o volante a Gérard, para que dirigisse nessas curvas terríveis.

Veio até a cabine, fingindo que abotoava as calças.

— Pode me substituir um pouco, meu velho? Começo a me sentir cansado.

Cansado dezesseis quilômetros depois do ponto de partida! Gérard deslizou no banco até o volante. Sob as nádegas, no lugar em que não havia almofada, o forro estava molhado. Felizmente era apenas suor.

— Sobe!

— Não... Vou caminhar um pouco para desentorpecer. Espere por mim depois das curvas.

— Cara nojento.

Para apertar o botão de arranque, Gérard cortou todas as luzes, salvo as da grinalda vermelha, alimentadas por uma bateria diferente. O motor roncou; tornou a acender os faróis. A ausência do companheiro ia perturbá-lo: o projetor móvel não estava sincronizado com o veio da direção, e teria que manobrar à mão, correr os recantos para ver bem onde metia as rodas. E as duas mãos eram poucas para segurar o volante...

O acelerador no ponto, primeira... Com os diabos, o outro tinha apertado demais o freio de mão. Sempre desembreado, contendo as rodas com o pedal, puxou a alavanca com as duas mãos. Era difícil... Puxava com sacudidas furiosas, tentando ganhar o meio centímetro que lhe permitiria apertar o punho e levar tudo para a frente. Nada cedeu, nada havia a fazer, estava presa; excedeu-se em força mais do que parecia poder, o homem. O punho tocou na bancada...

— Johnny! Ei, Johnny!

Decidido, o outro se negava a responder. No entanto, ele com certeza estava ali, muito perto. Não havia ainda três minutos que partira.

Gérard traduziu algumas blasfêmias diretamente do espanhol para o francês. Atroaram os ares. Depois saiu e apanhou duas enormes pedras, tão pesadas que teve de trazê-las uma a uma para a estrada. Uma a uma, colocou-as diante das rodas da frente:

— Preciso prendê-las a pontapé debaixo dos pneus, limitar ao máximo o recuo do caminhão quando o freio de mão ceder. E aos pontapés, o mais longe possível da carga...

No princípio nem ousava bater. O suor corria pela testa, passava pelas sobrancelhas, caía nos olhos e os queimava. Assaltou-o uma ideia: o macaco. Voltou à cabine, levantou o tampo do banco, tirou a ferramenta e colocou-a no centro da mola. Subiu a alavanca. O pneu cada vez se esmagava menos no solo. Quando ficou completamente redondo, Gérard aproximou o calço até tocar nele e desapertou meia volta no parafuso da válvula. A roda desceu molemente sobre a pedra que rangeu contra o cimento. E pronto.

Deste modo, as duas rodas da frente ficaram bloqueadas; Gérard tirou o tampo do banco, dobrou-se sobre o estribo, de porta aberta. Seus dentes estalavam com o esforço, os ombros, os tendões dos dedos doíam. Estava prestes a largar tudo para embrulhar a mão num trapo quando a alavanca cedeu bruscamente.

— Raios! Até que enfim!...

Estava sem fôlego. Todos os seus músculos tremiam. Sentia algo gelado entre as coxas. Era suor. No entanto, não soprava nem uma ponta de ar. O dedo do meio estava ferido, entalado sem dúvida, quando a alavanca cedera. Sangrava. Limpou a mão na perna da calça, tirou da rede um cigarro e sentou-se no meio da estrada, no tampo do banco que ainda não pusera no lugar.

O trágico de tal incidente estava em sua própria insignificância: quase nada, uma brincadeira. Mas na atmosfera daquela noite... E o outro cagão? Não tinha voltado.

— Vou largá-lo na estrada. É pior do que ir acompanhado. Vai a pé para que saibam. Miserável.

Uma vozinha que não era a da consciência, provavelmente a do medo cego, murmurou ao ouvido de Gérard que não era verdade, e que seria mil vezes pior ficar só.

Jogou fora a ponta do cigarro que não fez faísca, caiu na noite como num buraco escuro. De fato, era um buraco de trezentos metros, que se abria à esquerda da estrada. Depois pôs o tampo do banco no

lugar, instalou-se ao volante, puxou o freio de mão, com cuidado. Uma vez em marcha, avançou meio metro e teve de novo de descer para tirar as pedras, porque de outra maneira as rodas de trás passariam por cima delas. Quando partiu, e agora de vez, havia perdido mais de três quartos de hora.

A primeira curva é a pior, pois escala a rocha, e a sensação é de que se está numa vertical, mas não: vinte por cento de declive e é só. Na primeira acelerada, que foi de uma lentidão inacreditável, o motor já ronca forte, o KB7 se aproxima. Tem o ar, o caminhão, de um pesado animal desconfiado e mau, e a montanha, por outro lado, é maior ainda e mais malvada. Uma volta circular com os faróis, depois Sturmer dirige o projetor para a direita, para o interior da curva. Alargando a volta para entrar no meio do eixo da curva, acelera; é o momento de arrancar da máquina tudo o que ela pode dar. O volante corre entre as mãos do homem, o caminhão é uma fera contida e manhosa, que não quer ir para onde o dono a leva, levanta o focinho, baixa o focinho, carranca monstruosa que mesmo à noite brilha, rosna e embarafusta, mas não obedece. Mordendo a estrada, mordendo o terreno com as rodas firmes, o caminhão empina, hesita, a fera esbraveja, rosna e embarafusta, mas obedece, menos forte que o homem, obedece e segue.

O caminhão entrou bruscamente numa inclinação; o motor roda com muita força para a velocidade: segunda, terceira... Cem metros mais adiante, a segunda curva, depois a última. Durante uma hora a estrada não terá mais acidentes.

Johnny não aparece no horizonte. Evidentemente, Gérard procura a silhueta de um homem em pé ou sentado; o romeno se deitou num fosso. Tinha a cabeça entre as mãos.

Sturmer parou o caminhão ao lado dele.

— Então?

O outro não respondeu. O som da buzina soa em seus ouvidos e o faz dar um salto. Virou-se sobre um cotovelo e levantou para a cabine um rosto feroz: — Eu... dormi. Sim, foi isso: dormi.. Por que está rindo?

"Dormi", foi o que fez Gérard rir com vontade. Seus ombros largos se agitavam na janela.

— Olha, eu, enquanto você dormia, fui tomar um banho de mar.

O riso parou e ele acrescentou calmamente: — Pedaço de merda!

Johnny tinha enfim se levantado. Enquanto dava a volta no caminhão, Gérard partiu sem esperar por ele. Mas o outro correu e subiu com o veículo em movimento. Sentou-se ao lado de Gérard, silencioso. Alguns quilômetros de noite correram ao longo dos dois homens, dessa noite compacta que acompanha as estradas por onde os homens vão.

— Sim, tenho medo — disse Johnny. — E você não, certo?

Havia um desafio no tom.

O cara tinha a covardia suscetível. Gérard não respondeu.

— Vocês me fazem perder a cabeça, os corajosos. Isso é para esconder a própria morte. Para mim não pega, menino. Não pega. Eu ligo sim.

— O que você está latindo aí?

— Você sabe muito bem: quero fazer a viagem ida e volta. Mas nunca pensei que fosse isso. Esta condenação em que uma pessoa não sabe quando morre. Por que acha que escapa, seu valentão? Não sente o medo embaixo do banco, fazendo cócegas espinha acima? Não tem coração, nem tripas, nem testículos? Não é homem, Sturmer? Nem homem é... É preciso ser um pedaço de merda para suportar isso... E eu é que sou a tal porcaria?... Nem pensar!

— Não gosto de meninas sensíveis — disse Gérard em tom cortante. — Crises de nervos não tenho, graças a Deus. Vai calar essa boca ou te mando dois socos. Vamos, começa a andar.

Parou o caminhão no meio da estrada e, de seu lugar, abriu a porta da direita. Johnny olhou para ele com a boca entreaberta e não respondeu, não fazia um gesto para sair. A raiva de Gérard foi diminuindo pouco a pouco. Só sentia vontade de vomitar. Desceu e deu a volta ao caminhão.

— Quer descer ou não?

A luz vermelha das lâmpadas impedia de ver sua palidez. Falava de dentes cerrados, muito baixo, a voz áspera.

— Não. Preciso desse dinheiro — retorquiu Mihalescu com um tom que parecia normal.

O francês ficou tolhido. Não tinha sido dotado para compreender os outros.

Johnny prosseguiu: — Estava louco. Não sei o que tive. Sim, sei: nunca senti tanto medo na minha vida. Mas vou fazer um esforço, meu velho — acrescentou precipitadamente. — Vai ver. Já me sinto melhor.

Gérard estava cansado. Nervos, evidentemente. Depois, o dedo doía. Encolheu os ombros.

— Volta para o volante. Rendo você quando a estrada ficar ruim.

Instalou-se no lugar vazio, enquanto Johnny se punha em marcha. O caminhão vermelho partiu na noite. Na noite, que bem sua era, essa noite. Assim era, sem dúvida.

O caminhão vermelho é uma estranha personagem. O caminhão vermelho é um rico proprietário. Tem dois homens que lhe pertencem, tem a noite tropical a perder de vista, tanto sua quanto deles, e além disso, além de todas as ligações, tem ressonância na vida de muita gente. Há todo um universo de que o caminhão vermelho é senhor. Cada um por sua vez diz o motor baixinho, com os dentes cerrados; o caminhão vermelho tem botas e chicote, e faz suar sangue e água seu rebanho de homens.

— A vaca...

— Merda, eu estava dormindo — disse Sturmer. — Essa agora!

De repente, sentiu por si mesmo uma estima um pouco boba. Quando contasse ninguém acreditaria...

Na saída de uma curva fácil, bem no alto da encosta, a estrada de cimento acabou sem que ninguém previsse, de súbito, de repente. Ao volante, Johnny, quase se deixou surpreender. E por melhor que fosse sua decisão de autocontrole, freou bruscamente ao ver os buracos e as lombadas se precipitando sob as rodas. Gérard olhou para ele. O outro aguentou o olhar, sorriu e fez uma careta como que pedindo desculpas. Era bom sinal e Sturmer se sentiu melhor. A seu lado, havia um homem que ria e isso o tranquilizou. Gostava que os outros fossem como ele.

— Para, meu velho, vou para o teu lugar.

Sentados na beira da estrada, com o traseiro no cimento e os pés na terra da pista, comeram juntos.

— A verdade é que se todos os caras que queriam esse trabalhinho soubessem exatamente do que se trata, teriam ficado menos tristes de perder — disse Sturmer com a boca cheia.

— A quem você diz! São loucos, esses caras. Bernardo queria se matar...

— Imagine!

— Queria que eu emprestasse a pistola a ele. Pode imaginar o que respondi. Para a polícia achá-la ao lado do cadáver? Não passam de amadores.

— Mas tem certeza que ele está decidido?

— Dei dinheiro a ele para comprar uma corda e expliquei que os enforcados morrem por sua conta e risco.

— Você é um cara frio, mas eu compreendo. Agora compreendo... Sempre digo que há coisas mais difíceis de acreditar...

— O quê?

— Pediu que o deixasse ficar uma vez com a Linda. Queria ter esse prazer ao menos uma vez,

antes de morrer...

— É verdade? E você caiu nessa?

— O que eu podia fazer pelo pobre rapaz? Disse à moça que deixasse. Ela não gostou da graça!

Olharam para o famoso mapa da viagem. Tinham levado duas horas para percorrer trinta e quatro quilômetros ... Os mais fáceis. Naquele ritmo levariam duas noites.

O que os esperava agora ia ser duro. Nos quinze quilômetros seguintes, a estrada estava completamente esburacada, com crateras que podiam quebrar todas as molas de um Jeep normal. Seria necessário contornar essas crateras, uma a uma, sempre em primeira, sem nunca tocar no acelerador, fazer o caminho a passo e esperar que cada roda fizesse o mesmo movimento que a antecedente...

Duas faixas de noite se desenrolavam dos lados do caminhão. Gérard segurava o volante com ambas as mãos. Também o agarrava com força, mas nessa altura não se podia dizer que ele não tivesse razão, e o suor que lhe escorria pela cara refrescava. Nada de especial a fazer senão ir devagar e impedir às vezes que as tremendas oscilações das rodas se comunicassem à massa do caminhão. Era na comunicação entre os dedos e a madeira lisa do volante que tudo isso se passava. Às vezes, parecia que ele procurava se libertar, forçar-se a abrir um pouco as mãos, mas era justamente o momento em que tinha de aguentar.

Não havia trégua, não havia calmaria, nunca, nunca! A roda da direita não acabara de passar e já a da esquerda estava lá... E logo a de trás começava a se entender com o buraco anterior. Gérard, sentado bem reto, assobiava e às vezes mexia com a cabeça para ver melhor. De vez em quando, respirava mais fundo, sugava uma boa, uma grande lufada de ar, e reclinava-se contra o encosto do banco. Depois, soerguia-se e continuava o trabalho minucioso, seguindo com o mesmo assobio sarcástico.

— Quer fazer o favor de mudar o disco? — suspirou Johnny. — Pelo menos, se eu penso não digo.

— O quê?

— When you'll die I'll laugh at you. (Quando você morrer vou rir de você).

— Era isso que eu estava assobiando? Nem percebi. O farol, meu velho, para a direita.

O facho de luz surgia da noite. A estrada continuava reta, sempre em frente, sem se ver seu fim.

— Começo a me sentir cansado. Jurava que tinha visto um buraco.

— Para e descansa um pouco.

— Não, passa um cigarro.

A fumaça encheu a atmosfera da cabine entre estes dois homens silenciosos. Estavam muito ocupados. Sturmer dirigindo e o romeno sentindo medo e escondendo.

Cada um deles estava só e não tinha qualquer comunicação a esperar. Johnny, sentado sobre metade do rabo, com o nariz no para-brisas, vigiava a estrada como se ela fosse pular em cima dele, dirigindo também com pedais imaginários. Melhor do que ficar sem fazer nada. Mas tinha que se conter para não gritar de medo a cada instante. E às vezes, apesar de toda a força de vontade, dizia: — Cuidado, diabos!...

Gérard está cheio, farto para cima dos cabelos deste herói de ocasião. Mas não deixa transparecer, e também não lhe quer mal, antes sente piedade. De resto, a maneira de conduzir não exige senão meticulosidade e não esforço de inteligência, e ele está muito ocupado para poder pensar. Não se chega à idade de Sturmer sem se saber que o inimigo é a esperança. De vez em quando, de um lado ou de outro, arranja-se uma concessão. Sonhar com um macinho de notas; ou então a pista de pouso de Caobos, na saída de Las Piedras, e ele em frente do guichê, com a mala na mão. Mas quase a seguir, cheio de medo, apaga e restabelece no crânio o vazio absoluto. Aos tropeções, devagarinho, o caminhão vermelho, seguro em suas mãos, devora a estrada.

5

— Sinto cheiro de queimado! Cheiro de queimado! Para!

Johnny deu um pulo no banco. Por pouco não quebrava a cabeça no teto da cabine. Com um empurrão, Gérard o afasta: o outro tentava tirar o volante de suas mãos. Por que, senhor Deus? Johnny se deixa cair em seu canto, com todo o peso do corpo, dá um gritinho ridículo, abre a porta e salta. Sturmer se contenta em desligar o motor e o KB se imobiliza por si mesmo. Depois, por sua vez, desce, e depressa, ah, isso é preciso dizer.

Mas a primeira olhada o tranquiliza logo; um pouco de fumaça branca e mal cheirosa sai da roda da esquerda.

— Ei, Johnny! Não é nada! Um pneu que esquentou.

E como o outro não aparecesse, Gérard acrescenta: — Da frente!

Tira de sob o banco duas chaves inglesas e uma lanterna da gaveta do painel. O romeno aparece por trás dele, sem nada dizer.

— Vai buscar o macaco. Temos um trabalhinho para cinco minutos.

Efetivamente não era grande coisa. Deitado de costas, debaixo das molas, Johnny está apertando a cavilha da válvula do Lookheed, quando seu olhar dá com um detalhe que não lhe parece muito católico.

— Ei, Gérard!

Com um piparote Sturmer joga fora o cigarro e se aproxima.

— O que há?

— Olha do outro lado. Não falta aqui uma cavilha do amortecedor?

— Onde?

— Por baixo do amortecedor da roda.

— Sim, tem uma.

— Por Deus! Deste lado ela saiu! — Espera aí...

Com as mãos, o romeno suspende a mola, depois solta. À esquerda, a dianteira do carro cai de maneira perceptível.

— Não há líquido no amortecedor hidráulico também.

Gérard foi se juntar a Johnny debaixo do caminhão. Um pequeno feixe luminoso se quebra-se contra o tubo, a mancha amarela ilumina a válvula de reabastecimento. Dois traços quase em cruz arranham o metal: riscado de uma ferramenta, sem dúvida. Sturmer tira o lenço do bolso, cospe nele e esfrega o local. A película de terra cai. Por baixo, o metal está brilhante. Os dois homens se entreolham. Por um momento, são camaradas.

— Hein?!

Meia volta na chave. Aquilo devia jorrar líquido. Uma gota lamentável treme ao longo da válvula e não se decide a cair.

— E do outro lado? — perguntou Mihalescu com voz surda.

A outra roda está suspensa normalmente. Nenhum arranhão na cavilha, tudo no lugar. A tampa está apertada com firmeza. Mas mal a chave de Gérard fica suficientemente presa e pode empregar toda a sua força, o líquido começa a esguichar.

Foi um ato de sabotagem. Não pode haver dúvida. Ficam um momento silenciosos, sem que seus pensamentos lhes pareçam exagerados. Nunca se chega ao fundo da maldade. Há sempre um miserável

maior do que se calculava. Senhor Smerloff, tem interesse em não ser descoberto... Estes dois homens podem ser um mau testemunho.

— Haverá deste líquido na caixa?

— Acho que não.

— Acha que ainda tem o suficiente?

— Não sei. Uma garrafa de Coca-Cola, talvez.

— Mas temos água. Água também serve.

— Sim. Com o tempo, destrói os tubos, mas isso não nos interessa. Se em seis meses não mudam daqui...

Dez minutos mais tarde, tinham tudo em ordem e tornavam a partir, depois de uma olhada no que se podia ver sem desmontar.

— Apesar de tudo — disse o romeno — Apesar de tudo... É preciso não ter religião!

— Olhando bem as coisas, sabe...

— Como?

— Escute, meu velho. O cara que fez isso tem inveja do trabalho que arranjamos, não é? Quer dizer necessidade ou inveja, como quiser, necessidade ou inveja de dinheiro, e não pouca. Está me entendendo? Como nós. Como eu. Como você. Entende o que quero dizer?

— Sim, bem...

— É válido. Você está aliviado porque tem a impressão de ter encontrado alguém pior do que você; não acredite nisso, rapaz. É apenas uma questão de grau, nada mais.

— Enfim...

— Não há enfim, meu filho. Entre o cara de barriga vazia que têm estômago pra ferrar dois homens por dinheiro e você que também quer a grana mas me larga sozinho a qualquer perigo e se manda a todo momento, não sei quem eu prefiro.

Johnny, vexado, ficou em silêncio chupando o cigarro. O caminhão continuava a rodar sobre buracos e calombos. De tempos em tempos, Gérard tentava pôr uma segunda — e nada muito rápido em segunda: quinze por hora, no máximo — e nada feito. O veículo começava a dançar, o romeno ficava verde, pulava de uma bunda para a outra; Sturmer desistia e levantava o pé direito. A noite se arrastava.

O silêncio fez ninho naquela cabine, entre estes dois homens. Instalado a bordo, erra ao longo da noite dessa terra já de si amedrontadora. Pesa no peito, sem dúvida, é esse silêncio que os impede de respirar, que torna seu fôlego curto, arrítmico. Só falam das coisas essenciais; elas são raras, quando se arrasta uma coisa assim. Os cigarros; que calor! que horas são...

— *Nunc et in hora*...

A lua bate na terra diante deles, quase na vertical. Apareceu de repente, saída Deus sabe de onde. Tomou posse da noite, jogando-a numa espécie de dia esbranquiçado até as linhas do horizonte achatado que contorna o planalto. O pesadelo não está só em suas cabeças. Espalhou-se em volta deles. Cada lombada da pista, cada buraco toma impiedosamente seu relevo. Quando as rodas se aproximam parece que vão morder a pedra.

A apreensão quebra os rins dos homens, levantam seus troncos, joga-os para a frente, o nariz encostado ao para-brisa.

Cada buraco ultrapassado era um milagre; um inquietante milagre, porque nunca ousavam confessar que tinha acontecido, e nunca também que ele se renovaria. Quando a roda da frente abordava algum buraco saltava logo aos olhos, à luz da lua, o seu aspecto mau, redondo de sombra, com os

contornos nítidos. Gérard retirava o pé que apenas aflorava o acelerador e pousava-o docemente no pedal do freio. O avanço do caminhão nem o motor que fornecia, mas seu próprio peso na beira do buraco. Em seguida deixá-lo deslizar até o fundo, retendo o freio. A roda rangia e se virava um pouco ainda, ainda, ainda... Atingido o fundo, nem havia tempo de respirar, era necessário retomar o pedal da direita e lançar o caminhão na subida, cujo chassi destorcido gemia. Nesse tempo, tanto um como outro, e possivelmente Johnny mais que Gérard, sentiam medo; continham a respiração até que acabasse, até que o pesado veículo voltasse à horizontal. Mas não passava um minuto e tinham que recomeçar...

Os rostos ficavam molhados de suor como se tivesse chovido. Sobre a pele luzidia, as gotas corriam facilmente, hesitavam um instante na raiz dos cabelos, depois decidiam-se de repente e rolavam direitas, caindo sobre a testa e em seguida sobre as camisas encharcadas. De vez em quando, Johnny limpava-se com um grande lenço. Duas vezes Gérard parou, imobilizou o KB, aproveitando uma calmaria de alguns metros no caos da estrada. Então, apoiava as costas no assento e respirava profundamente. Apagava os faróis.

— Um cigarro.

A luz do fósforo iluminava dois perfis sérios. Com todos os músculos do rosto relaxados, Gérard tirava pequenas baforadas do cigarro e o reflexo do fogo sublinhava o amargor de sua boca. Johnny fumava também. No canto do lábio inferior, uma funda ruga tremia. Nas duas vezes tornaram a partir sem dizer palavra.

Insensivelmente primeiro, depois cada vez mais, a estrada melhorava. O mapa da rota, fixado acima de suas cabeças como num dossel de cama, marcava o traço que se acabara, uma média horária de quatro quilômetros. Tinham levado três horas e meia para fazer dezesseis, estavam portanto adiantados.

Os buracos se tornavam mais raros. Num quarto de hora, se Deus lhes desse vida e saúde, eles chegariam à "chapa ondulada". É assim que chamam as pistas de embasamento duro dos países tropicais; as chuvas, a estação úmida, cavam milhares de pequenos regueiros duros, sem nenhuma profundidade, de alguns centímetros apenas, e muito cerrados. Neste gênero de solo, é preciso entrar nele a uma velocidade relativamente elevada, oitenta quilômetros pelo menos: então o caminhão voa à superfície destas caneluras, sem quase tocá-las, e se viaja como numa estrada nacional da França. O segredo consistia em ganhar velocidade suficiente sem fazer estragos. Eram precisos duzentos metros de terreno liso. Encontrariam isso?

— Pega o volante, meu velho. Não posso mais.

O caminhão parou, depois de passar o último buraco. Desceram ambos. Gérard, embrutecido, tinha os olhos ardendo e as pálpebras queimando. O dedo ferido doía e os outros também, pela força de segurar a madeira envernizada do volante. Limpou as palmas das mãos úmidas na calça. Subia uma brisinha que, passando pelas camisas molhadas, os fazia tremer. Gérard tirou a dele e foi buscar uma limpa na mala. Mas esperou ficar mais seco para vesti-la; sobre a pele nua, o vento parecia agora morno. Ficou um instante com a camisa na mão, se espreguiçando.

Johnny arrancou como um principiante. Foi por um cabelo que não sacudiu o carro todo numa manobra nervosa da embreagem. Parecia apalpar os pedais como areia movediça e a alavanca de marcha queimava seus dedos. Diante deles a estrada era plana, tentadora como uma autoestrada, se não fossem as porcarias das fendinhas. Os faróis iluminavam uma extensão de duzentos metros. No painel que o romeno iluminara com luz reduzida, a agulha oscilava entre quinze e vinte por hora. As duas primeiras marchas tinham passado bem. Restava apenas a terceira.

Um pedaço de terreno arenoso abriu-se à frente deles. Parecia terra lisa e era preciso uma manobra muito inábil do volante para arriscar uma dessas derrapagens de lado, possíveis apenas nas curvas. A pista seguia reta até o fim do horizonte. Mesmo além dos faróis ela se distinguia, mais clara que o resto da noite, correndo para a frente, até o extremo do planalto, acabando no céu circular.

— Vamos, meu velho. É agora. Pisa fundo.

Johnny não tinha um ar decidido. Foi com moleza, com indecisão que acelerou. Trinta e cinco, quarenta. Ao chegar aos quarenta, o motor protestava. Se o outro não mudasse a marcha, o motor falharia.

— Vai passar a noite a quarenta? Pisa e passa para cinquenta, meu velho. Tem dez segundos ou está tudo perdido.

Estava perdido. A agulha desceu em três seções. Arrastado pelo movimento próprio, o carro lançado manteve ainda a velocidade de quarenta durante um instante. A mão de Johnny hesitou duas vezes na marcha; fez uma careta. O pé indeciso imprimiu dois ou três movimentos de fraca amplitude ao acelerador. Depois desistiu, capitulou. Gérard apelou para toda a sua calma: — Para um momento.

Dócil, o romeno encostou o caminhão na beira da pista. Tossiu asperamente e escarrou pela janela. Devagar, voltou a cabeça para Sturmer: — Não consigo. Tenho medo. Não posso. Estou com medo.

Sturmer respirou profundamente. Era quase um suspiro. Não era o momento de se enervar.

— Entenda — tornou Johnny —, eu não queria sentir medo. Acredite que isto não me dá nenhum prazer. Quero acabar a viagem, receber meu dinheiro e sair desta terra. Não quero desistir.

— Não desiste, mas deixa todo o trabalho pra mim, de tanto que se borra de medo.

— Sim. Acredite, ainda há pouco, quando quis passar para cinquenta, achei que ia desmaiar. De medo, não tinha força no pé, e apertava. Que vamos fazer agora?

Demoraram a tomar uma decisão. Não podiam continuar a trinta quilômetros por hora. Quando se tem a morte debaixo do rabo, é forçoso andar depressa. Não podiam contar com outra pista de voo arenosa, lisa e plana como esta. O francês desceu da cabine. Com uma lâmpada elétrica na mão, inspecionou o solo. Sim aqui o caminhão de Luigi tinha começado sua corrida. Os salpicos de areia se afastavam cada vez mais dos traços impressos pelos pneus no solo móvel, como acontece nas aceleradas em velocidades elevadas. Luigi, ao passar por ali, tinha deixado esta indicação aos companheiros. Valente Luigi.

Fazer meia volta? Era difícil. Não, não era coisa que oferecesse dificuldade; mas neste terreno leve, as rodas do KB iam se enterrar, lavrariam a pista. E cuidado com o solavanco quando viessem lá de cima a oitenta. No entanto, nada a fazer, era preciso novo arranque. Tudo demoraria muito tempo, mas seria tempo ganho. Para rodar sem solavancos, sobre a chapa ondulada, não há senão duas velocidades possíveis: dez à hora ou oitenta. E uma vez em marcha, como passar de uma para a outra?

— Ouça, Johnny. Vou recuar até o limite da areia. De ré, sem injetar gasolina, sem olhar para trás. Você vai me guiar. Tentarei não sair da trilha, não fazer nem buraco nem calombo para quando voltarmos...

— Mas...

— Não. Eu vou pegar o volante. Vou trazer na velocidade necessária. E quando estivermos lançados, te passo a pasta. Combinado?

— Eu vou tentar.

— Não, meu velho. Não se trata de tentar. Tem que fazer, embora te custe.

Havia qualquer coisa no tom de voz de Sturmer que obrigava o romeno a refletir. Olharam-se sem nada dizer.

— Se se esse puto desse percurso não fosse tão cansativo, eu faria tudo sozinho, pode crer. Eu não teria reduzido a marcha para te pegar depois que você me largou tão indecentemente quando uma roda começou a esquentar. Mas isso é muito pesado e eu não posso sozinho.

— Não é isso...

— Gosto de ouvir você dizer isso, mas não pelas razões que te interessam. Por outro lado, não se pode continuar em terceira num caminhão de cinco marchas porque o senhorzinho é covarde, entende?

— Não seja injusto, Gérard. Você sabe que não sou mais cagão do que qualquer outro. Você me conhece bem. Você...

— Eu... Eu te mando à merda e pronto. A questão não é tua coragem, sob o ponto de vista geral, a questão é este trabalho de bosta que nos caiu em cima e com o qual contamos para sair daqui. Preferia ser babá de crianças que esta noite, por um feliz acaso, não começariam a mijar nas fraldas toda vez que o velocímetro marcasse mais de dez milhas... Por favor!

— Estou com medo. Quantas vezes preciso dizer? Fico doente. Doente.

Emitiu um som gutural e não articulou mais palavra. O rosto ficou gelatinoso, tremia.

— Doente —, repetiu ele.

— Doente ou não, esta noite é correr ou morrer. O muro das lamentações não é aqui, é em Las Piedras; não há sucursal. Ouça: se eu não precisasse de você, já tinha te posto para andar há tempos. Para andar, ouviu?

— Duvido — murmurou Johnny.

— Só não fiz, primeiro por consideração. Segundo, arrasto você atrás de mim por causa do dinheiro. Porque em tudo isso a nitroglicerina não passa de um episódio, um acessório romanesco. Compreende o que quero dizer? O que há de verdadeiro, de sólido, a eterna história em que nos pusemos de acordo, lembro a você, é o dinheiro, é a chatice desta vida: dois caras que querem dinheiro para a passagem. Não é assim?

— Tem razão. O que não impede...

— O que não impede que eu não te deixe sabotar nossa sorte por uma questão de nervos. Se a grana estivesse na merda você a pegaria com os dentes, se fosse essa a regra do jogo, não é? Pois bem, ainda não afundou na merda, está aqui presa nesta carroça de morte súbita, pendurada em seu pescoço e que pode explodir de um momento para o outro. Agora, por exemplo.

— Cala a boca!

Johnny uivou isso em voz baixa. Um sopro que vinha do fundo de suas entranhas e que devia ter arranhado a garganta dele na passagem. Sturmer encolheu os ombros.

— Não faça como o avestruz. Não tem mais idade para isso. Portanto, eis o que vamos fazer: vou lançar esta bomba voadora na velocidade precisa. Depois passo a você em movimento. Você não vai dizer que não pode, isso não é acrobacia. Em seguida, me instalo a seu lado e durmo um pouco. Não há outra coisa a fazer. Não quero passar a vida preso pelo pé nesse pacote de dinamite.

— Sim, mas...

— Não, Johnny. Eu não estou dizendo, repare, eu não estou dizendo faz isso, senão.... Eu digo, é um risco, mas é assim e não pode ser de outra maneira; e você vai me agradecer, e se não agradecer tanto faz. Está entendendo?

Passo a passo, Mihalescu caminhava ao lado do caminhão que recuava sem solavancos. A lâmpada do romeno era do exército americano, um modelo com o facho regulável. Trinta passos atrás, o foco luminoso, bem cilíndrico, percorria o solo, adornava de sombras fantásticas cada torrão, cada regueiro. E Johnny sentia crescer nele a confusão. Tudo naquela noite lhe parecia ruim, injusto. As coisas conspiravam, cúmplices com a máquina infernal. Tudo contra ele, tudo a favor dela; de acordo para que acabasse de existir, para dissolvê-lo em poeira na paisagem.

De vez em quando, com uma pressão de mão, Sturmer corrigia a direção sem grande esforço. O caminhão mostrava-se dócil. As rodas de trás seguiam reto no próprio rastro. E isso era muito importante: não abrir falsos sulcos, nos quais em breve se arriscaria a entrar quando Gérard de novo o trouxesse. Deus saberia então... Atingiram o fim da areia. O momento chegara.

Há condenados à morte mais sorridentes do que Johnny no momento em que tornou a se instalar ao lado de Gérard. Enquanto Sturmer acariciava o acelerador com um gesto que só servia para lhe dar coragem, a saliva crescia na boca do romeno.

— Será que vou vomitar?

Pronto. Tinham partido. Para a frente, desta vez. Tinham os olhos fixos: Sturmer pelo esforço de

atenção. O motor desenvolve num crescendo, cortado de pausas em que Johnny se sente reviver. Silêncios surpreendentes, durante os quais a perna esquerda de Gérard se levanta duas vezes, torna a pousar com uma calma de paquiderme: dupla embreagem; ele sabe se entender com aquela caixa, não havia dúvida.

Terceira, quarta... À parte os curtos intervalos no meio das mudanças de marcha, a agulha do contador sobe sem tremor: quarenta e cinco, cinquenta... Falta metade do percurso do pedal para atingir os oitenta.

Sessenta. A quinta. Isso leva ao menos dez segundos, em que Johnny se esquece de respirar. A boca entreaberta, ele olha os mil pequenos traços da pista correrem debaixo do caminhão, e a noite que passa impetuosamente. Um pouco de poeira de areia turbilhona na luz dos faróis, e migalhas arrancadas da terra entram na dança, levadas no frenesi demente dessa corrida.

O motor marcha. Com uma verdadeira patada, raivosa, mais ainda: furiosamente, Sturmer comprime com a sola, até o fundo, o acelerador. Imaginem. Sessenta, sessenta, no fim do quadrante. Troca um olhar com Johnny. Está encolhido em seu canto, esmagado no banco pela pressão dos pés contra o painel. Grita, não muito forte, mas grita. Um demorado uivo inarticulado. Nada pode contra isso, sai dele por si só.

Mas o que tem agora esse caminhão? E a ideia salta aos lábios de Gérard, e ele a grita com todas as suas forças.

— O limitador!...

Para evitar que os motoristas deem aos motores velocidades exageradas, as companhias ianques chumbam os carburadores. Com toda certeza, os mecânicos de O'Brien tinham-se esquecido de dessoldar este e ninguém pensou nisso.

A areia acabaria trinta ou quarenta metros adiante. Normalmente, seriam necessários pelo menos uns cinquenta. Mas Gérard começou a frear. A sessenta não havia necessidade de abordar a chapa ondulada. Era a pior velocidade. É forçoso recorrer aos freios da frente.

Mais forte, mais forte no pedal. E não muito forte, no entanto. Ao apartar o pedal, Gérard sente nas costas, na ossatura de todo o corpo, a massa de explosivo, arrastada naquela velocidade, que se comprime contra as paredes do reservatório — e cada molécula faz pressão nas suas veias. Ele próprio se sente empurrado para a frente; o sangue ferve em seus ouvidos. Mas isso não pode ser pela pressão da freada. Deve ser o medo.

Restam dez ou doze metros de areia. E a agulha marca ainda vinte e cinco. É a freada final, a mais terrível: se o caminhão não se imobiliza progressivamente, a pressão do líquido na cisterna, que não cessou de aumentar contra a parede da frente, voltará para trás de uma só vez. Baterá apenas uma vez. É quanto basta... E por outro lado, é absolutamente necessário que tudo pare no começo da areia. Parado? Com efeito, não! Justamente ao chegar ao piso duro, Sturmer larga o pedal e puxa o freio de mão, só metade, para que ele ajude o amortecimento, mas sem brutalidade. Três estalidos na cremalheira, nada mais. Ressoam destacadamente, de passagem, e o seu ruído tranquilo dá de súbito consciência a Gérard de que ele conservou todo o sangue-frio. Então, embalando toda a máquina no andamento que o regulador permite, baixa para uma velocidade inferior. Não é o momento de se iludir: precisa desembrear, conseguir com o acelerador o regime de motor que corresponde àquela velocidade. É preciso em seguida diminuir a marcha e a embreagem nesse regime, depois o acelerador, muito devagar. O contador marca ainda vinte, o que é demais: e as rodas da frente entram já no terreno duro.

Uma série de balanços cerrados sacodem a parte da frente, como a deslocá-la. Se, como ainda há pouco, os amortecedores não estivessem no lugar... Mas o lastro foi muito bem posto. O tremor das rodas da frente não se transmite ao resto do chassis. E eis que se torna num caminhão gentil, dócil, obediente, que, entre as mãos de um Gérard esgotado, se põe como há uma hora a rodar na estrada, passando cada alto com a cadência de um caracol pacífico.

Por trás, a pressão aliviou progressivamente o seu máximo, o seu paroxismo. O medo descerrava também o torniquete, desfazia.

Um cigarro, agora, era do que precisava. Mais uma vez haviam descido do carro, silenciosos. As lâmpadas vermelhas iluminavam os rastros vazios. Tinham um ar sujo.

— Arre! Até babamos...

Mihalescu suspirou e não respondeu.

— Vamos, meu velho. Pega agora.

— Não!... Não!...

Um grito inumano. O grito de um homem que morre com as entranhas trespassadas, com as tripas de fora. Um grito de mulher de quadris muito estreitos quando sente passar a criança para fora do sexo.

Sturmer agarrou-o pela camisa e sacudiu-o com pequenos safanões, com um tremor nas mãos de assassino. O dedo ferido tornou a doer. Rosnou do fundo da goela e apertou mais forte. O tecido cedeu, rasgou-se como um lamento.

— Eu disse: pega agora. Ouviu, pintinho?

— Não, Gérard, não...

Tinha uma vozinha ridícula. Uma voz de súplica, como uma criança que tem medo que lhe batam. Sturmer estava pálido e tremia um pouco. Raiva, cansaço, medo passado e medo que ainda viria.

— Ouça, me ouça, pedaço de merda, escuta o que digo: se continuar com essa mariquice eu te arrebento, te pego e amarro lá em cima da cisterna. Como estou cansado, tenho certeza de que explodiremos os dois. Está com medo, é? Está com medo, miserável? Eu também, pobre de mim. Mas dessa maneira é proibido por lei.

De ré, voltaram ao ponto de partida. Johnny agitava a lâmpada com uma cadência de incensório atrás do caixão, de tal maneira que Gérard não pôde deixar de rir e assobiar os três primeiros compassos da marcha fúnebre. Brincadeiras de gosto detestável, sem dúvida.

Com três voltas da chave de fenda, tiraram o regulador, uma estreita tira de estanho que Sturmer jogou no chão com um movimento de raiva. Brilhando ao duplo clarão dos faróis e da lua, ela tinha o ar malvado de uma serpente ainda nova.

— A questão é esta — disse Gérard. — Volto a dizer: quando estivermos na chapa ondulada passo o volante para você até a entrada de Los Totumos. Aproveitaremos as faixas de cimento da entrada para voltar em velocidade reduzida. Até lá, rigorosamente, nada tem a temer: não há regos, nem obstáculos, nem buracos, nem nada, com a condição de nunca descer abaixo dos oitenta.

— E se o motor fraquejar?

— Não há razão para isso; mas se acontecer nós pulamos e desgraçadamente nada sobrará nem pra fazer um queijo. Outra coisa: digo desde já que não me peça para refletir, para escrever a sua mãe ou consultar seu advogado no momento de pegar o volante. Se fizer isso...

Retirado o limitador, não havia mais dificuldade. Regularmente acelerado, de velocidade em velocidade, o KB entrou na pista dura sem um solavanco, depois continuou sua marcha sobre o terreno cortado de pequenas brechas como se patinasse no gelo. Gérard, esgotado ainda mais por este triunfo do que pelo insucesso precedente, sentia agora o peso do cansaço se concentrar nos ombros até os braços; as pálpebras ardiam mais do que nunca. O deslocamento de ar, causado pela velocidade, fazia o vento cantar nas portas e soprava em seu rosto através do para-brisa um pouco levantado. Isto não bastava. Por duas vezes, fechou os olhos com toda a força e reabriu-os logo brutalmente. O sono estava ali, escondido por baixo, como uma poeira. Tinha necessidade de dormir.

— Johnny! Ei, Johnny!

— Hein?

— Agora é você.

Naturalmente, ele não estava entusiasmado, o mancebo.

— Como vamos fazer?

— Passa a perna por cima da alavanca e aperta o acelerador com a ponta do sapato, enquanto eu o prendo ao chão, por baixo. OK?

— Sim... Espere, não segurei bem... OK. E agora?

— Levante o mais que puder e passe para o meu lugar, sem se sentar. Não se preocupe com a direção, eu seguro. Você a pega quando estiver sentado. Não é perigoso: o caminho é reto.

Em volta deles, por baixo, a noite corria ao encontro do caminhão. Mais longe, ao contrário, parecia escoltá-los. O ruído do motor em pleno regime, o vento, a agulha do quadrante do painel, que marcava noventa, estava imóvel!...

— Vamos agora! E não esqueça: se reduzir o combustível voamos pelos ares.

A outorga de poderes termina. E, repentinamente, Johnny Mihalescu está solto na noite correndo não sabe bem para que, para um cheque, o prêmio da sua liberdade, ou para a própria morte? Feito um cachorro com uma panela presa ao rabo. E como panela, aquela era terrível.

— Então, ça va?

O romeno sacudiu a cabeça. Sem dúvida, ia. Mas a verdade é que aquilo podia se interromper sem aviso. Sem esperar, podia muito bem deixar de viver. Era isso que o mortificava. Sentia-se oprimido, o fundo do estômago parecia querer subir à boca.

Tomou posse de seu assento, de seu carro. No fundo, até aqui, ele havia sido sobretudo passageiro. O caminhão começava a lhe pertencer. Balançava-se um pouco da frente para trás, tentava diferentes posições de mãos no aro de madeira negra, mantendo o volante firme. As coisas iam na verdade melhorando.

A cada um, por sua vez, o privilégio de se fazer servir.

— Um cigarro, meu velho.

Tirou três grandes baforadas e jogou-o pela janela: naquela noite o tabaco tinha um gosto amargo que ele não conhecia. E apesar de não ter nada a fazer, senão manter o caminhão na mesma direção, a verdade é que não era uma velocidade para poder fumar! Um pouco mais tarde, virou-se ainda para Sturmer e tossiu com gosma. Não era fácil dizer o que desejava.

— Olha só.

— O quê?

— Obrigado por aquilo de há pouco.

— Hein?

— Por não ter me largado na beira da estrada quando te deixei sozinho nas curvas. Você foi um cara decente, Gérard.

— Deixa isso pra lá!

— Sim. Você é um sujeito bom. Mas vai ver como agora vou te ajudar. Mais um pouco.

— Sim, sim...

Depois, enquanto o companheiro se aninhava no seu canto para dormir, o romeno começou a cantarolar uma melodia que desde criança parecia ter esquecido:

De Ploësti a Giurgiu
viajei dois anos
E ganhei, ganhei, ganhei
Doze escudos de ouro...

— Gérard!... Ei, Gérard!...

Há mais de uma hora que Johnny dirige. Há dois quilômetros a poeira se levanta diante do caminhão; oh, não muita, junto ao solo. Não perturba a visibilidade; é simplesmente sinal de que há algo

à frente. Algo muito grande em velocidade reduzida: de outra maneira a nuvem estaria mais alta.

— Gérard! Pelo amor de Deus!

Johnny sente-se comprimido. Comprimido entre a velocidade mínima, sob a qual cada aspereza do terreno sacudirá o caminhão até que voe em pedaços, e aquela velocidade que o lança contra um obstáculo, do qual nada sabe a não ser que se aproxima: a poeira está mais densa. São agora pequenas nuvens redondas como velas, orladas como as nuvens que nas igrejas servem de tapete aos anjinhos.

— Gérard!

— Caralho!... — responde Sturmer, que acorda enfim e acrescenta logo: — O que há?

Para a frente pouco se vê além dos faróis. A lua que ainda há bem pouco batia em cheio, desapareceu agora. No entanto, o francês não leva muito tempo a dar-se conta de que alguma coisa se vai passar. Nota imediatamente as volutas de poeira. Depois é esse indistinto clarão vermelho, um pouco antes do horizonte. Esfrega os olhos. Não há dúvida.

— É o Luigi que vai aí à frente. Roda devagar, se não é que parou.

Os olhos de Johnny estão fixos. Procura furar com o olhar o muro da noite, para encontrar além um ainda mais compacto, mais duro, contra o qual vai se esmagar. Contra vontade, alivia o acelerador; a velocidade cai perigosamente; exatamente o que não deve fazer. Gérard pisa em seu pé até o chão.

— Sai daí!

Johnny corre a ceder o lugar.

Como um relâmpago, Gérard desliza por baixo dele e o substitui.

— Pode largar, já estou aqui.

Mal acordado, o francês põe a cabeça para fora da janela e sente o vento que sopra quase fresco. Começa a querer adivinhar. Parece brincadeira de crianças: se se enganar, leva uma bofetada. E que bofetada! É mentirosa e traidora, a noite. Parece que o clarão se aproxima; mas como pode avaliar a distância com tal iluminação, e na planície, ainda por cima? É verdade que é monótono, terrivelmente monótono este planalto; e mesmo...

— Sabe onde estamos exatamente?

— Passamos a bomba Sete há pouco mais de cinco minutos.

É verdade, há bombas. Meio postes, meio semáforos, elas balizam o traçado do pipeline, onde mantêm uma pressão constante, depois do último poço até o pier de Las Piedras.

Oitenta. É preciso manter os oitenta. Tudo reside nisso. Até o momento em que chegarem ao obstáculo. Então tem que haver uma solução.

Manter os oitenta e, no entanto, o olho aberto: não tentar ultrapassar um troço na estrada tão lisa que não se pode parar.

O pior é que o caminho ficou estreito. Dois caminhões não passariam lado a lado sem se tocarem. Enfim...

Dois minutos ainda. O clarão está mais preciso aos olhos arregalados dos homens. Johnny tem o rosto esmagado contra o para-brisa. Gérard mantém a cabeça de fora. Perscrutam a noite, procuram desvendar seu segredo — segredos, contanto que não haja vários... De súbito, o romeno uiva.

— Os faróis apagaram.

— Não grita assim, fui eu que apaguei. Vê-se mais longe sem faróis.

É verdade. A noite tropical não é completamente obscura, brilham muitas estrelas. Gérard marcou a linha geral da pista; não é preciso ser adivinho, ela é absolutamente reta. Fechou os olhos por três segundos, e quando torna a abri-los, o muro desapareceu, o muro onde antes se quebrava o feixe luminoso dos faróis. Em seu lugar um esbranquiçado difuso e transparente estende-se até o horizonte. Vê-se através dele como por óculos esfumados um pouco escuros. E a primeira coisa que salta aos olhos é uma grinalda de lâmpadas vermelhas, que se desenha a dois metros da terra, ao fim da planície. Gérard torna a acender os faróis.

— Temos tempo. Mais de cinco minutos para chegarmos lá. Mais meia hora e eles entrariam em Los Totumos antes de nós.

— E que é que vai fazer?

— Tentar ultrapassá-los. Na velocidade deles, podem parar ou se desviar para o lado e nos deixar a estrada livre.

— É preciso que saiam quase completamente do caminho.

— Esperemos que o façam...

A buzina entra no jogo. Um mugido de derrota que se casa ao uivo do vento. Os oito pistões do motor, por seu turno, aspiram o ar nos condutos da sirene estridente. Os gritos da máquina, primeiramente inarticulados, depois uivados, não tardam a entrar num acordo. Um toque breve, um toque demorado, um toque breve, a série convencionada para sempre entre os motoristas destas estradas e que significa: "Cuidado! Cuidado! Atenção!... Atenção!... Deixe a estrada livre. Deixe a estrada... Eu estou passando... Estou passando..." Ainda um toque de berraria inarticulada. Mesmo se ele não estiver obstruindo a passagem, que fique avisado. Berrem, buzinas, berrem mais forte, metam medo neles se não compreenderem, berrem!... Verdadeiros uivos roucos de sirene, constantes, ensurdecedores...

— Escute um momento. Pare com a buzina — disse Johnny.

Não apenas os olhos, há também os ouvidos que procuram pegar algo. O ruído do vento incomoda; com força, com força, parece que ouvem o bater de cada partícula de areia arrancada pelas rodas e projetadas contra o para-lama e o chassis.

Diante deles, a quinhentos metros apenas, pode ser que menos, a grinalda de lâmpadas se destaca agora contra o céu: estão muito perto. Não se ouve resposta. A estrada estreita ainda mais. Era só o que faltava.

Gérard volta a buzinar. Um toque breve, um toque demorado. Vai recomeçar.

— Escute — disse-lhe Johnny, pondo a mão no braço.

E nesse momento Johnny se sente quase normal. Está muito ocupado para ter medo. Não tem tempo, esquece de ter medo.

— Ouça... Parece...

Com efeito. É como uma espécie de ronco infantil, trêmulo, atabalhoado, e no entanto rouco. É ritmado, uma cadência miúda. É uma mensagem; ele responde. Mas por que não se afasta? Seria melhor. Não estão a mais de duzentos metros e, àquela velocidade, serão depressa engolidos...

— O que é que ele diz? — pergunta o romeno que percebeu que era Morse, mas não compreende.

— E... S... P... E... R... E... Espere.

— Ele diz que está em apuros. Pula fora ou faça suas orações.

Johnny não responde, mas também não salta. Seus lábios se mexem em silêncio, depois leva as mãos abertas ao rosto, mais branco que a neve. As luzes vermelhas se refletem agora no para-brisa. Questão de segundos. Gérard engole várias vezes a saliva. Johnny lança um derradeiro olhar e abre a boca decidido a morrer gritando.

Uivos da buzina. Sturmer se agarra a ela como a uma boia de salvação. Depois, aquilo lhe faz companhia. Queria fechar os olhos e não pode. Pertence a essa raça de sujeitos que nunca aceitam; nos quais é preciso bater para arrastá-los ao cadafalso, que no leito de morte discutem o preço do próprio enterro com o empregado da agência funerária. O caminhão de Luigi está a menos de trinta metros.

Justamente no momento em que tudo vai acabar, em que não há mais que um segundo ou dois para viver, uma nuvem de areia salta das rodas do veículo da frente e cega Sturmer, que não larga o volante. Completamente perdido, o francês solta o acelerador, prende devagar freio de mão na terceira ranhura e tateia com a ponta do sapato pedal do freio. No turbilhão de poeira que se levanta em cortina até o céu, parece que as luzes, que se veem por apenas um segundo, se precipitam sobre o para-brisa... Sim... Já se aproximam mais.

Para dissipar toda aquela porcaria, é forçoso que Luigi acelere. Evidentemente. Aliás, agora, ele se afasta.

O pó da areia entra pela garganta. Tossem. Johnny luta para fechar o para-brisa, mas o parafuso não desliza, e ele se machuca; quando conseguir, ou terão parado ou terão voado pelos ares.

O terreno agora é mole e liso debaixo dos pneus. Rodam sobre uma papa, embora a velocidade se reduza cada vez mais. Se não surgir algum obstáculo da noite e da nuvem, para atravessar seu caminho, não será ainda desta vez.

A estrada é cada vez mais lisa. Depois a natureza do solo muda de novo, a marcha fica mais firme ainda, mais dura. O aveludado da areia dá lugar a outra coisa. Entre duas volutas de poeira, Gérard julga reconhecer a cor do cimento. Mas sim... É isso... Não estão em plena natureza, como pensavam: o vento de areia cessa repentinamente, descobrindo duas faixas brancas que se estendem pela terra afora, como dois tapetes. Ao fundo, na extremidade da luz dos faróis, o caminhão de Luigi passa entre dois casebres de terra batida.

Johnny, portanto, informou errado. Não era homem nem para dar uma informação certa. Nem isso...

— Não era a bomba Sete que tínhamos passado quando me acordou para te render. Era a Seis.

O outro fez uma careta.

Sturmer não gosta das recriminações imediatas. "Avisei que não me faria outra... Mas para que, meu Deus?" Todas as marchas reduzidas, é em primeira que entram no povoado.

As ruas estão desertas; aqui e ali uma porta aberta e uma casa iluminada. Por uma abertura, viram uma família prostrada, velhos acocorados que murmuram preces entre os dedos. Evidentemente, sabem do que se trata. No entanto, não têm telégrafo nem telefone... Mas passado o Trópico Norte, em todos os países do mundo, as novidades circulam por vias estranhas, com uma prontidão da qual os europeus não descobriram ainda o segredo.

Os dois caminhões seguem afastados apenas alguns metros. Ao chegar à grande praça, um braço faz grandes gestos pela janela do primeiro veículo, destacando-se mais claramente na luz vermelha. É Luigi ou Bimba, fazendo sinal de que vão parar. Sturmer para o caminhão do lado direito, enquanto o outro vai parar na própria praça.

— Olá Bimba! Olá Luigi!

— O que deu em vocês? — pergunta o italiano. — Não viram o lenço que amarramos na parede da bomba Seis, para dizer que diminuíssem a marcha? Não dá pra virem dois...

— Não éramos dois. Johnny é que dirigia e eu estava dormindo.

— Hein?

Bimba não queria acreditar no que ouvia.

— Fui dinamiteiro na guerra e no cerco de Madri — disse ele. — Abordávamos os tanques e atirávamos uma granada pela abertura da torre para explodir o que houvesse lá; andávamos no meio do fogo dos outros, com cartuchos de dinamite amarrados na cintura e um cigarro na boca para acender a mecha no momento de atirar. As garrafas de gasolina, nem falo nisso, não eram tão perigosas. No fim enchíamos as garrafas de conhaque com esta sopa da morte que temos presa ao rabo e, quando as mandávamos pelo ar, pedaços de tanque caíam a nossa volta. Isso tudo é para te dizer que destas coisas que explodem conheço um bocado. Mas dormir num caminhão desses, em marcha... Maricón Diós! É uma ideia que não passaria pela minha cabeça. *Conyo*!

— E você, romeno, também não viu o lenço?

— E como eu ia saber que era para diminuir a marcha?

— Porque para todos os motoristas daqui branco na estrada é sinal de perigo. Há sempre um lenço, uma camisa, um pedaço de jornal para deixar e avisar os companheiros — disse Bimba.

— Eu não sabia. Só dirigi na Europa. E o que houve com vocês?

O que tinha obrigado a equipe Luigi-Bimba a diminuir a marcha foi alguma porcaria na gasolina que começou a provocar rateio. Depois o motor esquentou e tiveram que desistir de chegar a Los Totumos de uma só tirada. Procuraram um pedaço de terreno conveniente, quando, logo depois de passarem a bomba Seis, viram à direita a entrada de um campo de reparos. Uma semana antes, o pipeline começara a ameaçar se romper nesse lugar. A Crude enviou vários caminhões de tubos para substituir um trecho de trezentos metros e, para facilitar as manobras, um vasto terreno, ligado à pista por uma larga via de tráfego duplo, fora terraplanado a máquina.

A oitenta por hora, Luigi jogou o caminhão nesse desvio, onde conseguiu fazê-lo parar.

6

Enquanto reparavam a avaria insignificante, Bimba colocou na bomba o sinal de perigo. Por precaução, pôs outro na ponta de um pau na entrada do campo. Porque ele sabia que teriam de sair de ré, atravancando a estrada até que pudessem retomar a velocidade necessária; era bom que os outros aproveitassem o campo para voltar à velocidade moderada.

— Enfim, fiquei sem dois lenços — concluiu o espanhol. — E se comêssemos alguma coisa aqui?

Sentaram-se na pousada, diante de uma garrafa de chicha de milho, com acompanhamento de maçarocas grelhadas, pão de milho compacto e tostado, papas de milho e um prato com carne seca ensopada no fundo, um verdadeiro festim. Um velho apareceu no enquadramento da porta. Tremia e a voz era chorosa: — Vão embora! Levem para o diabo essa pólvora infernal. Eu sou o regedor e ninguém aqui quer ver o povoado destruído para salvar o petróleo dos ianques.

— Mas não haverá explosão nenhuma, velhote. Beba um copo de chicha conosco. Nós vamos embora.

O velho ficou de pé, imóvel, os olhos fixos. Estava em estado de cólera e sentia medo. Continuava a protestar: — Vão embora! Vão embora!

— Sente aqui e beba alguma coisa com a gente — tornou Bimba. — Nós não somos americanos. Eu sou espanhol, aquele é italiano, aquele é francês e o outro é romeno. Você é desta terra e não quer saber de estrangeiros. Não é verdade?

— Mas o que os americanos lhes fizeram? — perguntou Johnny.

— Tudo — disse o velho. — Vêm aqui, compram o petróleo e pagam ao Governo; o Governo some com a grana, não precisa de nós, e nós estamos mais desgraçados e mais pobres do que antes. Nos fazem construir as estradas a pontapés e são os caminhões deles que andam nela; quando nós passamos com uma carrocinha puxada por um burro nos fazem pagar multa. Abrem escolas para ensinar nossos filhos a ler os jornais deles, a obedecer a eles, a votar por eles e a trabalhar também para eles. Trazem dinheiro para dormir com as nossas mulheres e depois elas já não sabem gostar de nós; além disso, tudo que lhes dão gastam comprando vestidos e bolsinhas de plástico... Nós odiamos os ianques.

— Mas eles constroem hospitais, tratam de vocês! Vocês eram podres de doença venérea e impaludismo quando eles chegaram aqui...

— Da malária não falo; mas com a sífilis estávamos tão habituados que nem dávamos por isso. Agora, com as injeções, ficamos muito mais doentes do que antes. E se fosse só isso!

Baixou a voz e tomou um ar de confidencia. Bimba pôs outro copo de chicha. Era o terceiro, mas ele devia estar saturado desde que nasceu, porque não tinha ar de lhe fazer grande mal.

— Bebem nosso sangue — disse baixinho o regedor.

— Como assim?

— Repare em todas essas guerras que fazem. Nunca se cansam. Depois, como a Guatemala vive em paz já há cento e cinquenta anos, de cada vez que um dos nossos baixa no hospital tiram-lhe metade do sangue.

Olhou Bimba nos olhos, sacudiu a cabeça e acrescentou: — É assim mesmo. E se um homem morre, pior para ele.

A refeição acabou. Os quatro motoristas se levantaram. Sentiam-se bem, mais ágeis, distendidos. A ordem de partida era a mesma: a equipe Luigi e Bimba partiria em primeiro lugar, seguida, com uma

hora de intervalo, por Sturmer e Mihalescu.

— Vocês não vão pela terra? — gaguejou o regedor que os seguira até o local. — Vocês não vão atravessar a aldeia com essa maldita carga, vão? Sempre a mesma história: os estrangeiros são loucos o bastante para morrer pelo dinheiro; depois somos nós que morremos e não recebemos nem um vintém.

O padre se aproximou e disse: — Vocês não têm o direito de fazer isso. Há setecentos habitantes neste povoado, mulheres, velhos e crianças inocentes. Pela salvação da sua alma, juro...

— Bolas! Esse cara ainda vai nos dar azar — exclamou Bimba. — Ainda não explodimos, não é? E ninguém tem certeza de que uma coisa dessas possa acontecer. Vá andando, reverendo, e não nos faça nos borrar de medo.

— Mas não têm o direito... Indicaremos um desvio... Vou me queixar à companhia!

— Olhe, se explodirmos não fica ninguém para se lamentar nem levar descompostura, e, se tudo correr bem, pode mandar a queixa para onde quiser, eles não ligarão a mínima.

Luigi era italiano e este conflito com um padre o deixava pouco à vontade. Interveio: — E como está o desvio?

— Em muito bom estado, senhor, em muito bom estado — garantiu o cura. — Passaram aqui ontem com a máquina. Está em melhor estado que a rua principal, em muito melhor estado.

— Vamos então lá ver. Se estiver realmente em bom estado, o que é que custa? Pode ser até mesmo mais fácil para ganhar velocidade na saída.

De fato, a vinte metros das primeiras casas, abria-se bem reto e bem liso. No longínquo relativo da noite, viam desenhar-se uma grande curva em volta do povoado.

Uma seta vermelha imperativa, que a poeira escondera de Gérard quando da entrada movimentada em Los Totumos no rastro do primeiro caminhão, indicava seu início.

Não havia aviso de velocidade limitada.

— Quando foi que a máquina trabalhou nesta estrada? — perguntou Luigi para ter maior segurança.

— Foi ontem de manhã, e trabalharam durante todo o dia sem parar — respondeu o padre. — Foi o engenheiro dos transportes da companhia que a mandou vir do talado Cinco, e foi por isso que soubemos que vocês iam passar.

Os homens refletiam. No fundo, não era mais que um desvio de cinco ou seis quilômetros, e sobre um verdadeiro pano de bilhar, ao que parecia. A pista de partida ideal para tornar a encontrar os terrenos ondulados do outro lado.

O padre insistia. O regedor tinha desaparecido desde que falaram do desvio. Sem dúvida confiava na eloquência do outro. Apesar de tudo, um padre é um profissional.

Tinha boa figura o velho da batina. Sobretudo os olhos ternos e tristes, e o que dizia...

— Sou um velho, eu, não tenho medo. Mas esta pobre gente, as casas, os filhos... Passei a noite toda rezando para que não acontecesse nada com eles. São homens e sabem o que fazem quando se metem nessas coisas. Eles nada têm a ver com isso... Venham por aqui. Eu vou rezar de novo, desta vez por vocês.

— Dixa disso — disse Bimba. — Matei muitos curas na guerra. Não merecem confiança.

— Porca Madonna. Faça o favor de se calar, farabutto — rosnou o piedoso Luigi. — Está bem, padre, nós vamos por aqui.

Ninguém lhe tinha dado poderes para falar em nome de todos. Mas a pele dele contava também, e isso lhe dava direitos. Ninguém protestou.

— Obrigado, meu filho. Em nome das minhas ovelhas, obrigado — repetiu o velho. — Deus levará isso em conta. Vou abençoá-los enquanto partem, e e rezar por vocês. Mesmo que não acreditem, isto dá sorte.

Um atrás do outro, os dois monstros recuaram até a entrada do desvio. Era sem dúvida pela noite

que pesava nas grinaldas vermelhas e tornava as sombras rubras: nunca os caminhões tinham parecido tão grandes. São, de fato, enormes. E no seu lento e prudente balançar, quando caem um pouco de lado até alinharem com a estrada, lembram os livros de história natural, as imagens de animais pré-históricos grandes demais para a sua própria força.

Luigi vai na frente. Manda aos amigos um aceno de despedida, faz roncar o motor no vazio com duas aceleradas, depois reduz para meter a primeira.

O pé fundo na embreagem, inclina a cabeça fora da cabine.

— Adiós, Padre. E nos abençoe, que bem precisamos.

O padre recua um a dois passos; de súbito, parece muito grande. Levanta os braços ao céu. A luz das grinaldas faz-lhe uma espécie de casulo púrpura.

— *Benedicat vos omnipotens Deus*...

Baixa a mão direita num desmesurado sinal da cruz.

— *Pater et Filius*...

Apesar de tudo ouvem. Sentem-se até comovidos, exceto Bimba que a meia voz blasfema o que ele sabe de mais ultrajante para Deus.

—...*et Spiritus Sanctus*.

— Amém — responde Luigi engrenando.

Sob o fogo dos faróis, o terreno branco da pista quase brilha. A massa sombria do caminhão se enfia na noite.

— Você deveria pôr o caminhão no desvio — disse Gérard ao romeno. — Deixamos lá e temos um descanso extra no povoado. Podíamos até dormir um pouco. O senhor cura nos acorda dentro de uma hora.

— Você só pensa em roncar — protestou Johnny, pondo-se ao volante.

Sturmer fica sozinho com o velho.

— Vocês não vão imediatamente? — perguntou este.

— Não. Deixamos uma hora de intervalo entre os dois caminhões, por questão de segurança.

— Mas...

Tem vontade de dizer algo e não diz. Seu ar é curiosamente contrariado. Calado. Gérard não nota nada.

Movido sabe Deus por que cuidado de perfeição, o romeno luta para arrumar o caminhão num ponto preciso da estrada, com a parte de trás tocando a seta indicadora.

O KB felizmente está leve e se move como uma pena. Sente calor, Johnny.

Mas o que há? Parece que o caminhão de Luigi volta. Não há dúvida, é ele. De pé no estribo vem um índio que traz na mão uma espécie de letreiro de madeira, pintado de branco com letras pretas. Antes mesmo do caminhão parar, Bimba pula no chão. Está pálido de fúria.

— Onde está esse cura? Onde é que está esse malandro desse padre?

— O que aconteceu? O que ele te fez?

— Olha!

Pôs na cara de Gérard a tabuleta que arrancara das mãos do índio.

"Atenção! Velocidade extremamente reduzida! Estrada em mau estado. Perigo! Atenção! Atenção!"

— Vê o que me fez esse malandro? Sabia que se lêssemos isso passaríamos por sua paróquia de merda e teve medo da sua vidinha preciosa, da sua casa e de todos esses perebentos que são seu ganha-pão. Onde está esse pedaço de esterco, que vou matar antes de explodir...

Homens da aldeia se aproximaram. Vem também o regedor que não parece muito emocionado. A verdade é que por si só já é tão trêmulo!

Gérard segura-o com um braço.

— Mas você também pediu que não atravessássemos a porcaria desta aldeia...

O rosto do velho estava triste, — Simplesmente queria convencê-los a desistir, mas não queria que seguissem aquele caminho.

— Mas arrancou a placa!

— Não, não fomos nós. Foi o padre.

— E você também, seu lixo velho!

Gérard sacode o velho com raiva e de seus olhos saem faíscas, mas o outro não perde a dignidade e olha-o bem de frente. Os homens do povoado se aproximaram. Têm vontade de defender seu chefe, mas não se atrevem. Um rapaz confirma as acusações: — Foi o padre que fez tudo isso. Havia mesmo uma placa embaixo daquela seta. Olhe, ainda dá para ver os buracos. Foi ele que arrancou.

Os outros aprovam.

— Sim, o padre arrancou a placa. Disse que se a lessem atravessariam a aldeia...

— Nós todos queríamos ir para outro lugar — disse outro. — Mas o padre proibiu. A igreja e a casa dele ficam bem na beira da rua principal, e ele não queria se arriscar a perder tudo.

— E ameaçou rezar pela morte do gado e dos nossos filhos se os avisássemos.

— "Deixem-me agir. Eu me encarrego de tudo. Eu os convenço. Vou avisar também sobre os perigos da estrada nova. Deixem-me agir." Foi assim mesmo que ele disse.

— E onde ele está agora?

Calaram-se todos, carrancudos.

— Foi embora. Não percam tempo procurando. Agora que já sabem de tudo e saímos de casa, atravessem a aldeia. Voltaremos para casa depois que passarem.

Mas eles não escutam, sobretudo o espanhol.

— Vamos lá — disse aos companheiros. — Vamos encontrá-lo...

— Eu fico com os caminhões — declarou Luigi. — Não podemos largá-los assim...

Os outros seguem Bimba.

Não precisaram ir muito longe. Como era natural, o padre se refugiara na igreja. Foi lá que o encontraram, escondido na sombra de um pilar.

— Sai daí — disse Gérard.

O espanhol se interpôs: — Não. Aqui. No antro dele, na sua caverna. Na casa do seu Senhor. Não tenha medo, malandro! Pode ser que ele desça da cruz para te salvar.

O padre estava mais morto do que vivo, mas não fez um gesto para se proteger, nem disse uma palavra. Com um pontapé no peito, Bimba o fez cair de costas. Depois sentou-se em cima dele, virou-o para o chão e, agarrando-o pelas orelhas, começou a esfregar o rosto dele no chão de cimento. Com toda força. Por muito tempo.

— Chega disso — disse o romeno. — Não ganha nada em matá-lo. Nem sequer recebe a grana depois.

Mas Bimba só largou a presa muito mais tarde. O velho, que de início tinha gritado, quase não respirava.

Quando Luigi, que foram encontrar junto aos caminhões, soube de tudo, suspirou: — Isso não nos trará sorte... — murmurou.

Se Linda, a índia, soubesse àquela altura que para seu amante, seu senhor, para quem ela era sempre dócil e até negligentemente amada; se ela soubesse que para o homem que naquela noite arrasta sua bomba como uma pipa através dos campos ela tinha deixado de existir, sem dúvida não ousaria viver

em função dele, nem pensar nele, nem mesmo talvez, simplesmente, viver; sem dúvida decidiria dormir, somente dormir. Como a Bela Adormecida, até a volta... a volta...

Alguém dá prova de muito mais bom senso, inteligência verdadeira, pensando sem cessar naqueles que a morte espreita: é Smerloff.

Obediente, Linda manteve-o a distância. Desde a partida de Sturmer, ela acolheu Bernardo em seu quarto.

Ficou também estupefata e mortificada quando, na manhã seguinte, encontraram o pobre rapaz já frio, enforcado diante da porta do Corsário.

Atravessaram o povoado devagarinho e entraram na estrada em velocidade de caracol, talvez antes de tartaruga, uma tartaruga prudente que olhasse de cada vez que pousava a pata. O caminhão de Sturmer parou para deixar o outro ganhar dianteira.

Os dois homens fumavam em silêncio. Havia uma meia hora que esperavam. Justamente no momento em que Gérard abria a porta para descer, dar algumas passadas, sossegar um pouco os nervos, um clarão imenso, de onde voavam pedaços de ferro, iluminou de repente todo o setor do horizonte e depois a noite inteira. Uma luz inacreditável, branca, um flash de fotógrafo, que num segundo revela todos os detalhes de cada torrão de terra, de cada pedaço de mato, a perder de vista. Um sol instantâneo, branco gela a vida com sua luz fria. Mas se extingue, ouve-se o estrépito: o desencadeamento de ondas sonoras que, por falta de uma dobra do terreno onde se percam, parecem repercutir numa resposta seca, sem fim, umas nas outras. Depois o sopro passa pelo caminhão — parece que vai dobrá-lo —, bate no rosto dos dois homens que estão fora, criva o teto e o para-brisa de grãozinhos de areia, que traz de longe, do fundo do horizonte onde são devorados. A massa inerte do silêncio se segue.

Johnny deixa-se cair sobre o volante. Tem as pálpebras cerradas como se qualquer coisa de hostil quisesse entrar à força. Tem um sobressalto com o ruído da porta, que Sturmer abre e murmura algo absurdo: — Não faça tanto barulho.

Um minuto de silêncio na cabeça dos dois europeus. A nitroglicerina matou seus companheiros. Os primeiros de que série? Dois que cessaram de contar com qualquer coisa, de esperar, de ter medo. Para quem o cheque da Crude cessou subitamente de ser quase realidade, quase palpável. Que um relâmpago arrancou do jogo e das probabilidades. Esta história deixará alguém feliz em Las Piedras. Enquanto se espera, a quem cabe a vez? Smerloff? O nome atravessa o espírito de Sturmer em letras de fogo. Com toda certeza, eis quem sabotou o caminhão. Smerloff! Como diabo não pensaram nisso antes.

O padre abençoou Luigi mandando-o para a assadeira, Smerloff gritou boa sorte quando passava diante do Corsário. Deve ser o rito da traição.

Eles estão a caminho. Três, quatro quilômetros sem complicações. Johnny, que ficara agarrado ao volante, dirigia. Não sentia nenhuma energia, levantava com esforço as pernas de chumbo para tocar nos pedais. Os faróis não deixavam ver nada além de duzentos metros. Um e outro, o romeno ao volante, Sturmer fumando sem parar, acendendo um cigarro na ponta do outro antes de jogá-lo fora, temiam o momento em que dariam de cara com a carnificina. O ar parecia pesado; seu medo tinha mudado de objeto; no momento — oh, com toda certeza não seria por muito tempo — era o encontro que teriam que os apavorava. Aqueles caras que uma hora atrás ainda viviam, tinham um corpo como eles, uma forma, uma voz... E nada ficou para testemunhar. Nem cadáveres. Pior que a simples morte, isso.

Por rajadas espaçadas, a estrada estava arranhada, raspada, lavrada. À luz dos faróis via-se bem que as coisas para a frente iam de mal a pior. No começo era apenas um pouco pior que os trechos de estrada da partida, depois da ladeira. Johnny estava lívido. Toda a confiança que ganhara na parada de Los Totumos tinha o abandonado de novo. Outra vez as mãos tremiam; de novo se atrapalhava nas marchas e nos pedais. Passava sem razão de um medo pânico, paralisante, a veleidades de se dominar que não duravam muito tempo. O caminhão refletia esses altos e baixos de humor e uma ou duas vezes estiveram perto do solavanco definitivo.

— Para um minuto — disse Gérard. — Não vale a pena nos enfiarmos por aí afora ao acaso, arriscando não poder depois avançar nem recuar. Vamos a pé ver o que há.

Com as lâmpadas na mão, todas as luzes do caminhão abertas no máximo, o farol móvel também — e é este que alcança mais longe — caminham através do terreno revolto. Há três zonas atingidas. A que haviam acabado de passar, de muitos buracos não profundos, tinha sido atingida pelos estilhaços. Um pedaço de placa estava cravado na terra com a marca da Crude; era da frente do caminhão e eles estavam muito longe da cratera, do centro, do próprio lugar da explosão.

Em seguida, havia uns cinquenta metros em que a terra estava como que ondulada em largos cortes. Notava-se que eram profundamente cavados no solo. A estrada estava tostada; vagas sucessivas de vento e calor tinham levantado as pedras em ondas condensadas: a pedra estagnada que fica de boca aberta, encarquilhada em círculos concêntricos. Se aquilo ainda se mexesse seria mais tranquilizador que esse cataclismo de morte.

Mais longe, enfim, o buraco escuro. Tinha sido ali. Não muito profundo, no entanto: pouco mais de um metro. A deflagração devia ter sido tão brutal que nem teve tempo de cavar: é em toda a volta, através do vento, o céu e a noite, que se dispersou o que foram Juan Bimba e Luigi; e com eles um caminhão de seis toneladas.

O fundo da cratera era de terra solta. De terra solta os pequenos declives que desmoronavam sob os pés de Sturmer. O romeno ficara no alto, na beira do buraco. Parecia temer alguma armadilha. Com a lâmpada observava todos os acidentes do terreno. Para lembrar a presença do homem, não restava senão uma pedra chata com uma grande mancha de sangue.

— Pronto!... — disse Gérard com um suspiro. A oração fúnebre tinha acabado. Agora era passar. Subiu para junto de Johnny.

— Eu não posso. É desumano. Não posso — murmurava o romeno em voz contida.

... Resiste à tentação dos nervos e do cansaço, Gérard, meu irmão, não o mate. Carregue nos ombros o inumano fardo da fraqueza humana, prenda-a, segure-a, numa palavra, seja paciente. Não há senão isso a fazer.

Paciência, a virtude dos fortes. Era preciso recomeçar tudo de novo, dosar o medo e o sentimento de honra, convencê-lo com uma palavra a aceitar as regras do jogo, que era morrer pelo dinheiro no ponto em que se encontravam. E ao menos, provavelmente, há quem consiga passar, por vezes...

— Já disse há pouco, Johnny, e não me diverte repetir: não se trata de poder ou não poder, não é de desumanidade que se trata, temos que andar e é horrível.

— Tanto pior. Eu desisto. Mande vir outra pessoa.

— Não se pode fazer isso. Um caminhão pelos ares e a equipe do outro imobilizada pelo medo, imagina o que dirão na Crude?

— O que podem fazer? Não farão nada do outro mundo.

— Eles nos largam de mão e mandam vir especialistas da terra deles. Terão exatamente as mesmas dificuldades com eles que conosco, mas não é isso que nos dará o dinheiro de que precisamos.

— Supondo que eu aceite sua maneira de pensar tão fácil, vamos passar aqui o resto da noite contornando este buraco. Uma hora depois do nascer do sol, a hora do grande calor, uma brasa o dia todo em cima do teto. E este caldo de merda explode a uma temperatura ridiculamente baixa...

— Se acontecer não estaremos aqui para ver. Descansaremos mais longe.

— Como? Aqui no meio do descampado? Sem uma árvore em que prender a rede? Palavra de honra, está louco! E as serpentes?

— Merda! E a febre amarela? E o beribéri, a artrite das mulheres grávidas, e o *goudou-goudou*... Você tá brincando comigo? Diga, Johnny, tá me gozando? Mas fala logo, idiota. Fala que te arrebento! Vai falar ou não, pelo amor de Deus?

Cada um por sua vez sofrendo sua crise de nervos. Esta, ao menos, era de raiva, menos sórdida. Tinha sofrido muito, Gérard, muito para um só homem e numa única noite. Com grandes passadas de um lado para o outro, esbofeteou o companheiro, com vontade e entusiasmo. As lâmpadas tinham caído e a noite se encheu de um ruído de pano batido. A figura do romeno passou pela luz de uma das lâmpadas. Para cúmulo, estava pálido, apesar das bofetadas. Sangrava do nariz, um olho estava inchado e escuro. Mais calmamente, terapeuticamente, Sturmer continuava com as bofetadas. Parou quando começou a sentir os braços cansados.

— Pronto. Ao trabalho.

Johnny respirou duas vezes e se limpou. Não voltou a teimar: sentia-se mais bem disposto. Voltaram para o caminhão.

— O que é preciso — explicou Gérard — é antes de mais nada é encontrar um caminho. Vamos procurá-lo juntos. E a primeira coisa para isso é aproximar o caminhão.

Pôs-se ao volante, continuando a falar, com a porta aberta.

— Vou levá-lo até a borda da cratera. Não é o mais difícil. Veremos então à luz dos faróis. As bordas não são de maneira nenhuma abruptas. Talvez se possa descer de um lado e subir do outro.

Dois blocos de terra cinza se agitam no duplo cilindro branco que os projetores lançam contra a parede da noite. Em volta deles voa a poeira que dança na luz viva, prende-se, turbilhona, cai e sobe sem cessar. A poeira que eles respiram, comem e escarram cada vez mais.

Torso nu sob uma camisa de lama, suor e terra misturados, eles manejam a pá e a enxada com gestos pesados. Precisam abrir caminho para o veículo, construir de um lado e do outro do buraco uma rampa, uma estrada por onde ele possa descer, ganhar o fundo e subir da outra banda, pegando com as rodas da frente, à força, e depois retomar o seu caminho.

Não há trinta e seis soluções, não há sequer duas. Naturalmente o acidente se deu no pior lugar. A pista, um quilômetro para trás e um quilômetro para frente, tem inclinação de um bom metro e é bordada de cada lado por um pipeline, que, assim protegido, não se volatilizou.

Não teria talvez sido melhor: o rolo que forma uma longa serpente negra é impossível de passar. De cada lado, o caminhão vai apertado como numa prancha resvaladiça.

O trabalho de cavar a terra — que constituía uma trégua —, o trabalho de pá e picareta, como dizem os negros da região, acaba. Vão colocar as ferramentas nos estribos, ao longo das portas. A noite não começa ainda a clarear, muito embora seja já perto das quatro e o sol nasce o ano todo às seis horas precisas. Será dia de repente, sem o crepúsculo do amanhecer. Mas a temperatura já caiu sensivelmente. Por agora, sabem os dois homens; em duas horas sentirão frio. Em duas horas...

— É bom correr — disse Gérard subindo para o volante. — Precisamos estar do outro lado uma hora depois do nascer do sol.

— Se tudo correr normalmente, será coisa para dez minutos.

— Normalmente! Normalmente? Ainda não entendeu que isso não existe?

Arranca. O motor ronca com um ruído baixo, assobiando. O ar fresco garante uma carburação melhor. Alguns passos à frente, Johnny caminha de costas, virado para o companheiro. Com gestos simples, vai guiando. Os pés e as mãos de Sturmer obedecem antes mesmo que tenha consciência de perceber. Por vezes o romeno levanta a mão direita para que pare, as duas mãos se é urgente; vira-se para o caminho a percorrer para ver se está no rumo certo. Depois vira-se de novo para Gérard. Parece afastar o espaço com a mão esquerda, meter o ar da noite em seu verdadeiro lugar: é à esquerda que é preciso dirigir. Depois um movimento apressado, como uma lavadeira puxa um lençol fora da água: para a frente agora, está livre, vê-se bem.

O caminhão mostra-se dócil nas mãos hábeis de Sturmer. O terreno continua terrivelmente caótico, apesar do grande esforço de há pouco. Mas tão doce, tão cuidada é a maneira de guiar de Gérard que o chassis parece ondular, arrastar-se por entre os buracos, e se as molas por vezes rangem, nenhuma ruga ao menos se faz entre as sobrancelhas, ruga de inquietação que acompanha os momentos perigosos.

Stop! As rodas da frente chegaram justamente à borda da rampa de descida que eles arranjaram deste lado da cratera.

— Desce agora e vem ver, meu velho.

As indicações do que está em terra são preciosas, com toda certeza. Mas isso não chega. É preciso agora que o outro veja, conhecendo de cor, por assim dizer, cada dificuldade. Não há um alto, uma aspereza, um perigoso calhau meio saído da terra que não deva conhecer de cor seu lugar e sua forma exata. Johnny não pode ajudar na memorização. Não apenas o cérebro de Gérard, mas as mãos que guiam, o pé do acelerador e o do freio, a embreagem da qual depende a velocidade que o motor transmite às rodas, cada membro, cada célula de seu corpo têm que ter consciência da tarefa que os espera. Em um instante não haverá tempo de pedir diretivas à inteligência: tudo deverá ser instinto e reflexo.

Centímetro a centímetro, Gérard estuda a passagem. Por vezes se abaixa e apalpa o terreno com as mãos. Só faltou cheirar e provar a terra. Após um longo momento levantou-se e murmurou para si mesmo: — Estou vendo...

— Não viu tudo — observou-lhe Johnny.

— O que é quer dizer?

— Não pode se contentar apenas com a descida. Precisa ver o caminho a seguir.

— Por quê?

— O fundo não é duro, desmancha, é mole. Se parar, não sai daqui.

— Fico atolado, quer dizer?

— Evidentemente...

— Merda! Merda! Não escapamos de nenhuma armadilha de merda.

Evidentemente, se fosse necessário passar a cratera na corrida seria muito pior. Não eram apenas trinta metros de trajeto que precisava gravar na retina, mas cem, em três partes: descida, fundo, subida. Saber tudo de cor, tomar fôlego, fazer o sinal da cruz, se jogar e perceber ao fim de dez segundos que tinha esquecido de tudo; impossível tornar a descer, era preciso continuar, ir até o fim, muito embora tudo explodisse, com uma probabilidade em duas de ter de parar no meio da subida, e tudo estaria perdido,

tudo teria de recomeçar, o caminhão enterrado até o meio das rodas na terra de novo lavrada, um dia perdido...

— Enfim... Não há outra coisa a fazer, certo? Tem certeza de que o fundo é tão ruim assim?

— Experimenta com o pé, apenas; se pular de pés juntos vai se enterrar.

Uma pisada; o sapato ficou preso e foi um trabalhão para arrancar. Evidentemente...

— Mas ainda há pouco estava mais sólido... O que terá havido com toda merda, com estes mortos de merda, em nome de de merda?

Johnny apalpou com os dedos o fundo do buraco que prendera o sapato de Sturmer. Depois aproximou a mão do nariz e fungou: — Petróleo.

— O quê?

— Cheira...

Não podia haver erro, era o ignóbil cheiro adocicado do petróleo.

7

Quando as coisas chegam a esse ponto, nada há a dizer. Xingar Deus não ajuda. Os dois homens ficaram mudos.

A brisa havia esfriado ainda mais. Sturmer foi o primeiro a sentir um arrepio. De súbito tinham parado de transpirar. Afastou-se alguns passos e continuou mentalmente a fotografar o trajeto. Depois voltou para junto de Johnny.

— Um dos pipelines deve ter furado por baixo e continua a mijar. Nesse ritmo, com doze bombas para ativar a pressão, não demora meia hora para que a pista se transforme num tanque de petróleo. E, antes disso, seguimos! Vamos embora.

— Você está louco — respondeu o romeno. — Louco furioso, de pedra, amarrado e drogado. Temos que cavar e depressa.

— O quê...?

— Não, me permite? Até agora, deixei você decidir porque sou obrigado a reconhecer que você vale por dois e eu estava doente de medo. Mas agora, alto lá! Eu não vou. Você não é herói, é esquizofrênico, paranoico e cretino. É demais.

— E o quê? Até agora, como diz, ainda não fez nada que se possa considerar brilhante, mas veio mesmo assim com a sopa da morte no rabo. E agora, para seguir sempre o entusiasmo de sua eloquência, um vazamento de petróleo te faz recuar? Quem é a merda aqui? E bem em cima de uma toalha de nafta, que sai sob pressão! Não, mas você não vale nada. Está aí, mas não existe.

— Não é o petróleo que mete medo. É o sinal.

— O quê?

— O sinal.

Parecia que para ele isso explicava tudo. Não havia meio de lhe arrancar mais. O sinal...

— Cara, não vamos passar a noite toda aqui. O que resta ainda de noite, pelo menos... Você me guia. Está ouvindo?

O romeno olhou Gérard bem de frente. Tinha o rosto calmo, sério, pelo menos assim parecia; virava as costas aos faróis, cujo facho a um metro da borda passava acima do buraco onde eles estavam.

— Escute, Gérard. Até o diabo desta noite fomos sempre bons companheiros. Até hoje, nós mandávamos todos à merda, de cima para baixo e de baixo para cima, não é? E de repente perdemos tudo.

— Ah, vai parir? — disse Sturmer.

— Vou seguir ainda mais uma vez com você. Vamos nos jogar neste buraco, nos afogar, nos espichar lá dentro. O gás do escapamento vai incendiar o petróleo, explodimos. É tão certinho como dois e dois são quatro. E se por acaso passarmos, explodimos um pouco mais além, e acabou. Vou acompanhar você porque sempre foi um bom camarada e também porque me dá medo: mexe-se tão à vontade no meio de todo esse inferno, é o diabo em pessoa. Ou enlouqueço ou morro de medo. Mas lembre-se disso, Sturmer: houve o sinal e eu avisei: para você também isso não pode acabar bem...

— Quando quiser uma cartomante eu mando te chamar, mas até lá vamos ao que interessa.

Sobre as rodas, o caminhão estava pronto a levar mais longe a sua carga maldita. Sturmer tornou a olhar ainda mais uma vez em frente de si, lá para o fundo, para o outro lado onde corria a estrada livre. Aspirou uma grande lufada de ar, absorveu tudo quanto podia absorver do ar da noite, e carregou no pedal da esquerda. As rodas da frente rasparam a terra na borda do declive, empurrando-a numa torcida

que acabaram por ultrapassar logo; e, como um burro teimoso, firme nas quatro patas, o KB começou a descer para o buraco. O motor em marcha lenta o continha. Impossível tocar na embreagem, daqui até a outra borda. E apenas o indispensável nos freios.

— Santo Deus... Já está!

O motor arriado, rodas bloqueadas, continuava a deslizar; era uma coisa perdida que patinava, derrapava, saía de lado...

Com uma ação desesperada do motor de arranque, com a máquina embalada, desembreada a fundo, o acelerador até o chão, deu um uivo grandioso, voltou e tornou a puxar a massa do caminhão no momento preciso em que ele se imobilizaria. O volante traçou nas mãos de Gérard dois semicírculos precipitados. Por sua vez, as rodas da frente tornaram a morder com segurança a terra gorda. Tudo reentrava na linha.

À frente, sob a luz branca dos projetores, Johnny patinava na lama de nafta, gritava, parecia puxar o veículo com grandes gestos dos braços no ar. Gérard, mantendo sempre a mais baixa velocidade, abriu o mais que pôde o gás.

O motor berrava. Os pistões corriam todos os ângulos daquele corpo, e metiam a cabeça no alto dos cilindros, dobravam-se e não tinham sequer tempo de parar para lhes tocar. As bielas encorajavam com o seu chiar fluido. O condutor havia desencadeado tudo, toda a potência encerrada naquele aço pelos engenheiros. E este esforço, transformado pelas engrenagens do carro, chegadas a uma progressão irresistível a três quilômetros por hora, no meio de um charco negro e malcheiroso, poça de noite líquida que se agitava numa ressaca espessa em volta dos eixos que não enlameava.

Johnny recua sempre diante dos faróis. Neste pesadelo de lama, ele patina e estrebucha como num sonho; como num sonho, ele estrebucha, estrebucha e cai de costas. Mas não é um sonho, pois gritar não o acorda. A cabeça levantada por cima do líquido que lhe cobre inteiramente o corpo caído, grita, grita ainda. O caminhão continua a avançar implacavelmente sobre ele. Gérard viu tudo o que se passava, e não levanta o pé para diminuir a marcha; o que é preciso é passar. O pneu da frente, da direita, atinge o pé do romeno e passa por cima, comprime-o contra a lama que se solidifica com a enorme pressão. Johnny debate-se, grita, sente a perna triturada, uiva de morte; Sturmer, com os olhos postos no alto da rampa, que vai dentro de um instante atacar, não atende a essa carcaça desarticulada que vai atingindo com as rodas, que esmagará ou afogará, como é evidente; o que interessa isso, é preciso passar. É preciso passar.

Um último solavanco, qualquer coisa que estala, Johnny desliza para o lado e está de pé. A perna sangra, mas nem sequer quebrou. O tempo de desmaiar, e ei-lo mortalmente vexado.

A velocidade que o caminhão tomou no fundo plano da cratera levou as rodas da frente ao assalto da subida. Mas no momento de pegar em solo firme, as rodas de trás fizeram três voltas loucas no charco de petróleo e o caminhão para sem solavancos.

Oposto ao turbilhão negro, um incêndio explode num setor do horizonte. O sol nasce.

Sujo, enfurecido, os olhos cavados, a boca ardendo, Sturmer saltou. Atrás dele, Johnny estava de pé; o líquido grosso chegava ao meio das pernas. Penosamente subiu a rampa até o terreno seco. Gotas de líquido negro caíam de seu corpo e afundavam no solo. O petróleo colou na testa a massa de cabelo crespo. Calvo e obsceno, caminhava mancando.

— Eu não pararia de maneira nenhuma — resmungava Sturmer, que tremia de fúria pelo contratempo. E acrescentou:

— O que vamos fazer?

Mihalescu não tinha o ar de se preocupar com isso. Arrancou a roupa, rasgou a camisa e a calça. Os sapatos... Os sapatos deixou ficar. Nu, contemplava seu ferimento. A perna estava inchada, sanguinolenta, dolorosa. Em alguns pontos parecia ter arrebentado como uma ameixa muito madura. Mas era difícil ver: tudo estava envolvido por uma película de petróleo, na qual os grãos de areia se tinham

agrupado em placas. Avançou para a porta da cabine.

— Dentro de uma hora vou tratar de você e o ajudo a se limpar. Agora o que é preciso é sair dali. O petróleo sobe; e sem falar do sol. Em uma hora você não vai presta para nada. Mas agora eu preciso de você.

O olhar que Johnny deu a Gérard valia uma página de antologia dos melhores especialistas de lágrimas. Sturmer não hesitou, estava perdido. E muito cansado, também. Se se permitissem ter duas ideias numa empresa como esta, não iriam longe. Uma única: passar.

— Sim — tornou Sturmer. — Você foi duramente atingido. Dentro de uma hora a febre subirá. Não percamos tempo.

Na pasta líquida que agora chegava atrás da carroceria, o caminhão repousava sobre o chassis. Para ver como estava, Gérard teve de dar uma volta, meter-se na lama até o pescoço. O braço não descia suficientemente fundo. Encheu os pulmões de ar e meteu a cabeça. Porcaria de trabalho.

Por trás nada a fazer. Jogar terra no fundo e mesmo assim...

Sturmer sentia-se presa de uma loucura inconsciente. Nos homens como ele, ao mesmo tempo uma qualidade e um defeito: são como as crianças que batem o pé vendo um brinquedo; o que querem, querem imediatamente; não podem esperar. É como uma superstição. Era vital tirar dali o caminhão antes do calor. E a menos que isso fosse considerado indício de virilidade — mais, de vitalidade — era absolutamente irrazoável.

Todos os truques que poderia empregar, todos os cordelinhos aprendidos durante uma já longa experiência de motorista de estradas podres na terra da Venezuela, nas ladeiras- escarpadas dos Andes, passou-os em revista, e um por um abandonou-os: isso não pegava aqui. Inúteis a pá, a picareta, os cabos, as duas barras de madeira: seria preciso um guindaste pela frente. E pensar que em Las Piedras havia uma quantidade desses aparelhos com quatro e cinco rodas motrizes, equipados para as estradas destroçadas pelas chuvas, com rolos de cabos à frente e atrás, movidos pelo motor... Mas como se poderia ter pensado em tal acidente na estação seca? A temperatura aquecia já. No céu ainda límpido, não perturbado ainda pelas ondas de calor que a terra desprenderia em breve, um bando de papagaios verdes passou a grasnar. Vinham das grandes florestas de Pariato, muito longe, para o Sul. No seu voo pesado e sem graça, mas rápido, dirigiam-se no sentido do mar.

Johnny estava derrotado, caído por terra, com as costas apoiadas a um dos pneus da frente. Devia sofrer muito. A febre não esperara pelo tempo que Gérard autoritariamente lhe impusera. Não conseguia já dominar o olhar e nas suas órbitas cercadas de negro, as pupilas de um azul inocente tinham bruscos eclipses.

— Ouça, francês — tentava ele gritar.

Mas o fôlego faltava e teve de esperar muito tempo as forças para poder chamar: — Gérard! Ei, Gérard!

— Me deixa!

— Vem cá!

Sturmer se aproximou resmungando: — Daqui a pouco venho tratar de você. Não pode me deixar em paz cinco minutos?

— Ouça. Vou começar a delirar e depois será muito tarde. Está muito enterrado?

— Até as molas. E daí?

— Vou dar uma solução. Mas vai tratar de mim logo em seguida, Gérard.

— Mal sairmos daqui, com toda certeza, já disse.

— Não. Já. Se não fizer nada com essa ferida, com toda essa merda na pele, no sangue, é gangrena. E em cima disso o sol...

— E qual é sua solução?

— Prometa cuidar de mim, Gérard. Prometa. Não quero morrer assim...

— Nem de outra maneira, já sei. E então o que é?

— É uma combinação que nós tínhamos, os motoristas na Romênia, onde há estradas parecidas com essa daqui. Nunca falha.

— Diga logo. Está ensinando ou contando sua vida?

— Vai cuidar de mim logo em seguida?

— Sim. Chato!

— Pois bem, é assim... Meu Deus como dói... Ponha as duas barras na frente. Mas não ao acaso, bem na frente, justamente no eixo. No eixo... E é tudo.

— Qual eixo?

O romeno calou-se e parecia adormecer. A cabeça caiu para a frente.

— Johnny! Ei, Johnny!

Sturmer correu à cabine e trouxe um frasco de rum. Agarrou a cabeça do ferido pelos cabelos, empurrou-a para trás e esbofeteou-o duas vezes, com estalos fortes e secos. Depois introduziu o gargalo do frasco entre os lábios dele e derramou uma golada. O outro babou muito, respirou e engoliu um pouco. Tossiu, sacudido pela ardência do álcool. Dois fios de baba, bílis e rum correram pelos cantos de sua boca. Abriu os olhos cheios de água que não conseguiam fixar. Gérard não esperou mais:

— Em que eixo?

— Já não sei... O quê? Qual eixo?...

— Você disse: fixe as barras no eixo. Depois mais nada, revirou os olhos. Então, em que eixo é?

O romeno refletiu. A testa se enrugou. Dois pequenos fios de petróleo corriam de cada lado da testa. Quando tornou a falar, a voz era ofegante. Com pequenos esgares de sofrimento que lhe atravessavam a fisionomia a intervalos regulares.

— Muito complicado para explicar assim... Você se vira bem... Sinto-me esvaído entre cada ideia; a cabeça cai para um lado e eu para o outro. É o que é. E o que eu estava dizendo?

Gérard pegou-o pelo ombro e o sacudiu. Mas a mão escorregava na pele gordurosa. O outro escapou e não se aguentando mais caiu para o lado.

— Como se faz? — berrou Gérard no ouvido dele. — Co-mo-é-que-se-faz?

— Sinto-me mal, meu Deus... Estou doente, cuide de mim... Sinto-me muito mal. Não é possível.

— Como se faz?

— Prenda os cabos entre as duas rodas duplas... e firme-as em cima das barras. No eixo, Gérard... No eixo...

Desmaiou novamente. Sturmer levantou-o e encostou-o num pneu. Depois foi tirar as barras, levou-as para a frente, cinco ou seis metros além do para-choque.

O ferido saiu de seu desmaio. Via o companheiro no trabalho: baixou os olhos para as feridas que não tinham sido nem lavadas nem cobertas. Sem nada dizer, pôs-se a chorar. As lágrimas caíam, rolavam em gotinhas na pele engordurada. Tentou chamar Sturmer, mas, de novo, o abismo o puxou. Sentiu-se partir, debateu-se e desistiu.

— Já vou te tratar — resmungou Gérard, passando perto dele para fixar os cabos nas rodas. O petróleo já chegava à plataforma. Não havia tempo a perder; em uma hora atingiria as rodas da frente. As de trás estavam já completamente imersas.

Gérard deitou-se mais uma vez no charco. Continha a respiração, mas o petróleo entrava nos ouvidos e no nariz, queimando as mucosas. Sofria para se manter completamente mergulhado.

Tinha na mão direita um cabo de cânhamo. Nunca teria conseguido enrolar cabos de aço. O diabo é que não dispunha senão de uma corda muito curta: vinte metros apenas, que era preciso cortar em dois pedaços, um para cada lado. E do veio de trás ao para-choque, o caminhão media cinco.

Meteu a mão livre por entre as rodas duplas, tateou um momento antes de encontrar os buracos lisos, entre os quais ele podia apertar o grande nó em que terminava a corda. Sufocava e teve de subir à

superfície.

Procurando às apalpadelas o pedaço de trapo que havia prendido às grades do carro, limpou com ele os olhos. O petróleo queimava sua córnea; quando abriu os olhos sentiu uma dor intolerável. Mas as lágrimas que essa dor arrancou lhe deram alívio; em um instante ficou apenas o incômodo da pele engordurada, e na boca o gosto enjoativo da nafta.

Sua respiração se acalmava. Tremendo de repugnância, voltou para baixo do caminhão. Precisava era fazer as coisas em tempo, como se estivesse confortavelmente instalado ao ar livre. Também não havia lugar para muita pressa.

As paredes de metal, os pneus, tudo o que tocava era viscoso, tudo lhe parecia o mesmo sob os dedos. Nenhum ressalto, nenhuma prisão também não era segura. Quando se levantou para respirar, pensando que tinha prendido solidamente a corda, ela saiu em suas mãos ao primeiro puxão. Duas vezes recomeçou e duas vezes teve que refazer tudo. Decidiu descansar cinco minutos antes de voltar.

O sol estava agora alto e claro. Na superfície do charco, as ondas de calor começavam a se desenhar no ar trêmulo. Sturmer foi até a cabine, inclinou-se sobre o painel para ver a hora: oito e um quarto. Não tardaria a ficar perigoso. Renunciou ao descanso, pôs-se a trabalhar sem dar atenção aos gemidos de Johnny, que começava a apodrecer ao sol.

Desta vez tinha conseguido. E imediatamente seguiu o mesmo método para colocar a corda do outro lado. Em dez minutos tudo ficou pronto da parte de trás. Agora só restavam as barras para pôr no lugar. Bem no eixo, dissera Johnny. Bem no eixo do interstício entre as rodas de cada par de rodas duplas, sem dúvida. Isso era muito fácil: nestes caminhões, a parte de trás excede largamente o aglomerado da frente.

Colocar sozinho uma barra não era difícil para um antigo pesquisador de ouro. Com a picareta, Sturmer abriu um buraco no qual calculou a entrada exata da corda: uma vez estendida, não devia tocar nem no pneu exterior, nem no que ficava por dentro da roda gêmea, à qual estava fixado.

Depois enterrou a barra de ferro verticalmente no buraco que acabara de fazer e apertou-a com pedras nessa posição. Não lhe restava senão bater.

O ruído pesado da marreta acordou Johnny. Com um olhar de recriminação, olhou para o companheiro que trabalhava. Sabia que não valia a pena chamar, que o outro não se perturbaria, nem sequer se interromperia. Olhou para o ferimento. Doía-lhe agora a virilha. Apalpou. Um grande gânglio doloroso começava a formar. O romeno ficou aterrorizado. Não podia acreditar que fosse assim tão depressa. O esforço de todos os seus músculos não chegou para o levantar, mas para o fazer sofrer a ponto de gritar e tomar consciência da sua fraqueza: foi apenas um gemido de recém-nascido que lhe passou através dos lábios.

As duas estacas estavam completamente enterradas. Gérard lembrou-se de que também tinha sido marinheiro — que ofício não tinha ele exercido? Duas voltas, seguidas de outra muito apertada, eis um nó que não há tração por mais violenta que seja capaz de desatar. Recuou alguns passos para lançar ao conjunto do trabalho uma última olhada. Estava bem. Talvez estivesse não desequilibrado, mas um pouco mais bambo para a esquerda do que para a direita. Mas era uma coisa insignificante.

Inclinando-se sobre Johnny, que continuava inconsciente, passou uma mão por baixo dos joelhos, a outra em volta dos ombros, e levantou-o. A cabeça do ferido caiu no peito de Sturmer; Johnny entreabriu os olhos e fez uma expressão que tinha qualquer coisa de sorriso. Depois uma frase veio a seus lábios. Era em romeno e Gérard não entendeu. Largou o fardo e instalou-se ao volante.

O momento difícil chegou. O francês rememorou mentalmente as indicações que Johnny lhe tinha dado antes de desmaiar. Em princípio, aquilo devia dar resultado. O escapamento estava mergulhado no petróleo, tanto melhor: apenas os vapores da gasolina eram perigosos, o líquido ficaria praticamente não inflamável. Se alguma faísca saísse do tubo de arranque, apagaria imediatamente no líquido. Não havia outra coisa a fazer senão rodar assim. Os gases formaram bolhas na nafta, uma espécie de glu-glu regular

que cobria o ruído do motor em marcha lenta. Tudo dependeria da embreagem. Sob o pé de Gérard, que se tornava cada vez mais leve, o pedal da esquerda subiu docemente. Diante da caixa de marchas, os discos do mecanismo se aproximavam. Chegariam ao contacto. Sturmer viu diante de si as cordas se esticando.

As barras vibraram ligeiramente com a tração que aumentava. O caminhão mexeu. O milagre estava em vias de se realizar. O solo firme avançava imperceptivelmente diante das rodas. Olhando verticalmente para baixo de si, pela porta aberta, era possível medir o terreno ganho centímetro a centímetro. Embaixo, ao nível agitado do charco, a corda de cânhamo enrolava-se sem obstáculos em volta dos cubos das rodas, em cima do tambor que formava as saliências de aço das rodas. Parecia a Sturmer que se desenrolava um tapete de dólares de encontro ao caminhão, e, também, ao mesmo tempo, sentia-se singelamente contente por ter vencido. Os pneus começavam a pisar solo firme. Já era tempo: a barra da direita estava quase a torcer. Mal Sturmer teve certeza disso, ouviu-se uma violenta detonação.

— Pronto — pensou ele. Mas só de ter tido tempo de pensar sabia que não era aquilo.

A barra torcida inclinara-se na horizontal, libertando deste modo a corda. O caminhão fizera um violento salto para o lado, e a outra corda sempre tensa tinha sido posta brutalmente em contato com o pneu exterior da outra roda. Fora este que ao ser mordido pela corda, patinando à beira do buraco cheio de lama, acabara por estourar. Agora um balanço lento se apoderava da traseira do caminhão, que hesitava em acabar de escalar a rampa ou, pelo contrário, em se deixar escorregar para trás.

Sturmer largou completamente o pedal da embreagem. Com o acelerador procurou o andamento do motor que ajudaria na tração das rodas. Manobras de volante para corrigir as derrapagens traseiras. De repente, sumiu o barulho do motor embalado. O caminhão se decidira: do lado esquerdo, em andamento por fim normal, e com três giros da roda, saiu do lamaçal.

Chegara o momento de repouso e, no entanto, não pensava nisso. Somente o tempo de dizer a si mesmo que era mais uma vitória e logo em seguida outra coisa de muito urgente surgia: antes de mais nada, Johnny. No que dizia respeito a seu camarada, Gérard não se sentia com a consciência inteiramente tranquila. Foi com muita doçura e armado de grande paciência que começou a limpar a pele em volta da ferida.

O petróleo aderira terrivelmente. Foi preciso tirar um pouco de gasolina do reservatório do caminhão para conseguir o que queria. Uma infecção não era propriamente o ideal. Quando conseguiu ver totalmente a ferida, foi a vez de Sturmer ficar assustado.

A pele estava tensa, vermelha, com veias azuis, e brilhava. Um rasgão com bordas nítidas ziguezagueava em todo o comprimento da tíbia. Era um verdadeiro vale. O fundo, cheio de pus, já estava verde.

Claro que não havia farmácia a bordo. Ninguém pensara em outro acidente que não fosse a explosão. Na falta de álcool de farmácia, o rum serviria.

Quando Sturmer arranhou o osso com a laminazinha de sua faca suíça, o romeno começou a dar gritos desesperados.

Tinha que mudar o pneu. Um trabalho de rotina fácil e estúpido, só que Gérard estava cansado. Levou quase uma hora para tirar a roda sobressalente, a fazê-la rodar para diante da que devia substituir. Pôr o macaco no lugar foi rápido, mas tirar os parafusos pedia força e nervos. E quando precisou erguer trinta e cinco quilos de ferro, ar comprimido e borracha para enfiar no eixo... Teve de tentar três vezes e usar um ferro como alavanca. A cabeça rodava, uma mancha de sangue vermelho corria pelas pálpebras quando fechava os olhos. Quando acabou era meio-dia.

Estava inteiramente decidido a partir logo. O pior é que estava muito calor e ele já não raciocinava. Debaixo da mão, o toldo do tanque queimava de tal maneira que não se podia tocar. O que restava saber era a que temperatura exatamente aquele caldo iria pelos ares. E que massa seria necessária, naquela temperatura crítica, para que se desse a explosão. Mas a fadiga impediu-o de fazer a

pergunta em toda a sua amplitude, e dentro em pouco ditou a solução da sabedoria a este louco. Titubeante de sono, foi ver Johnny. Levá-lo nas costas não seria fácil, mas também não podiam ficar ali.

Na vertical, o sol caía sobre os crânios como sobre o toldo do KB. A moda, nas repúblicas sul-americanas, é não usar chapéus coloniais, que são o orgulho dos nossos militares de serviço em Dacar. O que lembra as chagas ainda frescas do período colonial é mal visto. De resto, o Trópico aqui é menos duro que na África. Não impede, no entanto, que tão cansado mesmo um simples chapéu de feltro fosse bem-vindo.

A perna do ferido começava a apodrecer.

Ainda bem que o cheiro do petróleo afasta os mosquitos. Esta carne azul que inchava, o soro sanguíneo mal cheiroso que corria... Estava coberto. De joelhos, teve a sensação de que ia vomitar: o outro já se não dominava, nadava numa imundície indescritível de urina e excremento. De repente, um descoroçoamento apoderou-se da alma do francês. Deixou tudo e sentou-se um bocado afastado.

Havia tantas coisas para fazer! Regar a cisterna. Afastar-se para um sítio fora do alcance da provável catástrofe. Tapar a cabeça do outro. Dormir. Vamos, meu velho, de pé, de pé...

Fácil de dizer. O sol não estava só no zênite, havia três, quatro, dez debaixo das suas pálpebras, que não esperavam senão o momento para andar em volta, mal ele fechava os olhos; e ao véu vermelho do céu pegavam-se grandes gotas de sombra que deslizavam sem cessar para a terra. Era um começo de insolação bem caracterizado. Era forçoso voltar ao caminhão, deitar água na cabeça, deitar-se à sombra, quer dizer sob a cisterna.

Sturmer pegou com as duas mãos no corpo do ferido, pelos sovacos. Sentia os músculos já pesados, as articulações presas. Teve grande dificuldade em suportar aquele fardo. Surdas guinadas partiam-lhe do dedo ferido e pela face interna do antebraço, depois do braço, subiam até o ombro e irradiavam no peito. Até o próprio coração, apertado pelas ondas de dor que o envolviam, também lhe doía.

O corpo de Johnny dilacerava-se nas asperezas do solo, enquanto Gérard o arrastava às arrecuas. Não havia senão trinta metros a percorrer, o bastante, no entanto, para que a perna gangrenada rebentasse, aqui e além, e deixasse pedaços de carne negra e podre no rastro de líquido fétido que ficava atrás de si. E, no entanto, era necessário continuar; era absolutamente preciso, também a ele, pô-lo ao abrigo dos temíveis raios de sol que o devoravam vivo. De outra maneira estaria completamente perdido.

O sangue de Sturmer queimava-o ao passar pelas veias e artérias. Já não sentia a queimadura do sol na pele, havia muito tempo que o Trópico o tinha cozido e recozido, mas parecia-lhe que era em vitríolo que banhava o cérebro, os pulmões, os rins. Cada músculo, cada tendão transformava-se num fio metálico ao rubro, que por dentro lhe serrava a carcaça. Justamente quando chegou ao pé do KB começou a sentir nas palmas das mãos e na ponta dos dedos o temível formigueiro que constituía, ele sabia-o bem, o sinal de alarme mais imperativo: insolação. Deixou-se cair por terra e deslizou de quatro entre as rodas de trás. Depois, aos poucos, sem força, mas toda a sua vontade empenhada no fim que se tinha imposto — salvar Johnny — levou-o para o lado da sombra.

Não raciocinava havia muito tempo, já se disse. Desde o momento, precisamente, em que tinha atingido o bordo da cratera. A sua teimosia em a passar, apesar de tudo, em a passar imediatamente, em afastar toda solução de prudência que acarretaria consigo algum atraso, tudo isso era do domínio da pura impulsão. Mas existe uma raça, uma qualidade de homens para quem, ausente a razão, o instinto fala uma linguagem viril. Sturmer era desses.

Mantinha os olhos abertos na sobra do seu refúgio: se os fechasse, os sóis imaginários estariam

presentes, esses sóis que o alucinavam ainda mais que o verdadeiro. Atento a não pensar em nada — sobretudo não pensar em nada — aplicou-se a regular a sua respiração num ritmo calmo, de repouso. Ganhou ânimo, juntou sem ruído, sem esforços supérfluos, o que lhe restava de forças; mal pudesse, devia alcançar a frente do carro, tirar um dos sacos de tela suspensos de cada lado da cabine, presos aos puxadores das portas; banhar a cabeça; voltar para a sombra e refrescar a testa de Johnny.

Havia um instante ótimo, muito curto, e que não devia deixar passar; logo em seguida seria muito tarde: a apoplexia.

O momento chegara. Gérard puxou os membros para junto de si, num apelo. Pareceu-lhe, tão perturbado estava com o Sol e o calor sobre o cérebro, que lhe faltavam alguns dos membros. De qualquer modo, pôs-se de quatro. A cabeça rodava um pouco, não muito, no entanto. Saiu da sombra. Quando quis levantar-se, não conseguiu. Meio acocorado, arrastando-se, a gatinhar, avançou para a água.

Há na América do Sul e na América Central, uma variedade de macacos absolutamente absurda e que é sem dúvida uma recordação da mais longínqua pré-histórica, que chegou até os nossos dias por um incompreensível capricho da natureza: a preguiça. A preguiça é do tamanho do saju; tem as mãos e os pés bem proporcionados, elegantes, o pelo agradável de acariciar, mas a fisionomia não é animada. Uma espécie de estupor é permanente nela. As suas caretas os gestos até, são como paralisados por uma incompreensível lentidão. Gasta mais de um minuto para levar a mão à boca. Em presença do perigo, o medo não começa a marcar o seu rosto de homem sofredor senão ao cabo de um longo momento. Depois começa a fugir; mas a pressa não se traduz senão por uma imensa aplicação de gestos. O seu caminhar é sempre da mesma moleza ridícula e inumana. Neste macaco, o inumano é um elemento de horror insustentável. Parece a encarnação desses pesadelos em que se tem de fugir a um trem que nos vai esmagar e não conseguimos mexer um único dedo sequer para nos afastarmos dos trilhos. Foi neste estilo que Sturmer se precipitou para a água.

Quando Gérard voltou para perto de Johnny este respirava com dificuldade, e entre as aspirações entrecortadas, ouvia-se uma rala rouca que não cessava.

A água pareceu fazer-lhe bem. A respiração acalmou, tornou-se mais regular. Os crescendos de sufocação, no alto dos quais parecia que o coração arrebentaria, espaçaram. Voltou a si, mas devia ter esquecido tudo: murmurou primeiramente uma longa frase em romeno, depois traduziu-a em alemão e por fim em inglês: — Me chame às nove e meia e me traga o café...

Estranho palácio este, meu pobre Johnny.

Sturmer voltara completamente à razão. E não era melhor, bem ao contrário pensou de repente no carrego, ao abrigo do qual ambos se tinham refugiado. Que elevação de temperatura era necessária, que massa chegava à temperatura crítica...

Não saber o que se passava na cabeça daquela carga, daquela carga malvada, como uma divindade vudu e que rebentava de uma vez... Não poder por a questão, e ter de adivinhar no vazio; não se podia sequer chamar a isto adivinhar, e não havia senão uma palavra de calão, da linguagem dos prisioneiros, que se encontram, há muito tempo e dependerem de coisas sobre as quais nada podem: obsessão de cavar, como eles lhe chamam. A ideia fixa. Gérard pensava: talvez agora, ou logo em seguida, antes de acabar aquela frase... Talvez mais tarde, talvez nunca. Ou exatamente no momento preciso em que ele pronunciaria pela segunda vez a palavra "nunca"... Impossível de ficar ainda muito tempo assim. Mil vezes preferível os solavancos da estrada.

"Torna a partir" — disse a si mesmo Sturmer. Mas os lábios pronunciaram a palavra "cólera". Por quê? Seria preciso arrastar o outro por cima de toda a pedra, ainda uma vez. Ao menos meter algo debaixo do rabo para não continuar a se rasgar nas pedras do caminho. E depois, içá-lo para a cabine. Uma tentação se esboçou quase no espírito de Gérard. Não, apesar de tudo não...

Fez o inventário dos gestos que teria de fazer. Sentado, recapitulou: encostá-lo ao estribo. Não. Primeiro ir buscar uma calça. Vesti-la. Puxá-lo para a frente e encostá-lo ao estribo. Subir. Segurá-lo

pelos braços. Içá-lo e sentá-lo lá em cima. Não. Decididamente, não. Trabalho excessivo. Não se podia pedir tudo a um homem. Não era justo. De fato, tudo isso não era justo. E depois da atitude que tinha tomado naquela noite, do Johnny não se podia sequer dizer que se tratava de um amigo.

Sturmer encolheu os ombros e saiu à força do seu refúgio de sombra.

Foi no momento de embrear que ele desistiu. Tornou a descer e foi buscar o romeno ao lado da roda de trás. Como morto, o outro estava estendido ao sol. Para o abandonar, apesar de tudo, tinha-o vestido; e era o que menos trabalho dera. Restava o mais duro...

Um esforço de todo o corpo. O sangue soava como uma espécie de toque de finados na testa do francês, com grandes badaladas que repercutiam na cabeça. Para um morto de fome, como era pesado aquele animal. É sempre assim. Estava ali, monte de carne dolorosa, abatida no chão da cabine. Gérard não teve coragem de içá-lo até o banco. Bem bom assim.

Quando o caminhão começou a andar, o sol fazia a sua viragem por cima da planície. O crepúsculo começava, e iria durar apenas um quarto de hora. Era uma vantagem. O calor não tinha feito saltar a carga pelos ares. Se Gérard o tivesse sabido, teria podido dormir todo o dia. Bruscamente, deu-se conta que de qualquer maneira não teria tido tempo.

Vantagem... De qualquer modo isto parecia um mundo, como lá embaixo, em Las Piedras. E eis que o futuro, que dir-se-ia barrado pela cortina de fumo que saía do talado em chamas, eis que o futuro se abria de novo. E justamente, enquanto o coração de Gérard se punha a bater com um novo ritmo, graças a esta ideia, a noite caiu de repente, absorveu, engoliu o pano de nuvem que barrava o setor do horizonte, na direção do qual eles se encaminhavam. Em cúpula, por cima das suas cabeças, o céu tornou-se uniformemente negro. E podia-se muito bem acreditar que era por um puro acaso que não havia estrelas por cima deles.

Em princípio, ganhara. Em princípio, apenas. Talvez fosse ainda um pouco cedo para abrir a porta aos sonhos, ao entusiasmo, à esperança. Havia ainda toda a noite para caminhar. Na verdade, poderiam dizer que as dificuldades tinham acabado. Não se tratava senão de caminhar devagar, sem correr nenhum risco. A sete quilômetros por hora, em média, durante doze horas, tinham largamente tempo de cobrir aquela distância. E restavam as duas horas que seguiriam ao nascer do sol, como margem de segurança, duas horas durante as quais a temperatura não seria ainda perigosa. De qualquer maneira, se não se apresentasse um terreno de solo unido, não poderia tentar a velocidade máxima. Desde que tivesse possibilidade de o fazer de outra maneira, seria louco... E, de resto, Gérard não se sentia nesse estado. Mal podia fazê-lo funcionar, levando-o devagar, ao longo de todo o caminho, e no entanto.

As coisas não se passam tão bem como isso na cabeça de Sturmer. De momento, sente-se em forma, saboreia antecipadamente uma migalha, um bocado do feliz êxito da sua empresa. Já, em pensamento, Para o caminhão e a cem metros do talado, e desce, deixando atrás de si a porta aberta. Com uma secreta pressa afasta-se, enquanto chegam aqueles que irão descarregar a perigosa mercadoria. Enfermeiros levam Johnny... E depois uma súbita parada se faz na cabeça, e ele volta bruscamente à realidade, à perigosa condição de comboiar a morte violenta. Começa a não ser senhor dos seus pensamentos...

O caminhão vai devorando a estrada com o mesmo apetite pacífico e moderado. No fundo da planície, o incêndio está agora bem visível. Altas chamas claras saem da terra, mas não se veem senão em rápidas e raras aparições, quando o redemoinhar do fumo as desvenda. O resto do tempo, apenas um vasto reflexo vermelho dança nas pregas negras do pano de luto, que o incêndio estendeu, como para esconder a porta do fundo, a porta por onde deve sair o vencedor.

8

Decididamente não, as coisas não vão tão bem assim na cabeça de Gérard. Faltam acessórios do triunfo, é um sonho em que a falha catastrófica ainda não se revelou, mas é de esperar que ela não demore. A fronte está úmida; ele procura, procura e não encontra alguma coisa, ainda uma vez e outra: sucessivamente, dois, três detalhes do solo surgem da noite e são afastados pela luz dos faróis. Mas o caminhão continua a rodar, ainda não está tudo acabado, classificado, arranjado, ganho? Sono e delírio de cansaço se misturam em seus pensamentos e seus olhos. O sono e o delírio escolheram a pessoa de Sturmer para se explicar, para liquidar uma querela. Impossível dizer *vão embora*, não o compreenderiam. Os reflexos do motorista, se foram ganhos numa experiência muito longa, muito rica, sobrevivem à perda da consciência do homem que dirige. Eis o francês lançado através de seu meio-sono e que continua o caminho. A velocidade reduzida, as consequências da insolação... Talvez fosse melhor parar de todo. O pé escorrega do acelerador, e vai parar. Mas não tem esse direito: de manhã deve chegar. De manhã ou nunca. O caminhão segue ao longo das asperezas da estrada. A chapa ondulada oferece suas fendas e se ele chafurda e roda os enormes pneus, raspa sua superfície negra, elástica e dura; retira-os, chama-os e torna a jogá-los à frente com um movimento de paquiderme. É assim, pelo menos, que Sturmer tem consciência que as coisas se passam.

Há entre um homem e seu carro como que uma tecedura de sensações comuns. Quando um chofer falha em uma curva, vira e morre foi porque faltou sensibilidade. No nosso tempo, as pessoas não têm nenhuma espécie de sensibilidade. Chorar, isso sim, sabem. Mas sentir? Já não têm coração para isso.

— Mas o que é isso? Estou amolecendo...

Não há café na garrafa. O conhaque não pode ajudar, daria ainda mais sono. Para lutar contra o sono e a sua sedução, está sozinho, meu irmão. Defenda-se. Não se deixe abandonar. Vai tentar desenhar no muro da noite, a sua volta, um universo inventado onde não deve se deixar apanhar. Luta. Luta. Encosta na parede e luta ainda. Aquela mulher nascida dos turbilhões do incêndio e que corre para você com um olhar pesado, aqueles gestos, toda essa mímica obscena a que se entrega ante seus olhos maravilhados, ávidos: aquela mulher não existe, tudo é inventado, tudo é falso. E se ela existisse, só poderia ser a morte. Basta que saiba disso. Basta que o saiba. Desde o momento que em seu espírito a considere uma miragem, figura sem força, sem corpo e portanto sem alma, então poderá acolhê-la... conquanto mantenha o volante na direção, a embreagem em a primeira e o acelerador até o meio.

...Não ouça as palavras de incitamento sórdido no sonho, Gérard, ou está perdido. Aperte as sobrancelhas, feche os olhos, abra-os, sacuda a cabeça, recuse, afaste-a, corra.

A mulher é a mais forte. Não abriu a porta da cabine e, no entanto, está ali, sentada ao lado de Sturmer, os pés em cima do corpo de Johnny, sempre caído. Muito embora não tenha rosto, é muito bonita; a maneira como chupa o cigarro deforma-lhe a boca, como uma carícia, como um rito de prazer antegozado. No entanto, não tem boca. Com um violento esforço mental, remete-a para o incêndio donde ela nunca devia ter saído. Carrega no freio — não com muita força, atenção, Gérard, atenção! O caminhão imobiliza-se com um estremeção sensível. Sturmer esfrega os olhos, levanta os ombros. Tateia o banco à procura dos cigarros, e encontra, crispada sobre o maço, a mão de Johnny. Aperta-os com muita força, aquele animal. Não há meio de tirar. Deixa-o! Há outros na rede, em cima.

A mulher voltou. Continua a não ter rosto, mas é cada vez mais provocante.

— Tire os pés de cima do meu companheiro.

Por ter dito isso muito alto, esta frase absurda, por qualquer lado que seja vista, ter falado muito

alto não acorda Gérard. Oh, ele também não dorme! Estão dois homens ali sentados, onde ele está, é o que é. Um que conduz razoavelmente o caminhão vermelho, a passo, ao longo do seu calvário acidentado, que tem medo, que é lúcido e prudente, que faz o que tem a fazer, sem gênio, mas honradamente. Esse vê a estrada, a monotonia da planície, e, ao fundo, as colunas de fumo que sobem para o céu e que caem em toalhas, em volta do poço que arde. Depois há outro que ignora tudo, que caminha na noite e que dois mortos acompanham no seu caminhar de cego: um que foi uma vez seu companheiro, há muito tempo, há uma hora pelo menos, e que cessou de viver há pouco mais ou menos um século, e uma mulher que teima em não ter rosto, que é bela, apesar desse defeito, e que é provavelmente a própria morte.

— Eu sou Ana — disse ela. — Eu te desejo.

Desta vez não é Gérard acordado o que dirige o caminhão, que tem medo, mas o outro.

Agora, agarrando-se, refletindo-se na própria tela de fumaça, o clarão sobe muito alto no céu, para iluminar a terra. Mas os seus reflexos vermelhos cortam desmesuradamente as sombras. Outras personagens nascem debaixo das rodas. Felizmente não têm tempo de se corporizarem: o capo do carro engole-as, morrem esmagadas.

A mulher pousou uma mão na coxa de Gérard. É uma mão muito doce, ele sente-a através do pano estendido das calças. O motor rosna a sua litania; de passagem, decifra palavras: são palavras proibidas daquelas que o perturbavam quando ele era pequeno de uma maneira que então não compreendia.

Gérard, o chofer, continua a fazer bem o seu trabalho. No painel do contador, a agulha encontra-se fixa nos dez quilômetros por hora, e não mexe. Regularmente as rodas devoram a estrada, e a cospem para trás ao passarem, seguramente, sem levantar detritos, sem poeira: com esta velocidade, parecia que rodavam sobre manteiga. O outro Gérard está livre nas suas quimeras.

Curiosa esta tendência para se recordar da infância, esta noite. Ana está agora voltada para ele. É possível que já há pouco estivesse nua; não há maneira de se lembrar. Mas neste momento ela exibe a seus olhos todos os seus tesouros de mulher, o colo, o ventre, o triângulo vermelho entre as coxas. E ao homem parece a primeira vez, a primeira mulher. O que ele não teria dado aos quinze anos para ver aquilo...

A mão sobe pela coxa, a pressão fica mais forte; ele vigia mentalmente sua aproximação. É certo, seu objetivo é certo. Só ali que ela pode ir. Agora tem medo de acordar. Voltou a ser rapazinho para quem cada sonho desse tipo não podia terminar senão com uma decepção, porque não podia sonhar mais longe, por falta de saber. Mas esta noite vai com toda certeza acontecer alguma coisa. Vai acontecer...

Quando enfim acontece, mais uma vez foi roubado. Justamente uma pressão mais forte, que fecham nele os dedos da mulher, e que se prolonga o tempo de alguns tremores. Uma queimadela. Acabou. A mulher tem um ar contente, ávido. Mas continua a não ter rosto e um instante depois desaparece. Os dois Gérard são agora apenas um e têm os olhos presos na estrada, um pouco estafados, torturados também, concordam em atribuir tudo isso ao cansaço. E à angústia também, sem dúvida.

Sturmer tira um cigarro da rede. A luz do fósforo dura ainda o suficiente para que ele note que o romeno, deitado no chão, já não respira. Um homem que morre tem sempre necessidade de se agarrar a alguma coisa. Para este foi um pacote de Lucky. Uma palavra que em inglês significa sortudo.

A noite debulhou os seus segundos, um a um, muito lenta, muito cruel. Não lhe fez mercê de nada. O sono agarrou-o com as unhas por dentro das pálpebras e puxou até as dilacerar. Mas nada sangrou. Talvez que apesar de tudo ele não tivesse sangue. E esse cadáver a comboiar, que em vida cheirava já a gangrena... Cada vez mais pérfida também a dança das sombras, a dança do fogo diante das rodas. Ao menos a mulher não voltou. Estava completamente só com Johnny. Só.

O clarão tornou-se mais intenso, aflitivo, deslumbrante. A cada instante pensava que tinha chegado e espiava a noite de mais perto. Ainda não. Com a sua marcha sonolenta, o caminhão tornava a partir. Sentia ressoar nos ouvidos as vozes que o acolheriam, mas não era verdade. Bem pior, a chama que havia horas via distintamente, a chama começava a empalidecer, depois desaparecia de todo. Uma

noite mais densa tinha-o envolvido por todos os lados, e ele não compreendeu imediatamente que o dia acabava de nascer e que o sombrio pano que o envolvia era a nuvem em volta do fogo, num largo perímetro de terreno. Depois a fumaça começou a pairar, e, por uma abertura, viu homens virem a seu encontro. Agitavam vigorosamente os braços para lhe fazer sinal de que não devia avançar mais.

Mas ele não acreditava. Um deles subiu ao estribo e pegou seu cotovelo...

— Bravo, rapaz! Ganhou.

— E os outros?

Sono. Sono de bruto que esmagava debaixo de si o pensamento, o mundo, a própria vida. Horas e horas de sono maciço, sem sonhos, sem movimento, sono parecido com a morte. Membros pesados de chumbo, viscosos de noite. O cansaço juntava o seu peso ao do dorminhoco, fazendo pesar nos lençóis cada polegada de sua pele. De longe em longe, um suspiro, o resfolegar do ar nos lábios. Voltava apressadamente ao aniquilamento, saboreava-o, provava seu gosto, se entregava.

A tenda se erguia a três quilômetros do local onde os homens da Crude tinham levantado à pressa uma espécie de hangar para albergar o explosivo. O sol que lhe batia verticalmente dava-lhe uma cor de ocre no interior. O calor sufocante reinava lá dentro. Com as suas lâminas prateadas, um ventilador batia o ar quente. Sobre a pele do homem que dormia, corriam tranquilamente pequenos carreiros de suor.

Enquanto uma equipe procedia à descarga do caminhão, três indígenas abriam vagarosamente uma cova para Mihalescu.

— Com dois metros de profundidade! — resmungou um negro grande, pondo de lado a enxada, com um gesto de descontentamento, para limpar a testa. — Quando é para um de nós, basta um punhado de areia...

Johnny também estava ali. Ainda não o tinham estendido, continuava todo encarquilhado sobre o toldo que lhe haviam destinado como sudário. Por ter ficado cozinhando desta maneira toda a noite ao calor do motor, cozinhando em sua própria imundície...

— E vocês ainda falam de prensa a vapor.

Exprimira-se assim sobre o cadáver o cozinheiro-chefe, um chinês que, como a maior parte dos compatriotas, trabalhou numa lavanderia.

Pouco a pouco, dificilmente, a cova atingiu a profundidade prescrita. A sorte estava lançada; Johnny Mihalescu, que começava a cheirar terrivelmente mal, não seria presa das aves de rapina, mas dos vermes, como se tivesse morrido em seu país.

O sol não demoraria muito a desaparecer. Lá longe, sob a tenda, finalmente ao abrigo das atrozes surpresas da nitroglicerina, Gérard continuava a dormir. Não assistiria ao enterro daquele que, feitas bem as contas, ele é que matara.

Estava marcado para as nove. Em sua barraca, o chefe do campo se enervava porque não conseguia encontrar a Bíblia. Não estava em cima da mesa, não estava debaixo dos sapatos no armário metálico... Mas onde, diabo?... Ah, não, isso não! É uma palavra que se deve evitar quando se trata do Livro Sagrado. Pronto, ali estava, no armário da farmácia, por trás das caixas de sulfamida. Deixando a porta se fechar, Gerald Mc Jovenn saiu e dirigiu-se com passo firme para o local do enterro.

Mais uma vez o incêndio tomara o lugar do sol no zênite. A essa hora era o senhor da planície e do mundo visível para toda a noite. O seu ruído obstinado, poderoso, enchia o silêncio, deixando pouco lugar à voz humana.

Dois ianques fortes esforçavam-se a puxar pelos membros de Johnny, para lhe arranjarem uma posição mais conveniente. Era uma tarefa horrível e porca, devido à rigidez cadavérica que se

prolongava e à gangrena que tornara os tecidos frágeis. Dominavam-se tanto quanto podiam para não pronunciarem blasfêmias horríveis. De vez em quando, voltavam a cabeça para respirar uma lufada de ar puro.

De costas voltadas para o incêndio que se torcia, brotando da terra para assaltar o céu, Mc Jovenn começou a pronunciar os Salmos. Por trás dele, na mão dos coveiros, tochas de palha embebidas em petróleo espalhavam uma luz agitada.

Não fazia vento, mas às vezes sem razão, rolos de fumo desciam para o chão e faziam tossir os assistentes.

"Adonai, Adonai, chefe da casa de Israel, que apareceste a Moisés no fogo da sarça ardente, tem piedade do teu servidor, Senhor, nós to suplicamos..." Os homens do petróleo estavam todos ali, exceto aqueles cuja presença era indispensável à vigilância do campo. No fim de cada frase, os indígenas católicos benziam-se e murmuravam precipitadamente: — Amém.

"Apressa-te a socorrer-me, oh Deus, que és a minha salvação. As minhas faltas são como ondas que me têm submerso. Senhor, não me castigues com a tua cólera." Um archote vacilou e apagou. Mais além, na penumbra, deixando o círculo dos assistentes, afastava-se um homem a tossir.

"O Senhor faz justiça por vias diretas. Mostra-me o teu caminho, meu Deus, e ensina-me a tua sabedoria..." O chefe do campo fechara o Livro. Dois indígenas haviam colocado os archotes em terra e começado a atirar para dentro da cova grandes pazadas de areia, sem que se ouvisse o habitual ruído, de tal modo sinistro, do cair da terra em cima da madeira: o romeno fora enterrado sem caixão, nu sob o pano, Gerald Mc Jovenn avançara até a beira da cova e fizera uma pequena oração pessoal.

"Senhor que disseste: As raposas terão a sua toca mas o Filho do Homem não tem uma pedra onde repouse a cabeça, e que durante os dias da tua passagem entre nós tão frequentemente dormiste ao abrigo das tendas e da folhagem, acolhe a tua criatura no repouso dos eleitos. Nós te suplicamos. Talvez que Johnny tenha vivido no pecado e na iniquidade. Ninguém pode dizer. Mas morreu a cumprir a sua tarefa, fazendo o que tinha a fazer e com certeza sem orgulhos. Recebe-o, Senhor, na tua casa." — Recebe-o na tua casa, — repetiram os ianques.

— E não conseguiu parar a tempo? — Ele estava de lado e não o vi cair. Depois eu estava tão cansado...

— Imagino.

Na barraca do chefe do campo, estavam sentados com três copos na frente, Mc Jovenn, especialista enviado pela Dallas para a colocação das cargas do explosivo, e Sturmer. Sturmer lavado e barbeado, perfeitamente à vontade no fato lavado que fora buscar na cabine do caminhão descarregado, agora completamente inofensivo; Sturmer nem se conhecia, tão bem se sentia.

O uísque era do escocês, White Horse, bom, pelo menos para Gérard. Os ianques bebiam do de centeio, visto que lhes agradava aquele gosto a brilhantina.

— Vou fazer o meu relatório — tornou o engenheiro. — O resto não conta. Mesmo as feridas não eram graves. Morreu devido à infecção; e com isso não tem o senhor nada a ver; é o que vou dizer. Passou um mau bocado, hein? Gérard parecia não acreditar senão quando o outro lhe entregou o recibo pelos seus duzentos quilos de carga.

— Atenção. Esse papel vale dois mil *packs*: pus junto a parte do seu companheiro. A sede só receberá meu relatório dentro de oito dias. Portanto, fixe o que vou dizer: Johnny Mihalescu morreu ao chegar aqui. Antes de morrer pediu que lhe fosse entregue o prêmio dele. Já falei no caso com meus adjuntos. Eles concordam. A Crude é suficientemente rica.

— Muito obrigado. Muito agradecido — disse Gérard.

Dois mil dólares. Justamente o necessário. Fechou os olhos. Imagens puseram-se a dançar sob suas pálpebras cerradas. Acabou! Acabou a viagem; acabou o suplício; acabou a loucura e o medo...

— Quando quer partir de novo? Se quiser um chofer pode levá-lo. Temos aqui bons volantes que

ficarão contentes de passar um fim de semana em Las Piedras. Isso lhe permite repousar para a viagem seguinte...

Não haveria viagem seguinte para Sturmer, mas não precisava informar disso o americano, que faria lamentar a decisão.

— Eu dirijo. Acabo este copo e vou embora.

Era cedo, o sol não tinha ainda força. Sessenta horas antes, o caminhão vermelho deixara o litoral para começar sua peregrinação. Três mortos: Bimba, Luigi, Johnny, e o cura de Los Totumos que sem dúvida não estaria com muita saúde. Mas os pensamentos de Sturmer não pararam neste balanço brutal.

Tem prazer em se sentar bem no assento estofado, em bater com a porta, em arrancar de repente, de súbito. Pisou no pedal e sem cuidados chegou à entrada da estrada, à porta do campo. Estendeu o braço para os que ficavam para trás. Este gesto de despedida pareceu-lhe irrisório, zombeteiro. No retrovisor viu o chefe do campo que correspondia. Por fim, só com os seus projetos, com tudo o que o esperava de alegrias saboreadas antecipadamente, precipitou-se para o futuro que o aguardava no porto de pesca, ancorado na calheta, balançando ao ritmo da onda pequenina, no mar caribenho, de bordo a bordo.

Teve vontade de gritar. O motor puxava com toda a potência e gritava com ele. Do fundo do coração, o vencedor cantava. A volta era um passeio. Não se tem um volante nas mãos durante toda vida, para exprimir a alegria de outro modo que não seja pela velocidade. E sobretudo o ter dominado o seu entusiasmo, ter contido o apetite de velocidade durante tanto tempo, nessa última viagem.

Gérard deixa-se arrastar pela exaltação que lhe dá a sua própria segurança, o seu virtuosismo. Com os ombros afastados do banco, saltando aos solavancos, guia com gestos sóbrios. No quadrante, a agulha vai subindo. A oitenta, os solavancos se atenuam, o caminhão já não roda, voa. Dois movimentos de volante, rápidos, incisivos a aderência ao solo é ainda suficiente. Noventa, cem. O motor embala, deixa de modelar o grito, ruge de maneira contínua.

Nesta velocidade chega às dez horas: quinhentos quilômetros, nem tem tempo de perceber. Sturmer se instala na velocidade. Imagens, ideias mais precisas se formam no cérebro. Quando chegar, vai receber o dinheiro. Pôr o barco em estado de poder navegar. Resolver as coisas sobre o padre massacrado, sem entregar um vintém que seja à polícia. Arranjar um brevê de piloto para fazer a navegação costeira do país. Procedamos com ordem... E antecipadamente Gérard começa a viver a volta. No que diz respeito ao caminho que ainda tem de percorrer, entrega-se ao caminhão. O caminho é reto. Esta espécie de segunda natureza de um homem que vai ao volante permite que mantenha o espírito livre.

A graça será ao entrar em Las Piedras, passar em frente ao Corsário Negro. Estarão todos lá. Linda. Uma vaga recordação da mulher da outra noite atravessa seu espírito. Mas deixou de ser bom público para estas seduções de miragem. Não há muito de comum entre o infeliz da noite passada e o vencedor de hoje.

"Dizer que enganei Linda com um fantasma..."

Imagina a fúria, o receio supersticioso da índia, se o soubesse. Isso dá vontade de rir.

Sim, vai parar um instante na porta do Corsário e dirá...

É impossível imaginar mais nada. Chega ao campo da Crude, desce do caminhão diante do pavilhão daquele bruto do O'B.

— Hullo, guy! Happy to see you again. (Olá, rapaz! Feliz por te ver de novo).

Também não vai demorar muito. Talvez também que à força de ter tido cuidado de não confiar em

nada... De toda a maneira, ei-lo reduzido à condição de ter de lutar contra o aborrecimento, contra a impaciência, sem outro recurso que os incidentes da estrada. É pouco.

A planície é lisa como uma tela encerada. Roda agora de costas voltadas para o incêndio e não tem sequer os rolos de fumo para o distrair.

No horizonte, o planalto Para de repente à beira do céu. Este corte nítido indica luminosamente, indiscutivelmente, que é lá em baixo que começa o mar.

Nem uma árvore. Uma vegetação que, a certa distância, se confunde com o terreno. Nem uma elevação, nada. Os dois cilindros negros do pipeline correm ao longo do caminhão, no mesmo sentido.

— Não vá muito depressa — dissera-lhe Mc Jovenn, quando Gérard se despedira dele.

Descansa, Mc, não é pelas preocupações dos interesses da companhia que ele se apressa, que corre assim como um louco, esse, Sturmer. É por ele mesmo, e nada mais.

Como na madrugada que se seguiu à morte de Luigi e de Bimba, um bando de papagaios cruza a estrada de Gérard, continuando em pleno céu uma conversa barulhenta.

"Vou precisar de um para o barco, que ficará no mastro grande — pensa ele. — Não quero um de muitas cores, não quero uma arara: são idiotas. Quero um destes." A verdade é que são gentis e engraçados, uma vez aprisionados. Inteligentes e afetuosos como cães. Sturmer lembra de tudo que possa distrair. Ri ao lembrar de Bobby, um cara expulso da Venezuela por ter batizado um papagaio de Bolívar.

— Esses caras! Pretensiosos, suscetíveis e odiosos. Mas agora transformado num homem rico.

As suas mínimas alterações de humor serão sagradas. Poderá esbofetear o administrador, profanar os vasos sagrados, violar crianças de mama, ninguém se atreverá a dizer-lhe nada.

— Tenho uma fome! Para, revista o saco que o cozinheiro chinês encheu em sua intenção. Lá dentro há com que restaurar um congresso da Legião Americana: caixas de conserva de lagosta, de galinha, de salmão. Latas de cerveja, latas de uísque, mas do mau: do de centeio. Chicletes, chocolate, hortaliças, uma espécie de guisado de legumes, cujos elementos é impossível distinguir. Com uma atenção impressionante, o chinês, que é um admirador da coragem triunfante, juntou uma sobremesa da sua composição: um filete de iguana — abundam nesta região — seca ao sol, com calda de açúcar, e passado num molho verde com reflexos róseos, cheio de filamentos de caramelo, úmido, bolorento. É exatamente tão indigesto e impossível de tragar como a descrição! Mas a intenção é que conta.

O ruído do motor ouve-se de novo. Felizmente que Gérard não comeu muito e não bebeu nada. De qualquer modo, ao lado do que passou a outra noite, vencer este sono não custa nada, é fácil como as coisas fáceis.

Por muito absurdo que pareça, o que ocupa agora mais lugar na paisagem é o silêncio. O silêncio maciço, compacto, presente. Um silêncio que cala tudo. Quando um posto aparece no horizonte, a silhueta do telégrafo Chappe bate compasso para nada. O seu ruído tranquilo parece não fazer qualquer barulho, mas juntar-se ao silêncio do universo, que mal se ouve. O caminhão engole-o, ultrapassa-o, o tempo de dez giros de roda cessa de existir. A planície recomeça.

Las Piedras, dezesseis quilômetros. A derradeira curva forma-se aqui. Vertigem de rodear a estrada da montanha. Freada, embreagem, manobras de volante. A massa do caminhão embala, inclina-se, obstina-se contra tudo para o lado externo da curva, perde a aderência, torna a encontrá-la e precipita-se para a saída. Mais depressa, meu Deus! Mais depressa! É preciso ter coragem nestes momentos. Na próxima vez, tem de ser mais depressa que agora, e a curva que virá, fazê-la mais seca. É um jogo, evidentemente que se trata de jogo. A morte descerrou os dentes, esqueceu o caldo mortal lá embaixo no talado. Mas fica entre as mãos do homem que ganhou confiança em si mesmo pela recente vitória, uma arma dócil e precisa, uma espécie de carabina, de metralhadora capaz de arrasar a estrada, de nivelar as curvas uma a uma.

Vertigem, curvas, o jogo dos pés nos pedais fica selvagem, para frear, para desembrear, para pôr o motor em pleno rendimento, na passagem pelo ponto morto, para tornar a partir. É às palmadas, aos

socos que a alavanca de marcha voa de ranhura em ranhura, puxada até o fim, a cada entrada de curva e a cada saída.

Os pneus, o diferencial se lamentam, gemem, gritam, uivam. Os cem, os duzentos cavalos relincham ao mesmo tempo. Entre os dedos cerrados de Gérard, o volante fica dócil, vivo e inteligente. Justamente a meia encosta, a tabuleta de sinalização indica a mudança de vertente. Ah, agora a coisa é séria! São problemas que não se resolvem com violência. Freia. Freia, pelo amor de Deus! O pedal não obedece, já não resiste: funciona no vácuo.

Joga as mãos no freio de mão. Está claro que não bastará. Mas talvez que ainda tenha tempo de reduzir o motor, baixar a velocidade. Deixando de insistir no freio de pé, Sturmer passa para uma quinta, embala o motor com uma pedalada de acelerador furiosa e desesperada. Passou a quarta, e no quadrante a agulha de um só golpe voltou ao número sessenta. O chassis, as molas, o próprio carro, gemem com a violência do safanão, com pequenos uivos misturados com gritos agudíssimos de um pneu que, na parte de trás, deve ter raspado contra qualquer bocado de madeira ou de ferro arrancado ao chassis. Tem ainda trinta metros para reduzir a velocidade a metade, pelo menos.

Uma nova acelerada arranca ao motor um uivo de ciclone. Mete terceira. A barreira está agora muito perto.

Gérard levanta o pé que segurava a embreagem. Um outro safanão; mas desta vez fraco, atenuado, mole, e um estouro nítido no meio daquele barulho: acaba de pular uma junta da transmissão. O caminhão entra em roda livre.

"Você pode se agarrar ao volante, Sturmer. Pode se obstinar, tentar ainda; lançar-se obliquamente contra o muro, para frear seu entusiasmo. Seu esforço já não é útil; só terá servido para o petróleo. Quanto a você, tinha vencido, mas simplesmente o crupiê trapaceou.

Em volta da rocha há um fosso de escoamento de águas. Uma roda ali se prende. Em velocidade reduzida, no entanto — mas ainda excessiva —, o caminhão roda como um pião em torno da parte da frente. É a parte de trás que pula, arrancando a barreira branca; é a parte de trás que mergulha na ravina. Rodopia, desloca-se durante a queda, perdendo peças, antes do esmagamento final, pedaços de ferro que o acompanham como se fosse chuva.

Vítima do próprio entusiasmo — do entusiasmo de viver —, Sturmer ficou agarrado ao volante.

FIM

www.estradadoslivros.org

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora